

CANUDOS

Revista

ANO 7 – NÚMEROS 6/7 – JAN./DEZ. 2002



**Dedicamos esta edição
à memória do
Sr. João de Régis.
(12/06/1907 - 18/11/2002)**

O centenário de um clássico

Os Sertões

(1 9 0 2 - 2 0 0 2)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA – CEEC

ISSN 1413-941

Revista Canudos

Ano 7 – números 6/7 – jan./dez. 2002

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

Reitora

Ivete Alves do Sacramento

Vice-Reitor

Monsenhor Antônio Raimundo dos Anjos

CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA – CEEC

Diretor

Luiz Paulo Almeida Neiva

CONSELHO EDITORIAL

Clímaco Dias - Universidade Federal da Bahia
Luiz Paulo Almeida Neiva - Universidade do Estado da Bahia
Manoel dos Santos Neto - Universidade do Estado da Bahia
Edivaldo Machado Boaventura - Universidade Federal da Bahia
Oleone Coelho Fontes - Jornalista
Antonio Olavo - PORTFOLIUM
Eldon Canário - Escritor
Lícia Soares de Souza - Universidade do Estado da Bahia
Marco Antônio Villa - Universidade Federal de São Carlos
Sérgio Buarque - Universidade de Pernambuco

Versão Português/Inglês

Claudia dos Reis Motta

Projeto Gráfico e Capa

Luis Eduardo Guerra / PORTFOLIUM

Fotografia da Capa (Sertão)

Antonio Olavo

Tiragem

1.000 exemplares

Revis

ISSN 1413-941

Revista Canudos

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Revista Canudos Salvador ano 7 n. 6/7 jan./dez. 2002

CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA – CEEC

REVISTA CANUDOS

Revista do Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC

Publicação semestral temática que analisa e discute assuntos relacionados ao semi-árido do Estado da Bahia, aberta a contribuições externas, desde que estejam de acordo com a linha editorial adotada. Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. É permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: A correspondência relativa à colaboração, pedidos de permuta, assinaturas, etc., deve ser dirigida à:

Revista Canudos

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC

Largo do Carmo, nº 4 - Centro Histórico

40030 - 040 - Salvador (BA)

Tel. 71 - 241.0787/0811/0840

e-mail para o envio dos artigos:

ceec@uneb.br

unebceec@bol.com.br

Revista Canudos / Universidade do Estado da Bahia
Centro de Estudos Euclides da Cunha
v.1, nº1 (jul./dez.1996) Salvador: UNEB, 1996

ISSN 1413-941

1.Canudos, Ba - História. 2. Brasil - História - Guerra de Canudos, 1897

CDD: 981.05

CDU: 981 "1897"

Apr

Evelin

Par

Hor

José

Ediva

Rob

José (

Hon

po

Ange

Par

Os

Do

Robe

Um

Walr

Inte

Os

Luci

Em

Carl

SUMÁRIO

Apresentação 09

Evelina Hoisel

Parte I

Homenagens

José Calasans, patrono de Canudos ----- 19

Edivaldo M. Boaventura

Roberto Ventura 25

José Carlos Barreto de Santana

Homenagem a Renato Ferraz e à sua luta pela dignidade do povo do Arraial de Belo Monte e da Canudos de hoje 31

Angela Gutiérrez

Parte II

Os Sertões

Do mar se fez o sertão: Euclides da Cunha e Canudos 39

Roberto Ventura (In Memoriam)

Uma carta inédita de Euclides da Cunha 71

Walnice Nogueira Galvão

Intencionalidade e proliferação dos significados em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha 77

Luciano Rodrigues Lima

Emudeceu o sino – memórias de um soldado-músico em Canudos 87

Carlos Perrone Jobim Júnior

o semi-
acordo
dade de
te.

s de

97

Legião de demônios ou novos crucificados? Elementos religiosos e teológicos nos olhares de Euclides da Cunha sobre Belo Monte e Antônio Conselheiro	103
Pedro Lima Vasconcellos	
“Rua do Ouvidor” versus “Caatingas”: comunicação e guerra em <i>Os Sertões</i> e em <i>A Guerra do Fim do Mundo</i>	117
Lidiane Santos de Lima	
Poesia e reconstrução no percurso discursivo de <i>Os Sertões</i>	135
Léa Costa Santana Dias	
<i>Os Sertões</i> , o olhar estrangeiro e a “mirada estrábica”	147
Angela Gutiérrez	

Pres

Evelin

Part

Hon

José

Edival

Robe

José C

Hon

Belo

Angel

Par

Os S

Fron

Robert

Anc

Walnic

Inter

by E

Lucia

The

Carlo

Legi

unde

Con

Pedro

SUMMARY

Presentation 13

Evelina Hoisel

Part I

Honors

José Calasans, Canudos's Patron 19

Edivaldo Boaventura

Roberto Ventura 25

José Carlos Barreto de Santana

Honors to Renato Ferraz and his fight for the dignity of the people from
Belo Monte's small village and the dignity of Canudos in the present. 31

Angela Guitiérrez

Part II

Os Sertões

From the sea was made the "Sertão": Euclides da Cunha and Canudos 39

Roberto Ventura

A non-published letter by Euclides da Cunha 71

Walnice Nogueira Galvão

Intentionality and proliferation of the meanings in "Os Sertões",
by Euclides da Cunha 77

Luciano Rodrigues de Lima

The bell silenced – Memories of a soldier-musician in Canudos 87

Carlos Perrone Jobim Júnior

Legion of demons or new crucified? Theological and religious elements
under the look of Euclides da Cunha about Belo Monte and Antônio
Conselheiro 103

Pedro Lima Vasconcellos

Ouvidor Street versus “Caatingas¹”:communication and war in
“ Os Sertões” and “A Guerra do Fim do Mundo” 117
Lidiane Santos de Lima

Poetry and reconstruction in the discursive path of “ Os Sertões” 135
Léa Costa Santana Dias

“Os Sertões”, the foreigner look and the ‘crossed – eyed look’. 147
Angela Gutiérrez

de
bras
de l
fate
per
Cu
con
Bra

cel
Jos
Bo
euc
crit
rec
Est
siti
des
Ric
tan

dis
no:
cor
Cu
aq
poi
—
Di

Apresentação

Evelina Hoisel¹

A *Revista Canudos* dedica este volume à comemoração do centenário de publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, livro já consagrado monumento da cultura brasileira, documento da memória nacional. Desde que foi publicado, em 2 de dezembro de 1902, o impacto do leitor diante do emaranhado de signos, imagens, símbolos, mitos, fatos históricos, teorias científicas, contidos em sua tessitura, não é muito distinto da perplexidade do leitor do início do século XXI, que celebra a obra de Euclides da Cunha como texto fundador da nação, articulando-se diretamente ao processo de construção da identidade nacional, pela diversidade de visões e de representações do Brasil que encorpa em sua trama.

Ao homenagear *Os Sertões* e Euclides da Cunha, seu autor, a *Revista Canudos* celebra também a memória de três eminentes estudiosos da saga de Canudos: o professor José Calasans, cujo estudo e classificação das narrativas orais do ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro possibilitou a construção de uma versão de “Canudos não euclidiano”, representando também um marco decisivo para a mudança de rumo da crítica universitária de *Os Sertões*; o Professor Renato Ferraz, ilustre referência para a reconstrução e preservação da memória de Canudos, através da criação do Centro de Estudos Euclides da Cunha, em Salvador, e do Parque Estadual de Canudos, com seus sítios histórico e arqueológico; e o Professor Roberto Ventura, cujo trágico desaparecimento, ao retornar de evento comemorativo do centenário em São José do Rio Pardo, representa uma irreparável perda não só para os estudos canudianos, mas também para a cultura brasileira.

A variedade dos ensaios que compõem a *Revista* é elucidativa da multiplicidade de discursos que constroem a narrativa de *Os Sertões*, suscitando distintas interpretações nos diferentes campos do saber. Encontram-se aqui, sob a perspectiva das teorias contemporâneas, artigos que contemplam a construção da biografia de Euclides da Cunha e o estudo de sua correspondência; artigos de natureza comparatista, bem como aqueles que rediscutem o estatuto do discurso de *Os Sertões*, procurando situá-lo do ponto de vista de uma determinada ordem discursiva.

¹ Diretora do Instituto de Letras da UFBA

E é do saudoso Roberto Ventura, que se dedicava tão apaixonadamente a escrever a biografia de Euclides da Cunha, o artigo intitulado “Do mar se fez sertão: Euclides da Cunha e Canudos”. Estão aí traçados os dados biográficos que desenham, sob perspectivas distintas, o perfil de Euclides da Cunha e suas relações com os acontecimentos da guerra, situando as forças que impulsionaram o desejo de registrar os dramáticos episódios de Belo Monte. Roberto Ventura focaliza sua leitura mostrando como Euclides da Cunha recriou o imaginário dos seguidores do Conselheiro, propondo uma outra interpretação de Canudos. Singulares na construção biográfica empreendida por Roberto Ventura são as interfaces estabelecidas entre a figura do Conselheiro e a de Euclides. Entretanto, na complexidade das relações entre autor e obra, contraditória é a violenta morte de Euclides em relação à proposta de *Os sertões*, “um manifesto contra a violência”.

Os bastidores da publicação de *Os sertões* são focalizados no estudo “Uma carta inédita de Euclides da Cunha”, de Walnice Nogueira Galvão. Aqui, põe-se em circulação uma carta enviada por Euclides da Cunha a José Veríssimo, através da qual agradece os favores recebidos de Veríssimo, um dos críticos literários mais proeminentes da época. A carta se inscreve nas gestões de Euclides para conseguir publicar o seu livro, *Os Sertões*, e caracteriza-se como uma importante peça de sua vasta correspondência, trocada com amigos e intelectuais da época, muitas delas solicitando ou agradecendo favores.

Já o ensaio de Luciano Rodrigues Lima estuda as contradições de uma obra que oscila entre historiografia e literatura. Utilizando-se de um aparato conceitual bastante pertinente para refletir sobre as contradições de *Os Sertões*, Luciano Lima toma como ponto de partida para sua leitura a questão da intencionalidade da obra, colocando em diálogo as declarações de Euclides na Nota Preliminar e nas Notas à 3ª edição de *Os Sertões*, e evidenciando que, ao se definir como um “narrador sincero”, Euclides comete uma “insinceridade”. Ao tempo em que percorre a espessa trama dessa narrativa, Luciano Lima problematiza questões cruciais para a compreensão dos “equivocos científicos”, dos “defeitos estéticos”, e das “contradições flagrantes” desse texto, verdadeiro Hércules-Quasímodo, como denomina o autor.

Ao comparar a narrativa de Euclides da Cunha com a do memorialista Isidoro Virgínio, soldado músico da coluna Savaget, através do registro da guerra de Canudos nos seus cadernos de anotações, Carlos Perrone Jobim Júnior propicia ao leitor da história do Conselheiro e seus seguidores a singular oportunidade de conhecer mais um documento inédito, que traduz o pensamento de um homem do povo sobre sua época e

sobre o drama da guerra. Da confrontação dos dois relatos, o de Euclides e o de Isidoro, modificam-se algumas interpretações que construíram uma determinada versão da nação brasileira, enriquecendo-se e ampliando-se, a partir desse outro crivo, o resgate de uma memória cultural.

A teologia alicerça o estudo de Pedro Lima de Vasconcellos, que incursiona pelas imagens de *Os Sertões* para explicar as inúmeras recorrências de Euclides, na descrição do conflito de Canudos, a símbolos, mitos e paisagens da Bíblia, salientando que essas imagens, cenas antiqüíssimas do imaginário ocidental, não se devem apenas a um efeito estético ou retórico pretendido pelo livro, mas são sintomáticas das mudanças ocorridas no posicionamento de Euclides, durante o seu relato sobre Belo Monte e Antonio Conselheiro. Ao indagar, desde o título do artigo, “legião de demônios ou novos crucificados?”, o autor já sintetiza os extremos da visão euclidiana sobre a motivação da guerra, demonstrando que as imagens bíblicas sustentam tanto o “escárnio inicial” com que Euclides da Cunha tratou os seguidores de Antonio Conselheiro, quanto “a explícita simpatia” posterior que revela pelos sertanejos.

Ainda no campo dos estudos comparatistas, situa-se o ensaio de Lidiane Santos de Lima, que aborda o papel da comunicação, da imprensa, na formação da opinião pública em *Os Sertões* e em *A Guerra do fim do mundo*, de Mário Vargas Llosa, este último, inserido no ciclo temático canudiano. Dessa confrontação resulta, ainda, uma delimitação de territórios que diferencia literatura e jornalismo no processo de registro da história de uma nação. A escrita literária é a garantia de uma memória não permitida pelo jornal, que noticia os fatos, mas não lhes confere a marca histórica, como a literatura. Para a autora, a importância do ciclo temático canudiano justifica-se ao propiciar o avanço da pesquisa na área da comunicação, permitindo uma teoria da comunicação e da opinião pública com bases nacionais.

A retomada do debate que acompanha *Os Sertões* desde sua publicação é realizada por Lea Costa Santana Dias, ao tratar do tema do “consórcio” entre arte e ciência. Atravessando a pluralidade de vozes, antíteses, paradoxos e oscilações contidos no relato euclidiano, observa a autora que as antinomias são uma solução encontrada por Euclides da Cunha para enquadrar em um só texto a complexidade do universo sertanejo.

Já a instigante leitura que Ângela Gutiérrez realiza em “*Os Sertões*, o olhar estrangeiro e a ‘mirada estrábica’” aborda questões relacionadas à recepção da obra de Euclides da Cunha no estrangeiro, refletindo sobre as motivações que têm suscitado o fascínio de poetas, romancistas, sociólogos, tradutores, historiadores, etc. A problemática recortada é desenvolvida a partir de dois textos ficcionais que reescrevem *Os Sertões: A guerra*

do fim do mundo, do peruano Mario Vargas Llosa, e o *Veredicto de Canudos*, do escritor húngaro Sandor Márai, traduzido e publicado no Brasil em 2002, mas escrito ainda no final dos anos 60 e publicado originalmente no Canadá, nos anos 70.

Cem anos depois da publicação de *Os Sertões*, todas estas vertentes interpretativas, situadas no espaço de *Canudos*, reafirmam o vigor, a atualidade e a importância do texto de Euclides da Cunha não só como referência para a compreensão do sertão e dos sertanejos, mas, sobretudo, para a reflexão em torno dos contrastes e diferenças da nossa cultura, a exemplo da antinomia barbárie e civilização.

publ
Braz
Dec
mytl
muc
celel
cons
repr

also
teac
Con
vers
univ
to th
of 'l
park
pass
repr
Braz

disc
inter
the
biog
com
tryir

was
writ
diff

—
"Bor

Presentation

Evelina Hoisel

The magazine 'Canudos' dedicates this volume to the celebration of the centenary publication of "Os Sertões", by Euclides da Cunha, book already established as a Brazilian culture monument and a historical natural document. Since its publication, in December 2, 1902, the readers' impact facing the amount of signs, images, symbols, myths, historical facts, scientifically theories, all tangled in its linkages, is not very much different from the reader's perplexity in the beginning of the 21st century. The celebration of Euclides da Cunha's work as a national founding text, articulates the construction process of the national identity due to the Brazilian diversity of views and representations, that are encompassed in the plot.

Honoring "Os Sertões" and Euclides da Cunha, its author, the magazine Canudos also celebrates the memory of three great scholars of Canudos saga: José Calasans, the teacher, whose study and oral narratives' classification of the "Bom Jesus Conselheiro's"¹ folkloric cycle, made possible the construction of a "non-"Euclidian's" version of Canudos, also representating a decisive point to change the direction of the university critics of "Os Sertões". And the teacher Renato Ferraz, illustrious reference to the reconstruction and preservation of Canudos's memory, made through the creation of 'Euclides Da Cunha's study center', in Salvador, besides the creation of the state park of Canudos, with its historical properties. And professor Roberto Ventura, who passed away tragically, in his return from the centennial in São José do Rio Pardo, represents an un-repairable loss not only to the studies of Canudos, but also to the Brazilian culture.

The variety of essays that composes the magazine clarifies the multiplicity of discourses which construct the narrative of "Os Sertões", arousing different interpretations in various areas of knowledge. It is found here, under the perspective of the contemporary theories, articles that praise the contruction of Euclides da Cunha's biography and the study of its correspondence; besides articles that also bring the comparative nature, as well as those that rethink "Os Sertões" discourse's statute, trying to place it in a certain discursive order.

The article titled 'From the sea was made the "Sertão": Euclides da Cunha and Canudos', was written by the one we miss, Roberto Ventura, who passionately dedicated himself, to write Euclides da Cunha's biography. It is found there the biographic data which draw, under different perspectives, the profile of Euclides da Cunha and his relations to the war events,

¹ "Bom Jesus Conselheiro" means good Jesus counseleur.

identifying the strength that gave impulse to the desire of registering the dramatic episodes of Belo Monte. Roberto Ventura focuses his reading showing how Euclides da Cunha recreated the “conselheiro”’s followers’ imaginary, proposing another interpretation of Canudos.

The links established between the “Conselheiro” and Euclides da Cunha are original, in the biographical construction enterprised by Roberto Ventura. However, in the complexity of relations between the author and the work, the violent death of Euclides da Cunha contradicts the proposal of “Os Sertões”, ‘a manifest against violence’.

The publication wings of “Os Sertões” are the focus on the study of “ An unpublished letter by Euclides da Cunha” done by Walnice Nogueira Galvão. There, it circulates a letter sent by Euclides da Cunha to José Veríssimo, through which Euclides da Cunha thanks the favors done by Veríssimo, one of the most noble literates of that time. In order to publish his book, “Os Sertões”, the letter subscribes itself in Euclides’s attempts to an important part of his vast correspondence, exchanged with friends and intellectuals of that time, many of them asking for or thanking favors.

Moreover, Luciano Rodrigues’s essay studies the contradictions of a work that swings between historiography and literature. Luciano Lima used a conceptual apparatus to think about the contradictions of “Os Sertões”, taking as a starting point the work’s intentionality, questioning Euclides’s statements and claims, not only in the ‘preliminary note’ but also in the notes to the third edition of “Os Sertões”. He puts into evidence that, by defining himself as a “sincere narrator”, Euclides is being “insincere”. By the time that the dense plot runs, Luciano Lima questions crucial points to the understanding of “scientific misunderstanding” of “aesthetic defects”, and of visible contradictions of this text, a true Hercules – Quasimodo, as the author nominates it.

By comparing Euclides da Cunha’s narrative with the one of Isidoro Virgínio, soldier musician of the Savaget’s regiment, through the register in his note books about Canudos’s war. Carlos Perrone Júnior gives the readers of the Conselheiro and his followers’ history’s a unique opportunity to know one more unpublished document, that translates the thought of an ordinary man about his time and conflicts of the war. From the confrontation of the two narratives, by Euclides and by Isidoro respectively, some interpretations are modified. Some of these interpretations built certain vision of the Brazilian nation, enriching and amplifying, the recovery of a cultural memory.

The theology founds Pedro Lima de Vasconcellos’s study which goes through the images of “Os Sertões” to explain the various solicitations of Euclides da Cunha, to the discription of Canudos’s conflict, to the bible’s symbols, myths and landscapes. Putting into evidence that these images, ancient scenes of the western imaginary, are not only due to the aesthetical effect or due to the rhetorical, intended in his book, but they are evidences of the changes occurred in Euclides’s position, during his report on Belo Monte and Antônio Conselheiro.

When the author inquires, since the article's title, "demons' legion or new crucified ones?", he already summarizes the extremes of Euclides's view about the war's motives, demonstrating that the biblical images support not only the "initial despise" that Euclides da Cunha treated Antônio Conselheiro's followers, but also "an explicit empathy" that he reveals for the people from "sertão".

Still in the field of comparative studies, Lidiiane Santos de Lima's essay is placed. It approaches the role of communication in the formation of the public opinion in "Os Sertões" and in "A Guerra do Fim do Mundo", by Mário Vargas Llosa, the latter inserted in Canudos's thematic cycle. From this confrontation, results in a delimitation of territories that differs literature and journalism in the process of registering the history of a nation.

The literary writing is the guaranty of a memory that is not allowed by the newspaper, which reports the news, but doesn't award it with a historical feature, as it is done in the literature. According to the author, the importance of Canudos's thematic cycle justifies itself at the time, it makes possible the research advance in the communication area, allowing a theory of communication and public opinion with national basis.

Lea Costa Santana Dias carries out and resumes the debate that follows "Os Sertões" since its publication, when she approaches the theme of the "communion" between art and science. Crossing the diversity of voices, antithesis, paradoxes and changes within the narrative of Euclides da Cunha, the author notices that the oppositions are the solution found by Euclides da Cunha to adjust in text the complexity of the universe of people from "Sertão".

However, the stimulating reading that Ângela Gutiérrez makes on "Os Sertões", the foreigner look and the 'cross-eyed look' approaches matters related to the reception of Euclides da Cunha's work abroad. Thinking over the motivations that have caused the delight of poets, novelists, sociologists, translators, historians, etc. the cut out matter is developed from two fictional texts that rewrite "os sertões": "A Guerra do Fim do Mundo" by the Peruvian of Mario Vargas Llosa, and "O Verdicto de Canudos" by the Hungarian writer Sandor Márai translated and published in Brazil in 2002, but written by the end of the sixties and pushished originally in Canada in the seventies. A hundred years after the publication of "Os Sertões", all these interpretative views, located in Canudos's area, reaffirms the vigor, the contemporary aspects and the importance of Euclides da Cunha's text, not only as a reference to the understanding of the "sertão" and its people, but above all, to the thought about the contrasts and differences of our culture, such as the opposition between the barbarian and the civilization.

PARTE I

HOMENAGENS

José Calasans, Patrono de Canudos¹

Edivaldo M. Boaventura
Professor da Universidade Federal da Bahia
e diretor-geral de *A Tarde*.

RESUMO

José Calasans Brandão da Silva centrou a sua vida de professor e acadêmico em Canudos, Antônio Conselheiro e Euclides da Cunha. A sua contribuição foi pioneira abrindo uma nova linha de abordagem que resultou em inúmeras publicações e contribuições utilizando depoimentos dos sobreviventes e descendentes, como história oral.

Abstract

José Calasans Brandão da Silva centered his academic and teaching career in Canudos, Antônio Conselheiro, and Euclides da Cunha. His contribution was innovative, it started a new approach which resulted in various publications and contributions using the survivors and descendents' testimonies, as oral report.

¹ Palavras quando da inauguração do Auditório José Calasans, no Memorial Antônio Conselheiro, Canudos (BA).

² Words when José Calasans Auditorium was inaugurated, in Antônio Conselheiro's Memorial, Canudos (BA).

Quis o diretor do Centro de Estudos Euclides da Cunha, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Luiz Paulo Almeida Neiva, inaugurar o Auditório José Calasans, no encerramento da 9ª. Semana Cultural de Canudos, em 27 de outubro de 2001. Convocou-me para fazer a oração oficial. Aceitei com muito agrado. Por coincidência, estou vindo da homenagem que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro prestou ao estudioso de Canudos, nessa mesma semana, no dia 24 de outubro. Confirma-se mais uma vez que outubro é o mês de Canudos. Agradeço o convite. Agrada-me falar do professor, colega de universidade, confrade da Academia de Letras e amigo.

José Calasans nasceu em 14 de julho de 1915, em Aracaju, e veio, em 1932, portanto com 17 anos, para estudar, na Faculdade de Direito da Bahia. Diplomado, retornou a Sergipe. Depois de algum tempo, voltou a Salvador, fixando residência, onde exerceu no magistério uma brilhante carreira. Soube desenvolver, como historiador e folclorista, uma cultura imantada na curiosidade intelectual, guardada no reduto de uma prodigiosa memória, e processada na trajetória, da Universidade Federal da Bahia, principalmente na sua Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Cultuou a história, cultuou o folclore e cultuou preferencialmente os sertões euclidianos da Bahia. Centrou sua temática na figura de Antônio Conselheiro. Conhecia e muito admirava Euclides da Cunha que, muitas vezes, confrontou-o com novas pesquisas. Conhecedor da literatura histórica pertinente, buscava na história local o depoimento dos últimos participantes da saga de Canudos. Calasans e Canudos é uma associação natural. A sua contribuição intelectual expressa em inúmeros ensaios mudou a visão do Belo Monte porque muito acrescentou com os seus achados em um contínuo processo de investigação. Escreveu o livro sobre os sertões do Conselheiro em inúmeros ensaios, artigos, palestras e notas. Destacava Canudos, o fato; Euclides da Cunha, o cronista; e Conselheiro, o herói. Tudo como se fora um triângulo.

Ressalto, nessa homenagem por mais breve que seja, a sua fidelidade a Sergipe. Embora tendo vindo morar na Bahia, casando-se em Salvador com dona Lúcia Maciel, permaneceu sempre muito ligado à sua terra. Foi pai tanto em Sergipe, como na Bahia, um filho em cada Estado. Recordo um delicioso ensaio *Temas da província*, velhas páginas que falam do ensino normal, do cancionero histórico e do governador Fausto Cardoso. Pensou em escrever a biografia desse eminente político sergipano. Não o fazendo, legou-nos um significativo ensaio sobre político que deu nome a uma rosa. Calasans jamais deixou o seu *terroir*. Começou o magistério e a pesquisa histórica em Aracaju e ensinava pela palavra, conversando como quem conta história para crianças. E essa sua peculiar maneira encantava jovens, adolescentes e adultos. Todos gostavam

de ouvi
inteligê

En
pesquis
de And
históric
Nacion
por exe
No Co
deu-se
livre o
da Can
em seg
Federa
de apr
alunos
foram
espont
leitura
conver
da Fac
acadêm

Jul
vezes c
guerra
sua pro
Antôni
é o seu
Se exis
espont
vocaçã
Histór
um esp
cinco c
moça t

de ouvi-lo. Além de saber conversar, entretinha na plenitude da graça de sua fantástica inteligência verbal.

Ensinou na Escola Normal Rui Barbosa, na capital sergipana. Ao mesmo tempo, pesquisou no Instituto Histórico e Geográfico e colaborava com Rodrigo Melo Franco de Andrade e Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho, chefe do distrito do patrimônio histórico e artístico, na Bahia. Depois de ter se mudado para Salvador, dirigiu o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e ensinou em vários colégios secundários, por exemplo, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, da professora Anfrísia Santiago. No Colégio Antônio Vieira, dos jesuítas, foi meu professor de História, em 1953. Assim, deu-se o nosso primeiro encontro. Naquele mesmo ano, prestou concurso para docente livre com a tese: *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro: contribuição ao estudo da Campanha de Canudos*. Seguiu-se a cátedra de História, na Faculdade de Filosofia; em seguida, ingressou na Faculdade de Ciências Econômicas, ambas da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Mas foi nessa Faculdade de Filosofia que armou a sua tenda de aprendizagem contando sempre com inúmeros amigos professores e dezenas de alunos. A Ufba, o Instituto Geográfico e Histórico e a Academia de Letras da Bahia foram os seus principais territórios de convivência, sempre presente com a palavra espontânea, sábia, elevada, fácil, atraente, agradável, culta, fundamentada em longas leituras e demoradas conversações. Mestre Calasans foi um formidável *conversant*. A conversa redonda ajustou-se perfeitamente à sua personalidade. De professor a diretor da Faculdade de Filosofia, alcançou a vice-reitoria e exerceu muitos outros encargos acadêmicos.

Julgo importante enfatizar a descoberta da problemática de Canudos. Conforme inúmeras vezes conversamos, até 1950, aceitava-se que Euclides da Cunha teria dito tudo sobre a guerra fratricida. Pois bem, ocupou-se inteiramente do tema e do problema. No conjunto de sua produção intelectual, centralizou-se na síntese cósmica em torno da figura messiânica de Antônio Conselheiro, Euclides da Cunha, dos sertões e do ciclo dos conselheiristas. Canudos é o seu núcleo temático, sua linha de pesquisa, sua vida intelectual, sua paixão de estudioso. Se existem, nas nascentes, nas fontes cadentes da juventude, como olhos d'água que brotaram espontaneamente da terra, os estudos sobre o seu Sergipe, há, dando continuidade à sua vocação, a sua contribuição à história e ao folclore. Da tese de concurso, *Aracaju*, para História do Brasil e Sergipe, de 1942, aos estudos sobre o Conselheiro e sua saga, medeia um espaço com muitas ocupações. Experiências docentes e publicações enchem mais de cinco décadas, no magistério médio e superior. Enumeram-se o folclorista de *Cachaça*, *moça branca*, o professor de História do Brasil, o ensaísta euclidianista, o acadêmico assíduo

de excelente convivência, o dirigente do Museu Teixeira Leal e o biógrafo do banqueiro, político, deputado e ministro, reitor Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho

Confesso que muito do que aprendi sobre Canudos foi estimulado por Calasans. Recordo a nossa participação em uma das primeiras semanas realizadas, no Município de Canudos. Em 1991, sintetizou as três Canudos: a primeira destruída pelo o fogo; a segunda submersa pela água do açude; e a terceira erguida em Cocorobó, que é a atual. Quando criei o Parque Estadual de Canudos, em 1986, contei com ele e mais ainda na consolidação desse sítio histórico-militar em pleno semi-árido baiano.

Em 1997, nas comemorações do centenário da guerra de Canudos, o trabalho do professor José Calasans Brandão da Silva adquiriu uma evidente significação, não somente pelo pioneirismo dos estudos canudenses, mas também pela contribuição notável de tudo que dissesse respeito a Antônio Conselheiro, a Euclides da Cunha e aos *Sertões*. Placa neste sentido foi colocada no Parque, exatamente, em 4 de outubro de 1997.

Gostaria de acrescentar uma palavra sobre sua obra. *Aracaju e outros temas sergipanos* foi reunida e publicada pelo governo de Sergipe. A produção sobre Canudos encontra-se dispersa. Integrá-la é um desafio e uma necessidade. Recentemente Paulo Emílio Matos Martins, em *A reinvenção do Sertão: a estratégia organizacional de Canudos* (2001) relacionou 37 títulos. Ao lado, existe a sua contribuição ao folclore e à história, como *A Revolução de 1930 na Bahia*, publicação que se liga ao Mestrado em Ciências Sociais e História. Em vida, deu à estampa *Cartografia de Canudos* (1999). Pensava em escrever um trabalho maior e mais sintético: “Os sertões do Conselheiro”. Mas enquanto não vêm reunidos os dispersos e não inéditos, o Centro de Estudos Euclides da Canha, da Universidade do Estado da Bahia, convidou o professor Marco Antônio Villa, da Universidade Federal de São Carlos, para organizar uma abrangente entrevista de onde saiu *José Calasans, um depoimento sobre a História de Canudos* (1998), em colaboração com José Carlos da Costa Pinheiro. Completou com a palavra escrita a exímia transmissão oral. Aí se encontra a sua obra de escritor consagrado, de historiador com inclinação para a cultura do folclore. E como era delicioso ouvi-lo repetir de cor versos e mais versos, poesias populares inteiras, histórias ritmadas pela cadência sertaneja!

Academia de Letras, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e de Sergipe, Universidade Federal da Bahia, destacadamente a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Conselho Estadual de Cultura, Senac, Clube Sergipano, Museu Teixeira Leal e colégios secundários onde ensinou tiveram o privilégio de contar com a liderança de cidadão

de ele
guarda
assidu
escrito
N
de ser
redes
home
singul
N
ovelh
fervor
A cid
Arian
escrit
inspir
S
lição
pela c
Dona
Silva.

de elevada cultura. Em especial, a Academia de Letras da Bahia, que tão bem presidiu, guarda a memória do companheiro comunicativo, atencioso e culto, o confrade de frequência assídua. Assinalava sempre a celebração do centenário de personalidade ilustre, fosse político, escritor e líder. Ele possuía gosto e talento para comemorar data e evento.

Neste mês de outubro, mês por excelência de Canudos, de romarias e peregrinações, de seminários e semanas culturais, que progressivamente celebram a tragédia e redescobrem o legado, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro presta a sua homenagem ao sócio correspondente e atento que enriqueceu a historiografia com a singular contribuição sobre a guerra fratricida de Canudos.

No coração da seca região nordestina, existe um país bíblico, que cultivava cabras e ovelhas, meio medieval, meio lusitano ainda, dramaticamente religioso, de gente fervorosa e esquentada e de terra promissora, plena de esperança, que se chama Sertões. A cidade capital é Canudos, que Antônio Conselheiro, padre Cícero, Euclides da Cunha, Ariano Suassuna, Berthold Zilly evidenciaram pela ação, pela luta e pela palavra oral e escrita. José Calasans é bem o patrono da pesquisa canudense e vai mais além quando inspira a construção da nação a partir de suas hinterlândias.

Somos agradecidos a Deus pela existência participativa de José Calasans, pela sua lição de História, pelo canto popular que tantas vezes repetia com extraordinária graça, pela obra que produziu e pela palavra que tanto construiu. Abraçamos saudosamente Dona Lúcia, recordando seu filho José, na presença de Maria Madalena Maciel da Silva, filha do nosso querido José Calasans.

Roberto Ventura¹

José Carlos Barreto de Santana

*As estrelas são indesejadas agora.
Dispensem todas.
(W. H. Auden)*

RESUMO

Este depoimento pretende homenagear Roberto Ventura, tragicamente desaparecido, ao 45 anos de idade e uma intensa e brilhante vida intelectual. Roberto Ventura escrevia uma biografia de Euclides da Cunha, a quem escolhera como personagem parcialmente atraído pela leitura de *Os sertões*, que o fascinava por ser uma obra híbrida, transitando entre a literatura, a história e a ciência, uma interpretação do Brasil que revela os impasses do intelectual que tenta entender uma cultura que lhe é estranha. Ajudara na escolha a vida do autor, com os seus aspectos de personagem romanesco, repleto de conflitos e decepções.

Abstract

This report intends to honor Roberto Ventura; who passed away tragically, at the age of 45; and his intense and brilliant intellectual life. Roberto Ventura was writing a biography of Euclides Da Cunha, who he had chosen as the character in part attracted by the reading of “Os Sertões”, which fascinated him for being a work of diversity, circulating among literature, history and science. “Os Sertões” is an interpretation of Brazil that reveals the intellectual that tries to understand an unfamiliar culture. The life of the author helped him make this choice due to his Romanesque aspects, full of conflicts and disappointments.

¹Roberto Ventura (1957-2002) era professor de teoria literária e literatura comparada na USP. Publicou, dentre outros trabalhos, *História e dependência: Cultura e sociedade em Manoel Bomfim* (com Flora Süssekind, Ed. Moderna, 1984), *Estilo tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil* (Companhia das Letras, 1991), *Folha explica Casa-grande & senzala* (Publifolha, 2000) e *Folha explica Os sertões* (Publifolha, 2002).

Os responsáveis pela revista Canudos resolveram fazer mais que justa homenagem a Roberto Ventura e pediram-me que escrevesse um depoimento sobre este amigo tragicamente desaparecido em desastre automobilístico ocorrido na madrugada do dia 14 de agosto de 2002, aos 45 cinco anos de idade e uma intensa e brilhante vida intelectual. No próprio dia 14 de agosto, em São José do Rio Pardo-SP, havia sido consultado sobre a possibilidade de escrever a respeito de Roberto para um jornal paulista. Não aceitei a tarefa porque tudo o que eu queria naquele momento era voltar para a Bahia, para Feira de Santana e mais especificamente para a minha casa, como que desejando fazer o tempo fluir invertido e que finalmente a 90a Semana Euclidiana não tivesse ainda começado. Ainda passei no Crematório da Vila Alpina, menos para as despedidas, que não queria, do que para ver Márcia e Tomás, que eu havia aprendido a amar através do convívio com Roberto.

Quase dois meses se passaram e a minha dificuldade de escrever permanece. Admito mesmo que me falta vontade de escrever sobre este tema e se faço este esforço é também para exorcizar um pouco a dor que a ausência de Roberto me traz. Digo exorcizar um pouco a dor porque sei que alguma dor há de me acompanhar, mesmo estando consciente da inutilidade desta, afinal, a morte parece afirmar que tudo é inútil.

Roberto Ventura escolheu Euclides da Cunha como objeto de pesquisa, que desenvolveu por mais de uma década. Fora parcialmente atraído pela leitura de Os sertões, que o fascinava por ser uma obra híbrida, transitando entre a literatura, a história e a ciência, uma interpretação do Brasil que revela os impasses do intelectual que tenta entender uma cultura que lhe é estranha. Ajudara na sua escolha a vida do autor, com os seus aspectos de personagem romanesco, repleto de conflitos e decepções.

Sabia das dificuldades que o aguardavam na busca para trazer novas contribuições no âmbito dos estudos euclidianos, cuja bibliografia indica existir mais de uma dezena de milhar de publicações tratando da vida e da obra de Euclides da Cunha. Optou por realizar um rigoroso e quase obsessivo levantamento documental. Considerava que, em princípio, tudo interessava ao biógrafo, pesquisava tudo, ou quase tudo, seguia todas as pistas (lembro os vários dias em que nos dedicamos a procurar no Arquivo do Estado de São Paulo a documentação relativa aos trabalhos de Euclides da Cunha enquanto engenheiro naquele Estado e a nossa alegria ao localizar os papéis que associavam a sua demissão da Comissão de Saneamento de Santos a um prosaico litígio de pagamento da conta de água por parte de uma casa de banhos santista).

Foi um ouvinte e anotador incansável. Entrevistou descendentes de Euclides da Cunha e de seus contemporâneos e dialogou com os principais autores de trabalhos

sobre o
do "con
foco pri
São Jos

Cor
que se c
dos fato

Util
para o
ponto d
gerava
estudios

ou tinha
do escri
saber q
seca qu

Du
para par
Teve qu

do que
centená
que um

e Canuc
publica
publica
explica
supercc
publica

Un
do Rio
feira e r
sobre "

São Pa
Rej

acervo

sobre o biografado e sobre Canudos. Transitou com serenidade tanto entre as vertentes do “conselheirismo” – sediado principalmente na Bahia e que tem em Canudos o seu foco prioritário – e do “euclidianismo” – que tem como polo aglutinador a cidade de São José do Rio Pardo-SP, quanto entre as diferentes gerações de pesquisadores.

Considerava ser dever do biógrafo confrontar testemunhos contraditórios e rever o que se conhece sobre o biografado e estava pronto para trazer a público a sua versão dos fatos e idéias novas sobre as motivações do seu personagem.

Utilizava com muita freqüência as “infovias” para enviar os texto em produção para o “pente fino” de alguns colegas. Aceitava réplicas e trélicas, expunha o seu ponto de vista e era correto na distribuição dos créditos. A sua preocupação de biógrafo gerava interrogações sobre algumas questões curiosas que escapariam à atenção de estudiosos menos atentos. Queria saber, por exemplo, se Euclides era vesgo ou estrábico ou tinha apenas orelhas grandes, e perguntava isto a partir da observação da preferência do escritor em ser fotografado de lado ou de perfil, ou ainda manifestava urgência em saber quando voltou a chover em Canudos e a encher o açude de Cocorobó que, após a seca que em 1999, reduziu o volume d’água a 10% do seu total.

Durante o ano do centenário de Os sertões foi sempre dos primeiros a ser convidado para participar dos mais variados eventos e colaborar na publicação de livros e periódicos. Teve que recusar alguns convites, considerando ser uma melhor opção terminar o livro do que passar o ano viajando e sem poder escrever, como já acontecera durante o outro centenário, o da guerra de Canudos. Todavia aceitou escrever vários trabalhos, sendo que uma relação dos mais recentes incluiria “Do mar se fez o sertão: Euclides da Cunha e Canudos”, publicado neste número da *Revista Canudos*; “Euclides no Vale da Morte”, publicado pela *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani*; a cronologia “Memória seletiva” publicada nos *Cadernos de Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles e Folha explica *Os sertões*, edição da Publifolha. Todos estes trabalhos seriam versões supercondensadas do que iria aparecer na biografia que construía e pretendia ver publicada no ano de 2003.

Um dos convites aceitos foi a participação na 90ª Semana Euclidiana em São José do Rio Pardo-SP, que comemorou o centenário de Os sertões. Chegou na noite de quinta-feira e no dia seguinte participamos, juntos com Walnice Galvão, de uma mesa-redonda sobre “Literatura e ciência em Os sertões”. Planejava com antecedência retornar para São Paulo no sábado a noite, após as homenagens que foram prestadas aos euclidianos.

Repetiu alguns dos “rituais” que costumávamos fazer todos os anos: trabalhou no acervo da Casa Euclidiana, agora enriquecido pela incorporação do material doado

pelos herdeiros de Oswaldo Galotti; visitou a Herma Euclidiana, onde estão os restos mortais de Euclides da Cunha e do seu filho Quindinho e o barracão de sarrafo e zinco que foi utilizado pelo engenheiro para os trabalhos de reconstrução de uma ponte metálica, e também para escrever alguns trechos de *Os sertões*; atravessou sem pressa a ponte metálica, relendo as suas placas; conversamos sobre o provável tema da Semana Euclidiana de 2003 – a recepção crítica a *Os sertões* – e combinamos propor uma mesa na qual abordaríamos a recepção científica e literária.

Estava particularmente eufórico e comentava como a sua opção pela ioga o transformara num “ex-estressado”. Contava com bom humor como gastara os dias de férias em Ubatuba trabalhando e da natural reação de Márcia que preferia aproveitar melhor os dias longe da agitação da grande cidade. Afirmava ser um noctívago e expressava a autoconfiança ao dirigir durante as madrugadas. O clima ameno da Semana Euclidiana, o envolvimento dos novos e antigos amigos e algumas taças de vinho fizeram com que desistisse de viajar durante a noite. Manteve a decisão de passar o dia dos pais com Tomás, comentando divertido como este estava dividido entre a busca da liberdade adolescente e a cobrança de atenção dos pais.

Viajou na manhã de domingo e avisou que retornaria na noite de segunda-feira, após dar aula no programa de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, alegando a necessidade de fotografar alguns exemplares raros de *Os sertões*, notadamente as edições chinesa e japonesa que, pela primeira vez, estavam expostas na Casa Euclidiana.

“Tenho sete questões a fazer para Marco Villa”. Foi assim que Roberto iniciou, na tarde do dia 13 de agosto, uma terça-feira, aquela que seria a sua última intervenção durante uma mesa-redonda da Semana Euclidiana. Não fez as sete perguntas, contentou-se com três ou quatro, talvez convencido que não esgotaria nunca as divergências que o biógrafo mantinha com o historiador a respeito de aspectos relacionados à participação de Euclides da Cunha na cobertura da guerra de Canudos e à elaboração de *Os sertões*.

Evitou tomar bebida alcóolica e por volta das 23:30 horas levantou-se da grande mesa do restaurante que reunia parte dos pesquisadores presentes em São José. Estava decidido a viajar durante a madrugada para cumprir compromisso que teria às dez horas em São Paulo. Abraçou e despediu-se de cada um dos presentes.

Penso que o abracei forte e carinhosamente, como fazia sempre. Lembro que inesperadamente ele retornou do meio do caminho da saída do restaurante e um novo abraço veio acompanhado de recomendação especial para a viagem que eu deveria fazer em seguida.

os restos
fô e zinco
ma ponte
em pressa
la Semana
uma mesa

la ioga o
os dias de
proveitar
ctívago e
a Semana
io fizeram
a dos pais
liberdade

nda-feira,
uagem da
ts sertões,
postas na

iciou, na
ervenção
ontentou-
ncias que
ticipação
s *sertões*.
a grande
é. Estava
a às dez

bro que
um novo
deveria

Tenho no jardim de casa algumas espécies de bromélias, as plantas preferidas de Roberto. Algumas vezes irei molhar o jardim ou apenas observar as bromélias. Não sei se Roberto estará por perto, mas estarei pensando nele.

Homenagem a Renato Ferraz e à sua Luta pela Dignidade do Povo do Arraial de Belo Monte e da Canudos de Hoje

Angela Gutiérrez

Prof^a Dr^a do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará.

Para Margarida, Lúcia, Jilce, Lulu e Aniela

RESUMO

A vida de Renato Ferraz, a partir de seu encontro com mestre Calasans, imbrica-se em tecido inconsútil com o tema apaixonante e, quase sempre, excludente, de Canudos. Suas atividades, na luta pelo resgate do outro lado da história do arraial de Belo Monte, em tempos de paz e de guerra, e da dignidade dos habitantes da Canudos de hoje, exerceram-se através de diferentes modos: como discípulo e parceiro do Prof. José Calasans; como pesquisador e professor da UNEB; como voluntário em trabalhos culturais e sociais junto à comunidade de Canudos; como guia de Mario Vargas Llosa nos sertões baianos do Conselheiro; como curador das exposições da coleção Canudos rediviva, do artista plástico Trípoli Gaudenzi; como assessor especial da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado da Bahia para assuntos relacionados ao centenário, em 1997.

Abstract

Renato Ferraz's life, from his meeting with the master Calasans, closes itself up in 'locked tissue' – a tissue without seam - with the passionate subject, almost always restricted to Canudos. In the fight for recovering the other side of Belo Monte small village's history, in times of peace and war, and the dignity of Canudos's inhabitants now, the author's activities took happened in different ways: professor José Calasans as a disciple and partner; as a UNEB researcher and professor.; as a volunteer in cultural

and social works in Canudos's community; as Mário Vargas Llosa's guide in the "Conselheiro"'s bahian arid region – "Sertões"-; as the caretaker of "Canudos Rediviva's" collection exhibitions, and caretaker of the artist Trípoli Gaudenzi; as a special advisor to the "Secretaria de Cultura e Desporto do Estado da Bahia", for subjects related to the centennial, in 1997.

2002
sertões, l
utopia d
canuden
do tema
A vi
tecido ir
Suas ativ
em temp
exercera
Calasan
culturais
nos sertó
rediviva
Cultura
1997, de
do Cons
O e:
que, inf
porém, s
de pesq
numero
na instig
em cada
mestre c
quem m
in loco
parceiro
versão c
Projeto
pesquis
UNEB
1991, q
na capa
através

de in the
Canudos
nzi; as a
hia”, for

2002, o Brasil reverencia o centenário da obra maior de Euclides da Cunha, Os sertões, livro que perpetua a história de Belo Monte: nascimento, paixão e morte da utopia de Antônio Conselheiro e de seus seguidores. 2002, estudiosos de Canudos e canudenses perdem o historiador Renato Ferraz, respeitado pesquisador e divulgador do tema canudiano e incansável lutador pela dignidade dos atuais habitantes de Canudos.

A vida de Renato, a partir de seu encontro com mestre Calasans, imbrica-se em tecido inconsútil com o tema apaixonante e, quase sempre, excludente, de Canudos. Suas atividades, na luta pelo resgate do outro lado da história do arraial de Belo Monte, em tempos de paz e de guerra, e da dignidade dos habitantes da Canudos de hoje, exerceram-se através de diferentes modos: como discípulo e parceiro do Prof. José Calasans; como pesquisador e professor da UNEB; como voluntário em trabalhos culturais e sociais junto à comunidade de Canudos; como guia de Mario Vargas Llosa nos sertões baianos do Conselheiro; como curador das exposições da coleção Canudos rediviva, do artista plástico Trípoli Gaudenzi; como assessor especial da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado da Bahia para assuntos relacionados ao centenário, em 1997, do final da guerra de Canudos, da destruição do arraial de Belo Monte e da morte do Conselheiro.

O exame detalhado de cada um desses itens exigiria, certamente, extenso relatório que, infelizmente, não cabe no espaço necessariamente exíguo de uma revista. Ouso, porém, sugerir que a UNEB, universidade em que Renato atuou, resgate este rico cabedal de pesquisas e serviços a que o historiador baiano doou-se, de corpo e alma, durante numerosos anos de sua vida. Realizando, neste momento, “o historicamente possível”, na instigante expressão de Paulo Freire, relato, sucintamente, algumas de suas atividades em cada um dos itens que mencionei: como herdeiro intelectual de Calasans, o grande mestre de todos os que se dedicam aos estudos canudianos, com quem estudou e com quem manteve afetuosa relação de amizade, Renato iniciou suas pesquisas canudianas in loco e acendeu a chama da paixão que a grande tragédia do sertão inspira; além de parceiro de Calasans na busca da outra história de Canudos, até então a pouco conhecida versão dos vencidos, como pesquisador e professor da UNEB, Renato integrou-se ao Projeto Canudos do Centro de Estudos Euclides da Cunha. Juntamente com os pesquisadores Manoel Antônio dos Santos Neto e José Carlos da Costa e com apoio da UNEB e da Prefeitura de Canudos, publicou a Cartilha Histórica de Canudos, em 1991, que, simbolicamente, através da chave de uma das igrejas de Canudos reproduzida na capa, abre aos estudantes canudenses a possibilidade de conhecer sua própria história; através de diferentes ações, junto a várias instâncias do poder executivo e do poder

legislativo, Renato buscou melhorias para a comunidade de Canudos e lutou pela dignidade dos atuais canudenses, colaborando na promoção de atividades culturais e sociais; em 1979, a pedido do Prof. Calasans, Renato acompanhou o escritor peruano Mario Vargas Llosa como guia nas trilhas do sertão de Canudos, durante quase dois meses, propiciando ao romancista não só esmiuçado conhecimento do espaço geográfico da região e detalhamento de acontecimentos históricos do período e de estratégias militares da guerra, como informações de modos de vida dos habitantes e acesso à memória sertaneja dos acontecimentos do final do século XIX através de testemunhas vivas, sobreviventes da guerra, e de seus descendentes; como curador da coleção Canudos rediviva (título, aliás, segundo depoimento do próprio artista, sugerido por Renato), função a que sua experiência como assistente de Lina Bo Bardi e, posteriormente, como diretor do Museu de Arte o credenciava, além de cuidar de sua apresentação no berço de inspiração, Canudos, e no berço de criação, Salvador, acompanhou-a na mesma sina nômade dos nordestinos, e com ela e o autor Trípoli Gaudenzi, atravessou ares e mares, viajando por terras da Alemanha (Colônia e Berlim), da França (Paris), de Cuba (Havana) e, em terras baianas, visitou Joazeiro e Senhor do Bonfim, em terras brasileiras, visitou as cidades de São Paulo, São José do Rio Pardo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Quixeramobim, Sobral, Aracaju, Manaus, Brasília, expondo as dolorosamente belas imagens de uma “página infeliz da nossa história”, como diria Chico Buarque de Holanda; como assessor para as lembranças (termo que preferia ao de comemorações, em que percebia conotação de festejos e, por esta razão, considerava inadequado às trágicas recordações do assunto) do centenário do episódio de Canudos, Renato revelou suas qualidades acadêmicas ao participar do planejamento dos simpósios conjugados de Colônia- Fortaleza- Salvador.

Permito-me, agora, uma referência pessoal com relação a Renato: desde 1979, já o conhecia de nome, através de menções da imprensa à sua colaboração com Vargas Llosa na descoberta pelo escritor peruano do sertão baiano. Posteriormente, em 1981, outra vez encontrei o nome de Renato citado na imprensa pelo próprio escritor, em entrevistas a jornais e revistas, durante sua vinda ao Brasil, para o retumbante lançamento, em versão brasileira, do romance *La guerra del fin del mundo* que reconta ficcionalmente a saga de Canudos. Anos depois, em 1994, através de comentários do romancista peruano, quando o conheci em outra vinda sua ao Brasil, mais uma vez o nome do historiador baiano me foi mencionado, desta vez com o entusiasmo de amigo grato.

Final
ano segu
literários
como tra
a mim e
nossa ins
caminho,
contava
suas and
autorizav
Nas
nascimen
simpósio
um deles
Mario Va
contador
Com gra
que seus
meninos
“Menino

Finalmente, ao visitar a exposição Canudos rediviva, em sua visita a Fortaleza no ano seguinte, conheci pessoalmente o historiador a quem tantos interesses culturais e literários comuns já me ligavam. Desde então, pude comprovar a generosidade de Renato como traço essencial de sua personalidade. Sou-lhe especialmente grata porque guiou a mim e a meu marido nos sertões áridos que o peregrino percorrera. Atendendo à nossa insaciável curiosidade, Renato nos apresentava o nome de cada plantinha do caminho, mostrava-nos o local de cada batalha, indicava-nos a mais recôndita trincheira, contava acontecimentos que não estavam no livro nem em outras publicações e que suas andanças pelo sertão de Canudos e suas longas conversas com o povo da terra o autorizavam a saber.

Nas inúmeras ocasiões em que meu marido, o médico Oswaldo Gutiérrez, de nascimento peruano, e eu estivemos com Renato, quase sempre em seminários, simpósios e congressos sobre o tema de Canudos, alguns no exterior, outros no Brasil, um deles no Rio de Janeiro, na Academia Brasileira de Letras, com a presença de Mario Vargas Llosa, sempre admiramos este outro traço da personalidade de Renato - o contador das histórias que constroem a história -, que deve ser especialmente recordado. Com graça e verve, Renato sabia dar vida aos acontecimentos passados, de tal forma que seus ouvintes, entre os quais me incluo, ouviam-no encantados como, um dia, os meninos da tribo Timbira ouviram o velho guerreiro contar as façanhas do moço Tupi. “Meninos, eu vi”.

PARTE II

OS SERTÕES

Do Mar se Fez o Sertão: Euclides da Cunha e Canudos

Roberto Ventura (In Memoriam) *,-

Roberto Ventura era professor de teoria literária e literatura comparada na USP.

RESUMO

Os Sertões chegou às livrarias em 2 de dezembro de 1902. Euclides da Cunha pagou do próprio bolso metade do custo da 1ª edição, passou dias e noites na editora para fazer cerca de 37 correções nos 1.200 exemplares impressos, pouco mais de 44 mil correções feitas manualmente. O livro foi recepcionado favoravelmente pela crítica, esgotou a 1ª edição em pouco mais de dois meses e viria a tornar-se um dos maiores sucessos editoriais do Brasil, com mais de 50 edições, tradução em pelo menos nove línguas e inspiração para romances diversos. Euclides denunciou a guerra de extermínio que resultou na destruição de Canudos. *Os Sertões* é uma obra híbrida que transita entre a literatura, a história e a ciência ao unir a perspectiva científica, de base naturalista e evolucionista, à construção literária, marcada pelo fatalismo trágico e por uma revisão romântica da natureza e Euclides da Cunha um eterno insatisfeito com as suas atividades profissionais, como militar ou engenheiro, que arrastou consigo a incômoda contradição entre a fase pública de escritor consagrado e a busca inglória de emprego mais propício à atividade literária.

Abstract

“Os Sertões” got to the bookstores on December 2, 1902. Euclides da Cunha paid from his own pocket the cost of the first edition; which made him spend days and nights in the publishing house to make approximately 37 corrections in the 1.200 books printed, a little more than 44 thousand corrections were made by hand. The book was fairly accepted by the critics, and its first edition was sold out in a little more two

Roberto Ventura (1957-2002) was a professor of Literary Theory and Comparative Literature at USP. He pulished, among other works "História e Dependência: Cultura E Sociedade em Manoel Bonfim" (with Flora Sússekind, ed. Moderna, 1984), "Estilo Tropical": " História Cultural e Polêmicas Literárias No Brasil" (comp. das letras, 1991), "Folha explica Casa Grande e Senzala" (Publifolha, 2000) and "folha explica os sertões" (Publifolha 2002).

Due to a tragic fatality passed away before finishing up his article. The Magazine Canudos requested professor José Carlos Barreto de Santana to take over and do it honoring his work.

months which would become one of the major editorial success in Brazil, with more than 50 editions. It was translated into at least nine languages besides being inspiration to other various novels. Euclides reported the exterminating war that resulted in Canudos's destruction. "Os Sertões" is a work of diversity that circulates among literature, history and science when it unites the scientific perspective, with naturalist and evolutionist basis, to the literary construction, registered by the tragic fatalism and by a romantic revision of nature. Euclides da Cunha, eternally dissatisfied with his professional activities, as a soldier or engineer, dragged with himself the uncomfortable contradiction between his public phase as a well-known writer and the inglorious search for a more appropriate use of the literary activity.

O
no dia
Berlín
De se
segun
Q
interio
sede e
de cer
e pela
Água
da M
Letra
avalia
C
o em
serve
circu
ou líc
home
botár
fotog
Flávi
E
com
da Su
Lúci
Garc
livro.
E
de O
Invál
acrés
pouc
e tip

with more
inspiration
resulted in
tes among
i naturalist
talism and
d with his
omfortable
inglorious

Os sertões (Campanha de Canudos) chegou às livrarias em 2 de dezembro de 1902, no dia seguinte à chegada do barão do Rio Branco na capital da República, vindo de Berlim para assumir o Ministério das Relações Exteriores do governo Rodrigues Alves. De seu autor, Euclides da Cunha, já se disse que dormiu obscuro e acordou célebre, segundo a pitoresca expressão do crítico Sílvio Romero.

Quando o livro foi distribuído, o engenheiro-escritor se encontrava em Lorena, no interior de São Paulo, onde trabalhava como chefe do 2º distrito de obras públicas com sede em Guaratinguetá, que abrangia 31 municípios do norte do estado, numa extensão de cerca de 16.000 km², espalhados pelas serras da Mantiqueira, da Bocaina e do Mar, e pelas margens do rio Paraíba do Sul, chegando até o litoral de Ubatuba e Caraguatatuba. Aguardava, para o dia 3, o artigo de José Veríssimo, anunciado na véspera pelo *Correio da Manhã*, do Rio. O crítico paraense, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, era tanto respeitado quanto temido pelo rigor, por vezes intransigente, de suas avaliações.

Com 637 páginas em formato in 8º, *Os sertões* trazia estampado na folha de rosto o emblema da Casa Laemmert, na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, cujas iniciais CL servem de apoio ao livro aberto, sobre o qual se senta uma coruja, símbolo da sabedoria, circundada pela divisa em latim: “Nulla dies sine linea”, nenhum dia sem linha escrita ou lida. A narrativa da guerra de Canudos, precedida de um estudo da natureza e do homem do sertão, vinha ilustrada por desenhos de paisagens e mapas geológicos, botânicos e geográficos, inspirados nas viagens de exploração científica, além de fotografias do conflito tiradas, por encomenda das forças armadas, pelo fotógrafo baiano Flávio de Barros.

Euclides pagara do próprio bolso metade dos custos da edição, tendo contribuído com a quantia de um conto e 500 mil réis, quase o dobro de seu salário como engenheiro da Superintendência de Obras Públicas de São Paulo. Isto depois de ter levado ao escritor Lúcio de Mendonça, em dezembro de 1901, uma carta do também engenheiro e escritor Garcia Redondo, professor da Escola Politécnica de São Paulo, que recomendava o livro, e de ter sido apoiado junto ao editor Gustavo Massow pelo influente Veríssimo.

Escrito ao longo de quatro anos, Euclides ainda trabalhou duro antes do lançamento de *Os sertões*. Passou dias e noites na Companhia Tipográfica do Brasil, na rua dos Inválidos, no Rio, para fazer, com a ajuda dos impressores, cerca de 37 correções – 12 acréscimos e 25 supressões -- nos cerca de 1.200 exemplares impressos. Foram ao todo pouco mais de 44 mil correções, feitas com bico de pena, ponta de canivete, raspadeira e tipos móveis, motivadas por carta de seu amigo, Francisco de Escobar, que apontara

erros de acentuação, pontuação e concordância no exemplar ou nas provas encadernadas recebidas em outubro.

Concluídas as correções em 30 de novembro, logo pegou o trem para Lorena, de modo a retomar seus afazeres na engenharia pública, a cujo “círculo vicioso” se sentia acorrentado. Detestava as tediosas e intermináveis tarefas que lhe cabiam como engenheiro do estado, sempre sujeito às viagens de trem, trole, mula ou a cavalo, e sobretudo às pressões e reclamações dos empreiteiros e autoridades municipais, cujas obras tinha de orçar, projetar e fiscalizar.

A advertência de Escobar, que apontara problemas gráficos no livro, deixou em pânico o novato escritor, que temia, conforme confessou em carta de 19 de outubro, que tais descuidos fossem deixá-lo “à mercê de quanto menino erudito brune as esquinas: e passível da férula brutal dos terríveis gramatiqueros”. Enquanto esperava em Lorena, em 3 de dezembro, a chegada do Correio com o artigo de Veríssimo, observou, em carta a Coelho Neto, que receava “levar pancada como cavalo acuado”, recorrendo a uma expressão popular que havia registrado na viagem ao sertão da Bahia como correspondente de *O Estado de S. Paulo*. Tinha também a apreensão de que suas críticas aos erros de estratégia militar e de avaliação política do Exército, junto com a denúncia do massacre dos prisioneiros, pudessem provocar violentas reações de oficiais e ex-combatentes.

Foi José Veríssimo quem escreveu o primeiro artigo sobre *Os sertões*, publicado no *Correio da Manhã* de 3 de dezembro, em que abordou o livro como obra de literatura, história e ciência, e estabeleceu um padrão de leitura que seria seguido por muitos de seus intérpretes. Apesar dos elogios às qualidades de poeta, romancista e artista do autor, fazia reparos ao abuso dos termos técnicos, das palavras antigas e inventadas e das frases rebuscadas, julgando o seu estilo muito artificial e rebuscado.

Euclides respondeu a Veríssimo em carta datada do mesmo dia, mas redigida provavelmente na madrugada de 4 de dezembro, antes de partir para São Luís do Paraitinga, na serra do Mar, onde iria fazer orçamento para a reforma do grupo escolar. Agradecia a crítica, mas defendia o emprego de termos técnicos e a aliança entre ciência e arte, que considerava a tendência mais elevada do pensamento. Convencido de que a expressão artística exige a notação científica, achava necessário criar uma “tecnografia própria”, capaz de unir as diversas áreas do saber: “o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo”.

Retornou a cavalo de São Luís do Paraitinga no dia 7 e passou por Taubaté para pegar o trem rumo a Pindamonhangaba, onde compareceria à noite à festa de inauguração

de escola pública, na qual seria homenageado pelo lançamento de *Os sertões*. Viu, para sua surpresa, no restaurante da estação em Taubaté, um passageiro com o livro nas mãos. De volta a Lorena, recebeu carta de seu editor, que lhe enviava recortes de jornais e falava do estrondoso sucesso do livro, dissipando seus temores de que o grosso e dispendioso volume repetisse o fracasso de outra obra histórica que publicara há pouco, *A marinha de outrora*, do visconde de Ouro Preto. Mais da metade da edição, quase 600 exemplares, a 10 mil réis cada, tinha se vendido em poucos dias.

Indignado com o artigo de Veríssimo, que chegou a chamar em carta a Euclides de “animal” cego, o escritor Coelho Neto publicou, em 1º e em 2 de janeiro de 1903, n’ *O Estado de S. Paulo*, um longo artigo em que enaltecia *Os sertões* como uma das mais empolgantes obras da literatura brasileira. Soltando farpas contra o crítico paraense, seu colega na Academia, atacava certa “crítica melindrosa” e “infecunda”, que exigia um estilo simples e trivial e renegava as palavras antigas ou inventadas e os ornamentos verbais, por ignorar que “todo verdadeiro escritor é um revelador”, que requinta a linguagem como forma de exprimir suas impressões.

Araripe Júnior, outro crítico de peso, publicou, em 6 e 18 de março, no *Jornal do Comércio*, do Rio, um estudo sobre *Os sertões*, que julgava admirável pela forma artística, capaz de combinar a elevação histórico-filosófica ao talento épico-dramático e ao gênio trágico. Tomado de admiração pela obra, aproximava Euclides dos grandes nomes da literatura universal e comparava suas cenas de batalha às narrativas históricas do grego Xenofonte, do escocês Walter Scott e do francês Gustave Flaubert, além de equiparar a sua intensidade à dos romances psicológicos do escritor russo Fiodor Dostoievski. Afirmou, em carta a Euclides, que poderia ter apurado ainda “umas tantas tolices, que por aí correm como regras de escrever”, referindo-se, de forma velada, a Veríssimo, com quem também convivia na Academia.

Os artigos e as cartas de Coelho Neto e Araripe Júnior aliviaram o coração de Euclides, levemente amargurado com as restrições feitas por Veríssimo, do qual se sentia porém devedor, e contribuíram ainda para mais para o seu reconhecimento como escritor. Escreveu a Araripe, em 9 de março, que lera seu “magistral artigo” na redação de *O Estado de S. Paulo*, de onde saiu transformado de simples recruta em triunfador. Deixara de ser um “engenheiro-letrado”, cujo aspecto dúbio, meio profissional e meio artista, o fazia se sentir um “intruso em todas as carreiras”, para se tornar enfim um escritor, “apenas transitoriamente desgarrado na engenharia”: “Nem sabe quanto lhe devo...”

Os sertões teve três edições em apenas três anos, de 1902 a 1905. A primeira edição se esgotou em pouco mais de dois meses e rendeu a Euclides um saldo de 2 contos e 200 mil réis, do qual resultou um lucro de 700 mil réis, depois de descontado o seu aporte para a publicação. Mas, como escreveu ao pai em 25 de fevereiro de 1903, o que lhe importava era o “lucro de ordem moral”, resultante do reconhecimento que obtivera, pois todos o tinham elogiado, até o visconde de Ouro Preto, último chefe de gabinete da Monarquia, “que é naturalmente o mais antipático a tudo quanto possa haver de republicano no Brasil”: “Toda a gente assim pensa. Assim, de qualquer modo lucrei.”

Massow logo apressou a 2ª edição, para atender a pedidos que chegavam até do Mato Grosso, e pagou a Euclides em setembro mais um conto e 600 mil réis pelos direitos da reedição. Publicada em 9 de junho de 1903, a nova edição trazia inúmeras correções estilísticas, além da retificação de algumas falhas de informação, mas incluía sobretudo uma longa série de oito notas finais, em que respondia, sem no entanto nomear seus interlocutores, às críticas recebidas do botânico José de Campos Novais, seu colega no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, e do capitão Moreira Guimarães, seu ex-colega na Escola Militar. Tais críticas diziam respeito sobretudo aos aspectos científicos do livro, envolvendo questões de botânica, geologia e etnologia, mas também de linguagem e vocabulário. A 3ª edição, novamente corrigida, saiu dois anos depois, em 1905, e trazia, como as anteriores, a indefectível coruja da Laemmert, sempre sentada sobre o livro aberto.

O livro se tornou um dos maiores sucessos editoriais do Brasil, com mais de 50 edições em língua portuguesa e traduções em pelo menos nove línguas. O engenheiro letrado, agora convertido em escritor, se tornou membro, em 1903, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e foi eleito, no mesmo ano, para a Academia Brasileira de Letras.

Sua narrativa da guerra de Canudos inspirou diversos romances europeus e latino-americanos, como *Le mage du sertão* (1952) do francês Lucien Marchal, *Capitão jagunço* (1959) de Paulo Dantas, *Verdicto em Canudos* (1970) do húngaro Sándor Márai, *La guerra del fin del mundo* (1981) do peruano Mario Vargas Llosa, *A casca da serpente* (1989) de José J. Veiga, *As meninas do Belo Monte* (1993) de Júlio José Chiavenato e *Canudos* (1997) de Ayrton Marcondes. Serviu ainda de base para um dos mais belos filmes de Glauber Rocha, *Deus e o diabo na terra do sol* (1963), e para o sofrível longa-metragem histórico de Sérgio Rezende, *A guerra de Canudos* (1997).

Primeiros escritos

Segundo os seus biógrafos, o avô paterno do escritor, o português Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, traficava escravos para a Bahia, que abasteciam os sobrados e solares de Salvador e as casas-grandes e senzalas dos engenhos de açúcar do recôncavo baiano. Casado com Teresa Maria de Jesus, de Salvador, morreu em uma viagem a Portugal, tendo deixado a mulher com vários filhos, entre os quais Manuel, o pai de Euclides.

Após a morte do pai, Manuel se mudou para a província do Rio de Janeiro e foi trabalhar como contador nas fazendas de café de Cantagalo, região serrana no vale do rio Paraíba do Sul. Conheceu, em uma fazenda, Eudóxia Alves Moreira, filha mais moça de Carolina Florentina Mendes e Joaquim Alves Moreira, com quem se casou em 24 de outubro de 1864. Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, o primeiro filho de Eudóxia e Manuel, nasceu, em 20 de janeiro de 1866, na fazenda Saudade, em Santa Rita do Rio Negro (hoje Euclidelândia), no município de Cantagalo. Sua irmã Adélia nasceu no ano seguinte, em 9 de agosto. Eudóxia tinha, como o filho, uma saúde frágil e sofria de tuberculose, morrendo em agosto de 1869. Teve início um período de grande instabilidade na vida de Euclides, que morou na casa de parentes em várias cidades.

Iniciou os estudos em 1874, com oito anos de idade, no Instituto Colegial Fidelense, em São Fidélis, e se mudou, três anos depois, para o Rio de Janeiro. Esteve por breve período na casa dos avós na Bahia, onde frequentou o Colégio Bahia. De volta ao Rio, passou por diversos colégios, Vitória da Costa, Menezes Vieira e Anglo-Americano, até ingressar, em 1883, no Colégio Aquino, no centro do Rio, onde foi aluno de Benjamin Constant, professor de matemática, que iria depois reencontrar na Escola Militar.

Admirava os poetas românticos, sobretudo o Fagundes Varela de *Vozes da América*. Gostava de recitar “Mauro, o escravo”, o longo poema narrativo de Varela sobre o escravo que mata o filho do senhor para vingar a morte da irmã. Varela seguia, como Castro Alves, a tradição do negro nobre da literatura francesa, concebido como herói rebelde e romântico e personificado por Bug-Jargal, do romance de mesmo nome do francês Victor Hugo sobre a revolução dos escravos no Haiti.

Euclides publicou seu primeiro artigo, “Em viagem”, em 4 de abril de 1884, no pequeno jornal O Democrata, dos alunos do Colégio Aquino, em que já revelava o interesse pela natureza que se faria presente em toda a sua obra. Descrevia as matas e as florestas do Rio, vistas do bonde que tomava para ir ao colégio perto do Passeio Público, e transfigurava a paisagem à sua volta numa explosão de sons e cores, em que a vida

palpitava no esplendor da primavera. Introduzia, nesse quadro quase idílico, um tom sombrio ditado por sua sensibilidade romântica e criticava o progresso, representado pela estrada de ferro, que degradava a natureza: “Tudo isto me revolta, me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!”

Escreveu no Colégio Aquino seus primeiros poemas, reunidos em um caderno de 1883 com o sugestivo título de *Ondas*. Recorria às imagens marítimas freqüentes na poesia grandiloqüente de Victor Hugo e de Castro Alves, cujo falecimento em 1871, um ano após a publicação das *Espumas flutuantes*, foi pranteado pelo pai de Euclides no poema “À morte de Castro Alves”, incluído na 2ª edição do livro. Euclides iria retomar tais imagens marítimas em *Os sertões*, para recriar a pré-história do sertão de Canudos ou para relatar os fluxos e refluxos dos combatentes, comparados aos movimentos do mar.

Um dos poemas, “Álgebra lírica”, depois intitulado “Amor algébrico”, foi criado após as lições de matemática de Benjamin Constant no Colégio Aquino: “Estou cheio de *spleen*, cheio de tédio e giz...” Criou, a partir das aulas de história, os sonetos dedicados a Danton, Marat, Robespierre e Saint-Just, líderes jacobinos da Revolução Francesa, que o empolgaram tanto quanto o escravo rebelde de Fagundes Varela. Concebeu, nesses poemas, o indivíduo como herói ou gênio capaz de mudar o curso da história. Alguns de seus versos foram publicados em *O Democrata*, como “Horas de crença”, copiado em *Ôndas* como “Oscilações”, em que se refere, de forma nostálgica, à mãe que perdera em tenra idade: “Eu... (ai! disse-me o que a soidão exprime!)/ Eu rezo um nome – Minha mãe – sublime --/ E me ergo a Deus nos brilhos d’uma lágrima!”

Lia os autores franceses, como Victor Hugo e o historiador Jules Michelet, que haviam escrito sobre a Revolução de 1789. Hugo abordou, no romance histórico *Quatre-vingt-treize* [Noventa e três], de 1874, a guerra na Vendéia, no oeste da França, em que os camponeses se rebelaram contra o governo revolucionário. Michelet inspirou os republicanos brasileiros, com sua arrebatadora *Histoire de la Révolution Française* [História da Revolução Francesa] (1847-53), em que o povo assume o papel central na luta pela liberdade.

O romantismo libertário, que absorvera nas leituras de Victor Hugo e Fagundes Varela, alimentou sua atitude inconformista com a vida e a história. Seus sentimentos oscilavam entre a utopia e a melancolia, entre a revolta e o pessimismo, como observou, em carta de 1908, ao diplomata e historiador Oliveira Lima: “Reivindico [...] o belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários!”

Mais do que um poeta romântico, tentou ser ele próprio um herói, que perseguia visões inspiradas nas narrativas da Revolução Francesa. Teve atitudes extremadas, com atos de heroísmo e abnegação, em que colocou a defesa de princípios éticos, como a defesa da honra, ou de crenças políticas, como o republicanismo, acima dos interesses pessoais. Falava, nas cartas aos amigos e familiares, da necessidade de seguir a “linha reta”, que entendia como a fidelidade aos princípios aprendidos com o pai, ancorados na fé no progresso e no caráter redentor da República, que entravam em choque, muitas vezes, com as exigências da vida profissional.

Na Praia Vermelha

Ingressou, em 1885, na Escola Politécnica, no largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, para estudar engenharia. Matriculou-se, no ano seguinte, no curso de estado-maior e engenharia militar da Escola Militar, na Praia Vermelha, também no Rio, que tinha a vantagem de pagar soldo, além de fornecer alojamento e comida. Grande parte dos cadetes tinha uma origem humilde, filhos de pequenos agricultores e comerciantes, de militares ou funcionários públicos, sendo raros os vindos de famílias da elite civil.

A Escola Militar se erguia como construção fortificada, com três baluartes, cercada por majestosos rochedos, os morros da Urca e da Babilônia. Era um centro de irradiação de idéias positivistas e evolucionistas, que traziam a crença na evolução da humanidade e reforçavam a certeza de Euclides do fim próximo da Monarquia. Voltou a estudar com Benjamin Constant, professor de cálculo, positivista pouco ortodoxo, que iria se tornar um dos líderes da proclamação da República.

Obeve boas notas nos dois primeiros anos do curso militar e esperava ser promovido ao posto de alferes-aluno, reservado aos melhores estudantes, com direito a aumento dos vencimentos. Mas o governo imperial não fazia promoções havia três anos devido aos cortes no orçamento do Ministério da Guerra, o que levou Euclides a fazer ato de protesto, articulado a um plano de rebelião para depor d. Pedro II.

O comandante da escola, general José Clarindo de Queiroz, tinha proibido os cadetes de participarem de manifestação ao propagandista republicano Lopes Trovão, que retornava ao Rio, vindo da Europa. Para impedir a saída dos jovens da escola, foi marcada inspeção das tropas pelo ministro da Guerra, Tomás Coelho. Euclides, com 22 anos, saiu de forma durante a revista, atirou ao chão o sabre-baioneta e interpelou o ministro sobre a política de promoções no Exército.

O jovem cadete se tornou o centro de uma controvérsia, que se somou aos muitos atritos, desde 1884, entre o Exército e o governo sobre o direito dos militares de exprimirem suas idéias políticas. O incidente foi noticiado pelos principais jornais do Rio e de São Paulo e discutido no Congresso. Mas o governo procurou negar o caráter político do ato de Euclides, que foi desligado da carreira militar, em dezembro de 1888, sob o pretexto de incapacidade física.

Pela República

O protesto trouxe notoriedade a Euclides, que foi convidado por Júlio de Mesquita para escrever em *A Província de S. Paulo*, hoje *O Estado de S. Paulo*. Estreou na imprensa diária, em 22 de dezembro de 1888, com artigos de propaganda, em que atacava o Imperador e a família real e pregava a necessidade de revolução política. Acreditava ser inevitável a passagem da Monarquia à República em conformidade com as leis históricas: “Desiluda-se, pois, o governo; a evolução se opera na direção do futuro”.

Saudou, em 1o de janeiro de 1889, o novo ano com o artigo intitulado “89”, em que fazia o paralelo entre a Revolução Francesa de 1789 e as comemorações do seu centenário no Brasil. Julgava necessária uma revolução, como a ocorrida na França, capaz de apressar a evolução tida como inevitável para o regime republicano.

Só soube da proclamação da República na manhã do dia seguinte, em 16 de novembro, através dos jornais e de um colega da Politécnica, que voltara a cursar após a saída do Exército. O colega, sobrinho do major Frederico Solon Sampaio Ribeiro, um dos líderes do golpe, lhe contou os detalhes da revolução e o convidou para reunião à noite na casa do tio, onde conheceu Ana, a Saninha, sua futura mulher. Casaram-se, em 10 de setembro de 1890, em cerimônia civil realizada à tarde na casa dos sogros, Alcmena e Solon, no bairro de São Cristóvão, seguida de ofício religioso celebrado na Igreja do Senhor do Bonfim e de N. S. do Paraíso, no mesmo bairro.

Euclides retornou ao Exército com o apoio do major Solon e dos colegas da Escola Militar, que pediram sua reintegração a Benjamin Constant, o antigo professor, agora ministro da Guerra. Matriculou-se na Escola Superior de Guerra no início de 1890 e foi promovido a segundo-tenente em 14 de abril, beneficiado pela política favorável aos cadetes e oficiais próximos ao marechal Deodoro da Fonseca, primeiro presidente do país.

Concluiu o curso de estado-maior e engenharia militar em 16 de janeiro de 1892, quando recebeu o grau de bacharel em matemática e ciências físicas e naturais, atestado por diploma que trazia medalha com dedicatória ao pai e à mulher e à memória da mãe e da filha Eudóxia, morta logo após o nascimento em 1891. Tinha sido promovido antes, no dia 9, a tenente, seu último posto na carreira militar.

Perda dos ideais

Militante republicano, Euclides logo se desiluiu com o novo regime. Atacou, pelos jornais, alguns atos do governo, como a indenização oferecida a d. Pedro II, que o ex-Imperador altivamente recusou. Criticava, em carta ao pai, o governo do marechal Deodoro e censurava Benjamin Constant, seu antigo ídolo, que agora nomeava parentes e conhecidos para cargos públicos.

Considerava que o país entrava no “desmoralizado regime da especulação”, fazendo alusão à política financeira, chamada de encilhamento, promovida pelo ministro da Fazenda, Rui Barbosa, que autorizara os bancos privados a fazerem grandes emissões de moeda. O crédito fácil favoreceu os fazendeiros endividados ou arruinados com a abolição dos escravos e provocou euforia na bolsa de valores do Rio, mas trouxe também aumento da inflação e desvalorização da moeda. As condições de vida se deterioraram e o governo logo caiu no descrédito.

O marechal Deodoro foi derrubado em 23 de novembro de 1891 por uma rebelião da Marinha e o vice-presidente, marechal Floriano Peixoto, assumiu o governo. Euclides tomou parte dos preparativos do golpe, comparecendo a algumas reuniões na casa do vice-presidente, conforme contaria mais tarde, em 1904, no ensaio “O marechal de ferro”, incluído em *Contrastes e confrontos* (1907). Defendeu à época, em artigos n’*O Estado de S. Paulo*, a permanência de Floriano na Presidência, que enfrentava forte oposição devido à controvérsia jurídica sobre a legalidade de seu mandato. Abandonara a postura de revolucionário e defendia uma política conservadora de consolidação da República. Atacava os adversários do governo, que comparava aos camponeses rebeldes da Vendéia, inimigos da Revolução Francesa, empregando o mesmo paralelo triunfalista que iria aplicar mais tarde a Canudos: “A República vencê-los-á, afinal, como a grande revolução à Vendéia”.

A Revolta da Armada estourou, em 6 de setembro de 1893, na capital da República, opondo a Marinha e o Exército, que se enfrentaram até março do ano seguinte. Como

oficial da Diretoria de Obras Militares, Euclides atuou a serviço das forças legais, com a missão de construir trincheiras e fortificações no porto do Rio. Seu sogro, o general Solon Ribeiro, foi preso no dia 26 sob a suspeita de envolvimento com os rebeldes e ficou encarcerado cerca de um ano. Euclides solicitou, no mês seguinte, entrevista ao marechal Floriano para pedir garantias de vida para Solon, pois corriam boatos sobre o seu fuzilamento. Enviou ainda, em fevereiro de 1894, duas cartas à Gazeta de Notícias, do Rio, em que protestava contra a execução dos prisioneiros políticos pedida pelo senador João Cordeiro, do Ceará, florianista mais tarde implicado, em novembro de 1897, no atentado contra o presidente Prudente de Moraes, que tirou a vida do ministro da Guerra, marechal Carlos Machado de Bittencourt, que retornara vitorioso de Canudos.

Como punição pelas cartas, Euclides foi transferido, em 28 de março, para a pequena cidade de Campanha, no interior de Minas Gerais, onde iria dar contornos científicos ao seu interesse pela natureza. Encarregado de adaptar para o regimento de cavalaria do Exército um prédio da Santa Casa, examinou as características físicas e geográficas da região em busca de argila para a fabricação de tijolos. Lia os estudos de geologia do francês Emmanuel Liais (1826-1900), que depois citaria em *Os sertões*, preparando-se para concurso, jamais realizado, para uma vaga de professor de astronomia ou geologia na recém fundada Escola Politécnica de São Paulo.

Desgostoso com a carreira militar, pediu licença do Exército em 1895 e reforma no ano seguinte no posto de tenente, com direito à terça parte do soldo, por ser considerado portador de tuberculose pulmonar incurável. Mudou-se para o estado de São Paulo, onde trabalhou até 1903 como engenheiro da Superintendência de Obras Públicas. Atuou ainda por poucos meses, em 1904, na Comissão de Saneamento de Santos e morou no balneário do Guarujá, do outro lado da baía.

Guerra no sertão

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, começou a pregar por volta de 1870 pelo nordeste e a organizar mutirões para a construção de igrejas e cemitérios. Seus familiares participavam, desde a década de 1830, de um sangrento combate contra um clã inimigo no sertão do Ceará. Para Euclides, essa luta entre famílias teria criado uma “predisposição fisiológica” entre os seus descendentes, que tornou hereditários os rancores e as vinganças, de modo semelhante aos personagens trágicos dos mitos gregos.

Filho de um comerciante, nascido em 1830 em Quixeramobim, no interior do Ceará, Antônio Maciel trabalhou na loja do pai, que dirigiu com a morte deste. Com a liquidação do negócio, tornou-se professor, caixeiro, escrivão e solicitador em várias cidades do

estado. Iniciou sua peregrinação mística depois de ter sido abandonado pela mulher, que fugira com um policial, e de ter tido os bens penhorados para pagamento de uma dívida. Passou a ser chamado de Conselheiro, título atribuído pelo povo e pela Igreja àqueles que guiavam o povo em orações e davam instruções religiosas.

Foi preso em 1876 na Bahia e enviado a Fortaleza sob a acusação infundada de ter matado a mãe e a esposa no Ceará. Retornou à Bahia depois de solto, fazendo a promessa de construir vinte igrejas. Foi proibido em 1882 de pronunciar sermões pelo arcebispo da Bahia, que temia sua crescente influência. Seus conflitos com a ordem estabelecida se agravaram com a proclamação da República, pois se opunha ao novo regime, que fizera a separação entre o Estado e a Igreja e introduzira o casamento civil. Acreditava no retorno da Monarquia, forma política tida como eterna.

Inaugurou, em 18 de agosto de 1893, com festa e missa celebrada pelo padre Vicente Sabino dos Santos, do Cumbe (atual Euclides da Cunha), a Igreja de Santo Antônio, depois conhecida como Igreja Velha, no povoado de Canudos, próximo a uma fazenda abandonada, às margens do rio Vaza-Barris, no nordeste da Bahia. O nome da localidade vinha da existência de plantas, chamadas de canudos-de-pito, que forneciam tubos para cachimbos de barro. Fixou-se com seus seguidores no lugarejo, que passou a chamar de Belo Monte, após ter entrado em choque com força policial em Masseté, enviada à sua procura por ter participado de protestos contra a cobrança de impostos nas cidades baianas de Bom Conselho, Itapicuru, Soure, Amparo e Bom Jesus.

O atraso na entrega de madeira, comprada em Juazeiro para a construção de uma nova igreja, do Bom Jesus, foi o estopim de um conflito armado, que se estendeu por quase um ano, de novembro de 1896 a outubro do ano seguinte. Quatro expedições militares foram enviadas contra Canudos. A guerra terminou com a baixa de 5 mil soldados e oficiais e o massacre de uma cidade com 5.200 casebres, cuja população foi estimada entre 10 mil e 25 mil habitantes.

Foi uma guerra de extermínio, que Euclides da Cunha denunciou em *Os sertões*, publicado cinco anos após a destruição da comunidade. Os principais jornais de Salvador, do Rio de Janeiro e de São Paulo enviaram repórteres na primeira cobertura ao vivo de uma guerra no Brasil, que a instalação de linhas telegráficas, ligando Monte Santo a Queimadas e Salvador, tornara possível. A campanha foi fotografada por Flávio de Barros, de Salvador, e outro fotógrafo, o espanhol Juan Gutierrez de Padilla, que registrara antes a Revolta da Armada, morreu em combate logo após chegar a Canudos.

A destruição de Canudos se deveu menos ao anti-republicanismo do Conselheiro do que a fatores políticos, como os conflitos entre facções partidárias na Bahia, a atuação da Igreja contra a atuação pouco ortodoxa dos beatos e pregadores e as pressões dos

proprietários de terras contra a comunidade, cuja expansão trazia escassez de mão-de-obra e rompia o equilíbrio político da região.

Outros conflitos em nível nacional transformaram a comunidade em alvo de grupos e facções, como os embates entre civilistas e militaristas, ligados à sucessão do presidente Prudente de Moraes (1894-8). A guerra serviu de pretexto à repressão aos grupos monarquistas, que ainda sonhavam com a restauração do Trono, e, sobretudo após o término do conflito e o atentado fracassado contra o presidente, para o esmagamento dos setores jacobinos e florianistas, que defendiam o retorno dos militares ao poder. Canudos contribuiu para a implantação da política dos governadores, criada pelo presidente Campos Sales (1898-1902), em que as lideranças civis de Minas Gerais e São Paulo passaram a se alternar no poder.

A nossa Vendéia

A guerra de Canudos preencheu o vazio político e existencial em que Euclides se encontrava desde que se desiludira com a carreira militar e com os rumos da República. Trabalhava em São Paulo como engenheiro da Superintendência de Obras Públicas, enquanto sonhava em se tornar professor da Escola Politécnica, aspiração que não pôde realizar.

Duas forças militares enviadas a Canudos já haviam fracassado, quando o coronel Moreira César foi nomeado comandante da 3ª expedição. Tido como herói da repressão à Revolução Federalista em Santa Catarina, mas também apontado como facínora por ter ordenado a execução sumária de prisioneiros, Moreira César morreu na madrugada de 4 de março de 1897, poucas horas após o primeiro ataque a Canudos. Foi uma derrota humilhante, em que 1.300 soldados abandonaram todo o armamento, e até o corpo do coronel, na fuga desordenada.

Euclides viu a derrota da expedição Moreira César como a chance de regenerar a República, que se afastara de seus ideais. Era o estopim que permitiria reacender a chama revolucionária, conforme escreveu, em março de 1897, ao seu amigo de Campanha, o político mineiro João Luís Alves: “vejo nesta situação dolorosa um meio eficaz para ser provada a fé republicana”.

Comentou a espantosa derrota da 3ª expedição em “A nossa Vendéia”, título dos dois artigos que publicou n’*O Estado de S. Paulo* em 14 de março e 17 de julho de 1897. Aproximava o conflito na Bahia da rebelião dos camponeses monarquistas e

católicos da região da Vendéia, ocorrida na França de 1793 a 1795. Assim como a Revolução Francesa havia sido ameaçada pela Vendéia, a recém-proclamada República brasileira estaria em perigo pela atuação dos seguidores do Conselheiro. Mas mostrava sua certeza inabalável da vitória do governo: “Este paralelo será, porém, levado às últimas conseqüências. A República sairá triunfante desta última prova.”

Escritos em São Paulo, antes de qualquer contato com o sertão baiano, os artigos já prefiguravam o livro de 1902. Traziam um amplo estudo geográfico e climático da região, além da análise dos aspectos étnicos e culturais do homem sertanejo, com base nas informações fornecidas pelo engenheiro baiano Teodoro Sampaio, seu colega na Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que explorara a área com a Comissão Milnor Roberts em 1880 e lhe forneceu um mapa inédito do interior da Bahia, copiado na Superintendência de Obras e enviado pelo governador Campos Sales ao estado-maior do Exército no Rio. Citava viajantes e naturalistas, como Martius, Saint-Hilaire, Humboldt e Caminhoá, e antecipava algumas das teses de *Os sertões* sobre a simbiose entre a terra e o homem.

Graças aos artigos, foi convidado por Júlio de Mesquita para cobrir a 4ª expedição como correspondente de *O Estado de S. Paulo*. Tinha a missão, segundo o jornal, de enviar reportagens do teatro das operações, além de tomar notas e fazer estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e o Conselheiro, que o Estado iria publicar em volume. Pretendia dar ao livro o mesmo título dos artigos, *A nossa Vendéia*, reforçando o paralelo entre a história francesa e a brasileira.

Em Canudos

Euclides participou, como repórter, de agosto a outubro de 1897, da 4ª e última expedição, formada por 8 mil soldados, sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães, ligado aos militares florianistas e positivistas, que disputavam o poder político com os civilistas do Partido Republicano Paulista. Desembarcou em Salvador, no dia 3 de agosto, como adido ao estado-maior do ministro da Guerra, marechal Bittencourt, que seguia para Monte Santo, de modo a organizar a base de operações e garantir o abastecimento das tropas.

Permaneceu em Salvador, onde teve um ataque de hemoptise, até 30 de agosto, quando partiu para Monte Santo, acompanhando o ministro da Guerra. Ficou na cidade, a 120 km. de Canudos, até 13 de setembro, quando finalmente obteve autorização para

ir à frente de batalha. Temia, conforme escreveu a seu amigo, o advogado paulista Reinaldo Porchat, não chegar “a tempo de assistir à queda do arraial maldito”.

Chegou a Canudos em 16 de setembro e tomou contato com um povoado semidestruído pelos constantes bombardeios, com seus habitantes privados de água e comida devido ao cerco do Exército. Presenciou pouco menos de três semanas de luta, até 3 de outubro, quando se retirou doente, dois dias antes do fim da guerra, com acessos de febre. Não assistiu ao massacre dos prisioneiros, à queda da cidade ou à descoberta do cadáver do Conselheiro e de seus manuscritos. Tais cenas, ausentes de suas reportagens, foram relatadas de forma sucinta em *Os sertões*.

Passeou, dentro da cidade, em 29 de setembro, como contou no penúltimo artigo enviado de Canudos: “passeio perigosamente atraente, com os jagunços a dois passos apenas, nas casas contíguas”. Anotou, no mesmo dia, na caderneta que trazia consigo: “Não posso definir a comoção ao entrar no arraial.” Decepcionou-se com o aspecto daquela povoação estranha, cujas ruas eram substituídas por um labirinto de becos, com casas que se acumulavam em absoluta desordem, como se tudo aquilo tivesse sido construído “febrilmente -- numa noite -- por uma multidão de loucos!” Assustou-se ainda com o interior dos casebres: escuros, sem ar e com pouca mobília.

Euclides silenciou sobre as atrocidades da guerra, no que foi acompanhado por quase toda a imprensa. Sentiu-se tolhido para atacar o Exército e se deixou cegar pela máquina de propaganda da imprensa e do governo, para a qual contribuiu com artigos exaltados, que se encerravam com os brados patrióticos de “viva a República” ou “a República é imortal”. Era, desde 1896, tenente reformado e fora nomeado, para a cobertura da guerra, adido ao estado-maior do ministro da Guerra, com direito a ordenança. Acompanhou grande parte dos combates junto aos oficiais da comissão de engenharia e do quartel-general.

Os materiais enviados pelos correspondentes, sobretudo pelo telégrafo, eram submetidos à censura militar. Mas jornalistas, como Favila Nunes, da *Gazeta de Notícias*, do Rio, e Lelis Piedade, do *Jornal de Notícias*, da Bahia, chegaram a mencionar atos de violência das tropas. Outro repórter, Manuel Benício, do *Jornal do Comércio*, do Rio, foi tão incisivo em suas críticas à imperícia do general Artur Oscar que acabou expulso de Canudos. A crueldade da campanha só foi revelada porém, de forma veemente, pelo monarquista Afonso Arinos, n.º O *Comércio* de São Paulo, que denunciou a degola dos prisioneiros e os abusos cometidos contra mulheres e crianças e divulgou o relatório do Comitê Patriótico da Bahia, formado para dar auxílio aos soldados feridos e às famílias dos mortos.

As reportagens de Euclides se interromperam de forma súbita em 1o de outubro. Escreveu sobre as manhãs admiráveis em Canudos, com os raios de sol que iluminavam o círculo de montanhas, e relatou o violento ataque à cidade, com grandes perdas de ambos os lados, que assistiu da sede da comissão de engenharia. Sentiu-se profundamente desapontado ao contemplar, após os combates, os feridos que gemiam amontoados no chão, numa cena que lhe pareceu mais lúgubre do que o vale do inferno de Dante: “acreditei haver deixado muitas idéias, perdidas, naquela sanga maldita, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam manchados de poeira e sangue...”

Os sertões revisitados

Euclides passou quatro anos após o término da guerra, preenchendo centenas de folhas de papel, para ordenar o caos e superar o vazio trazidos sob o impacto daquela “região assustadora”, de onde voltou deprimido e doente. Seguiu revendo, na mente, as imagens comoventes do conflito, cujo horror a linguagem mal podia exprimir, conforme escreveu, já de volta a Salvador, no poema “Página vazia”, cujos versos seriam, segundo ele, “tão mal feitos e tão tristes”.

Grande parte do livro foi redigido em São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo. Morou na cidade por três anos, de 1898 a 1901, para reconstruir a ponte metálica sobre o rio, que caíra devido a uma enchente, construída sob sua fiscalização, mesmo que à distância, como engenheiro da Superintendência. Das páginas escritas em um pequeno barracão no canteiro de obras, às margens do rio Pardo, ou em sua casa à noite, na esquina das ruas 13 de Maio e Marechal Floriano, surgia uma nação em ruínas que devorava seus próprios filhos.

Começara antes, durante a guerra, já em Salvador e em Canudos, a tomar notas para o livro e iniciara sua redação na fazenda do pai em Belém do Descalvado, no interior de São Paulo, onde se recolheu por alguns meses, no final de 1897, para tratar da saúde. Concluiu Os sertões em São Carlos do Pinhal, para onde foi transferido, em maio de 1901, como chefe do 5º distrito de obras públicas, e revisou as provas impressas em Lorena, onde residiu a partir de dezembro de 1901. Enquanto lançava, em São José do Rio Pardo, novas bases para a ponte sobre o rio, escrevia sobre a necessidade de refundar a República brasileira, que havia se corrompido com o militarismo dos governos dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto e o liberalismo ilusório de uma Constituição que as elites civis desrespeitavam por meio de fraudes eleitoriais. Aderia à denúncia da política dos governadores e à pregação pela revisão constitucional do

deputado e jornalista Júlio de Mesquita e do grupo reunido, a partir de 1901, em torno do jornal *O Estado de S. Paulo* e da dissidência do Partido Republicano Paulista.

Acusou, em *Os sertões*, o Exército, a Igreja e o governo pela destruição da comunidade e fez a autocrítica do patriotismo exaltado de suas reportagens. Reconheceu a omissão de sua cobertura da guerra, ao relatar o massacre dos prisioneiros sobre o qual antes se calara. Criticou ainda o confronto entre Canudos e a Vendéia, que empregara em seus artigos, e descartou a idéia de uma conspiração política, apoiada por grupos monárquicos e por países estrangeiros, que havia justificado o massacre.

Abriu o livro com um vôo panorâmico sobre o planalto brasileiro, que se inicia nas escarpas do litoral ao Sul e segue pela bacia do rio São Francisco até se aproximar do solo deprimido e revolto do vale do rio Vaza-Barris. O movimento descendente do narrador se aproxima da visão do poeta em “O navio negreiro” (1868), de Castro Alves, que observa do alto as ondas do oceano até baixar, nas asas do albatroz, ao tombadilho ensangüentado da embarcação, em que se encontram os escravos acorrentados.

Adotou uma concepção naturalista, baseada no historiador francês Hippolyte-Adolphe Taine (1828-93), que lhe forneceu a base científica, ou o pretexto, para buscar correspondências poéticas entre os fatos narrados e a paisagem à sua volta. Tais concepções naturalistas deram um verniz de ciência à sensibilidade romântica que formara na juventude. Percebia, de forma dramática, o conflito entre natureza e história e procurava entender, em termos artísticos e científicos, os modos de interação entre ambas.

Taine considerou, na *Histoire de la littérature anglaise* [História da literatura inglesa] (1863), que a vida de um povo seria determinada por três fatores: o meio, ou o ambiente físico e geográfico; a raça, responsável pelas disposições inatas e hereditárias; e o momento, resultante das duas primeiras causas. Esse modelo foi também seguido por Sílvio Romero, na *História da literatura brasileira* (1888), que tomou a literatura do Brasil como expressão da natureza e do povo, explicando o seu surgimento a partir da ação diferenciadora do mestiço.

Euclides dividiu o livro em três partes, correspondentes aos fatores apontados por Taine: “A terra”, “O homem” e “A luta”. Tratou, em “A terra”, da geologia e da geografia do sertão, incluindo o clima do semi-árido, a vegetação da caatinga e a problemática das secas que assolam a região. Recriou, numa versão laica do *Gênesis*, mundos revoltos e instáveis, varridos por mares pré-históricos e por labaredas de proporções bíblicas. Desceu às camadas profundas do solo e recuou até a origem do continente e de seus habitantes, para explicar a irrupção quase vulcânica do Conselheiro e de seus seguidores.

no
da
seu
e o
ara
vos

Abraçou idéias controversas dos geólogos Emmanuel Liais e Frederic Hartt sobre a formação recente do sertão baiano, que considerou ser o fundo recém levantado de um mar extinto, cujo solo conturbado revelaria a “agitação das ondas e das voragens”. Criou uma fantasia geológica sobre a existência pré-histórica de mar na região de Canudos, o que prenunciaria as profecias atribuídas ao Conselheiro de que o sertão iria virar praia, com a esperança de uma inversão climática capaz de trazer a redenção.

Mostrou a interação entre os elementos, como a água e o fogo, que se revezam na criação e na destruição do sertão. Afastou-se, em parte, do determinismo geográfico, ao admitir a possibilidade do homem amenizar os efeitos das secas pela construção de açudes e canais, tomando, como exemplo, a atuação dos romanos e franceses na Tunísia. Criticou também a devastação do meio-ambiente pelas queimadas que o colonizador ganancioso aprendera com o indígena, assumindo o papel de “terrível fazedor de desertos”. Capaz de criar desertos, o homem poderia também extinguí-los, corrigindo o passado. Encerrou seu relato com o lamento pelos rebeldes, dizimados a ferro e fogo, abatidos pelas balas e facas dos soldados e incinerados pelas bombas de dinamite e tochas de querosene, que reduziram Canudos a cinzas.

te-
car
ais
que
ria
tre

“Barbaramente estéreis”, “maravilhosamente exuberantes”, os sertões formam, para o autor, uma categoria geográfica própria, paradoxal e antitética, capaz de oscilar entre a aridez das estepes e desertos e a abundância dos vales férteis. Procurou recriar tais variações climáticas pelo ritmo binário, pelas repetições sonoras e sintáticas e pelas acelerações rítmicas, freqüentes em sua descrição da natureza, que personificou como participante da luta. O “martírio do homem”, submetido à violência das estiagens prolongadas, seria apenas o reflexo de uma tortura maior: “Nasce do martírio secular da Terra...”

sa]
nte
e o
por
do
da

Tomou a natureza dos sertões como cenário ou símbolo, que projeta sombras e imagens sobre a narrativa. A vegetação da caatinga, com galhos secos e contorcidos, permitiria antever o sacrifício dos sertanejos degolados pelos soldados. As flores rubras das cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosas, lembravam “cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica”. As palmatórias-do-inferno, “diabolicamente eriçadas de espinhos”, evocariam a paixão de Cristo e o sacrifício dos conselheiristas.

por
fia
ica
tos
as.
eus
res.

Discutiu, em “O homem”, as origens do homem americano, a formação racial do sertanejo e os malefícios da mestiçagem. Construiu uma teoria fatalista do Brasil, cuja história seria movida pelo choque entre etnias e culturas destinadas ao desaparecimento. Recorreu às concepções do sociólogo Ludwig Gumplowicz (1838-1909), que

considerava a história guiada pelo conflito entre raças, do qual resultaria o esmagamento inevitável dos fracos pelos fortes. Alarmado com o avanço da cultura estrangeira, lançou um brado de alerta em *Os sertões*: “Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos”.

Seguia teorias raciais, baseadas na crença na inferioridade dos não-brancos, que davam ares de ciência ao preconceito de cor. Explicou a guerra como o resultado do choque entre os curibocas do sertão, formados de brancos e índios, e os mestiços do litoral, tidos como neurastênicos e desequilibrados pela mistura entre brancos e negros. Glorificou o mestiço do sertão, que apresentaria vantagem sobre o mulato do litoral, devido ao isolamento histórico e à ausência de componentes africanos, que tornariam mais estável sua evolução racial e cultural. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte: Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”.

Elevou o homem do sertão, vítima do ataque das forças republicanas, à altura dos grandes heróis dos poemas épicos e dos romances de cavalaria. Retratou-o como vaqueiro envolto em gibão de couro, de modo semelhante a um titã grego ou a um guerreiro antigo coberto por armadura. Em uma passagem antológica de “O homem”, descreveu o estouro da boiada com uma tal concentração de recursos expressivos, de ordem sonora, sintática e rítmica, que os milhares de animais desgovernados acabaram transfigurados em um único corpo, monstruoso e fantástico, sobre o qual se lança o vaqueiro em disparada. Caracterizou ainda o homem do sertão como centauro pela simbiose com a montaria, imagem que já fora empregada, junto com as alusões à cavalaria medieval, por José de Alencar em *O sertanejo* (1876).

Euclides imaginou o sertanejo como o resultado da confluência entre a bravura indígena e a ousadia dos bandeirantes paulistas, que penetraram pelos rios Tietê e São Francisco rumo ao interior, expandindo o território da colônia portuguesa nos séculos XVII e XVIII. O curiboca do sertão é tomado como o resultado da união entre os desbravadores vindos de São Paulo e os indígenas oriundos do continente americano. Tipo autônomo, aventureiro e rebelde, responsável pela integração nacional, o paulista abarcaria não só os habitantes de São Paulo, mas os filhos dos estados do Sul e do Centro-Sul, incluindo Rio de Janeiro e Minas Gerais!

Difundiu, em *Os sertões*, junto com o mito do sertanejo, uma outra representação análoga, o mito do bandeirante, que foi depois retomada por Oliveira Viana em *Populações meridionais do Brasil* (1920), por Afonso d’Escragnolle Taunay em *História geral das bandeiras paulistas* (1924-50) e por Alfredo Ellis Júnior em *Raça de gigantes* (1926). Do cruzamento entre brancos e índios teria resultado, segundo Ellis Júnior,

uma “sub-raça superior”, cujo caráter guerreiro e individualista fora capaz de lançar as bases da hegemonia paulista...

Euclides seguiu as teorias do geólogo canadense Charles Frederic Hartt (1840-78), do arqueólogo dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-80), do paleontólogo inglês Samuel George Morton (1799-1851) e do médico brasileiro Júlio Trajano de Moura, autor de *Do homem americano* (1889), sobre uma suposta origem autóctone dos habitantes da América. Criou assim uma imagem grandiosa do homem do sertão como ser autêntico, enraizado no solo, com cultura própria e evolução autônoma, garantidas pelo isolamento geográfico, e chamou o sertanejo de “rocha viva” da nacionalidade, base sobre a qual se poderia criar o brasileiro do futuro. Fazia a analogia entre o granito, composto de três minerais, e o povo brasileiro, resultante da mistura de branco, índio e negro, que expôs nas notas à 2ª edição. A imagem se inscreveu no texto de *Os sertões* no mesmo período em que escavava, como engenheiro de obras, o leito do rio Pardo em busca da rocha granítica que lhe permitiria reconstruir, em fundamentos mais sólidos, a ponte metálica que ruíra.

Finalmente, em “A luta” e nos capítulos seguintes, narrou os acontecimentos da guerra, que levaram à destruição da comunidade, realizada em nome da consolidação da ordem republicana. Procurou mostrar como os dois lados do conflito – o litoral e o sertão – se encontravam tomados por fanatismos religiosos e políticos. Os soldados saudavam a memória do marechal Floriano Peixoto, morto dois anos antes, cuja efígie traziam no peito, com o mesmo entusiasmo doentio com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus. O coronel Moreira César, comandante da 3ª expedição, líder epilético dos florianistas, é tido como tão desequilibrado quanto o Conselheiro. Ambos refletiriam a instabilidade dos primórdios da República.

Euclides viu o sertão como reflexo do litoral: a barbárie estaria por toda parte. Tal nota pessimista encontrou expressão nas inúmeras antíteses, que indicam suas próprias hesitações no julgamento da guerra. Canudos é a “Tróia de taipa dos jagunços”, misto de cidadela inexpugnável e labirinto de casebres de barro, cuja luta evocaria os feitos épicos cantados por Homero. O sertanejo é um herói monstruoso, “Hércules-Quasímodo”, tão forte quanto desgracioso. Conselheiro um “grande homem pelo avesso”, que entrou para a história, como poderia ter ido para o hospício...

Criticou as jornadas jacobinas no Rio de Janeiro, em 7 de março de 1897, quando multidões reagiram à notícia da derrota da 3ª expedição contra Canudos com a destruição das oficinas e redações dos jornais monárquicos e o assassinato de um jornalista, o coronel Gentil de Castro, que tentava fugir de trem, com o visconde de Ouro Preto, do

Rio para Petrópolis. Euclides considerava os exaltados manifestantes da rua do Ouvidor, centro do comércio elegante e das redações de jornais, mais perigosos do que os sertanejos: são “trogloditas completos”, “enluvados e encobertos de tênue verniz de cultura”. E observou: “O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral”.

O sertão vai virar mar

Os sertões é uma obra híbrida que transita entre a literatura, a história e a ciência, ao unir a perspectiva científica, de base naturalista e evolucionista, à construção literária, marcada pelo fatalismo trágico e por uma visão romântica da natureza. Euclides recorreu a formas de ficção, como a tragédia e a epopéia, para compreender o horror da guerra e inserir os fatos em um enredo capaz de ultrapassar a sua significação particular. A epopéia gloriosa da República brasileira, pela qual combatera na juventude, adquiriu caráter de tragédia na violenta intervenção militar que testemunhou em Canudos.

Dizia ser ele próprio um “misto de celta, de tapuia e grego”, para falar do encontro entre sua educação brasileira e a cultura greco-francesa, que o levava à poesia romântica, à ciência naturalista e à retórica clássica, cujos recursos empregou para amplificar, com grande riqueza vocabular, as inúmeras alusões, comparações e metáforas. Em carta ao poeta Vicente de Carvalho, de fevereiro de 1909, referiu-se à fatalidade como a “Maldade obscura e inconsciente das coisas”, que inspirou a concepção trágica dos gregos.

Pensou a história a partir de fatores naturais, estudados pela ciência, e de forças obscuras e ancestrais, assunto da poesia e do mito. Projetou sobre o Conselheiro muitas de suas obsessões pessoais, como o temor da irracionalidade, da sexualidade e da anarquia, para criar um personagem trágico, guiado por forças obscuras e ancestrais e por maldições hereditárias que o teriam levado à insanidade e ao conflito com a ordem. Viu Canudos como desvio histórico capaz de ameaçar a “linha reta”, concebida como a fidelidade às crenças republicanas.

Gilberto Freyre já tinha observado, em *Perfil de Euclides e outros perfis* (1944), que a natureza que transborda de *Os sertões* é aquela que a personalidade angustiada do escritor precisou de exagerar para se completar e nela se exprimir. Euclides transfigurava, pela força da imaginação, a paisagem à sua volta, vendo por toda parte miragens e espectros que remetiam à mitologia, à história e à literatura. As serras de

pedra do Cambaio, por exemplo, que as tropas da 2ª coluna, sob o comando do general Cláudio do Amaral Savaget, tiveram que atravessar sob tiroteio, lhe lembravam velhíssimos castelos ou fortalezas de titãs em ruínas.

Os sertões se destacou, em meio à enxurrada de livros sobre Canudos, graças à preocupação estilística de seu autor, que fez mais de dez mil correções nas três edições que lançou em vida, quase todas de ortografia, vocabulário, sintaxe e pontuação. O livro ganhou permanência pela escrita poética e imagética, ainda que se encontrem hoje superados muitos de seus aspectos científicos, como as hipóteses geológicas e as teorias raciais, e parte da reconstrução histórica, marcada por uma visão negativa e mesmo preconceituosa de Canudos e da atuação do Conselheiro.

Euclides abordou Canudos como comunidade primitiva, “*urbs* monstruosa, de barro” ou “*civitas* sinistra do erro”, dominada pela desordem e pelo crime. Viu o povoado como um ajuntamento caótico e repugnante de casas, onde haveria o coletivismo dos bens e o “amor livre”, já que muitos casais viviam em concubinato. Mas, fiel à sua escrita paradoxal e antitética, na qual dava expressão tanto aos seus dilaceramentos pessoais quanto ao caráter tenso e contraditório da natureza e da história, comparou o Conselheiro aos profetas heréticos do cristianismo primitivo e salientou o moralismo dominante no povoado, do qual eram banidos o consumo de álcool e os enfeites femininos.

Revelou o mesmo distanciamento ao comentar as profecias, que julgou serem do Conselheiro, e as quadras de poesia popular, recolhidas junto às ruínas da comunidade. Eram, para ele, “pobres papéis”, com “ortografia bárbara” e “escrita irregular”, que revelariam o “pensamento torturado” dos sertanejos. Transcreveu, em uma caderneta, duas profecias apocalípticas e duas narrativas em versos sobre os primórdios da República e a derrota da 3ª expedição contra Canudos, sob o comando do coronel Moreira César, “grande ímpio/ lá do rio Janeiro”, comido pelos urubus do Belo Monte.

As profecias apocalípticas, que atribuiu com engano ao Conselheiro, anunciam o fim do mundo e a criação do Reino dos Céus na terra, em que os conflitos sociais e políticos seriam superados pela unificação dos homens sob a autoridade divina: “um só pastor e um só rebanho”. O sertão viraria “praia”, expressão que designa as zonas úmidas entre o litoral e o semi-árido, tornando-se terra de promessa, com fartura de carne e peixe: “Em 1896 há de rebanhos mil correr da praia para o sertão; então o sertão virará praia e a praia virará sertão”.

Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, reuniu seus sermões em dois volumes manuscritos, a que Euclides não teve acesso quando redigiu o livro. Tais

prédicas, que só foram publicadas em 1974 por Ataliba Nogueira, e mais recentemente, em 2002, por Fernando Peres e Walnice Nogueira Galvão, mostram um líder religioso muito diferente do fanático místico ou do profeta milenarista retratado em *Os sertões*. Revelam um sertanejo letrado, capaz de exprimir, de forma articulada, suas concepções políticas e religiosas, que se vinculavam a um catolicismo devocional e penitente, corrente na Igreja do século XIX.

A partir das fontes orais que recolheu, Euclides procurou recriar o imaginário dos seguidores do Conselheiro e propôs uma outra interpretação de *Canudos*, até hoje controversa, não como centro de uma conspiração monárquica, mas enquanto comunidade messiânica, em que haveria a espera mágica do rei português d. Sebastião, que voltaria, com suas tropas, para derrotar as forças da República. Teria sido revivido assim, no Belo Monte, o mito do retorno glorioso de d. Sebastião, morto em batalha em 1578, na tentativa de expandir os domínios da cristandade na África. O sebastianismo se manteve em Portugal até o século XIX e se manifestou no Brasil em movimentos messiânicos, como na Cidade do Paraíso Terrestre (1817-20) e em Pedra Bonita (1836-8), ambos em Pernambuco, ou no Contestado (1910-4), no sul do país.

As profecias sebastianistas e apocalípticas, que Euclides incorporou a *Os sertões*, ganharam nova ressonância em *Deus e o Diabo na terra do sol* (1963), do cineasta Glauber Rocha. Ressurgiram, no filme, pelas falas do beato Sebastião, que contém traços dos líderes de *Canudos* e de Pedra Bonita, e na trilha sonora composta por Sérgio Ricardo: “O sertão vai virar mar/ e o mar vai virar sertão”. Glauber converteu tais presságios em estribilho revolucionário, que celebra a reforma agrária e a redenção política, simbolizadas pelas ondas do vasto mar, para onde corre o vaqueiro Manuel na apoteótica cena final.

Na Amazônia

Euclides se desligou, no início de 1904, da atividade de engenheiro que exercia desde 1895 para o governo de São Paulo. Sem emprego fixo, retomou a colaboração com *O Estado de S. Paulo* e passou a escrever também para *O País*, no Rio de Janeiro, naquilo que chamou de “três meses de jornalismo nos intervalos de minha engenharia trabalhosa”. Com dificuldades financeiras, transferiu em abril para a editora Laemmert, em caráter definitivo, os direitos de *Os sertões* pela módica quantia de um conto e 800 mil réis, pouco mais do que recebera pela 2ª edição. A 3ª edição sairia no ano seguinte, em 1905, quando já se encontrava na Amazônia às voltas com a expedição ao Purus.

Confessou, em carta de fevereiro de 1903, ao engenheiro belga Luís Cruls, diretor do Observatório Astronômico, no Rio, e ex-chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Javari, que sonhava em fazer uma viagem ao Acre, referindo-se às expedições cartográficas que se anunciavam. A região era palco de conflitos entre soldados e caucheiros peruanos, de um lado, e seringueiros brasileiros, do outro, e se tornara alvo de disputas territoriais entre o Brasil, o Peru e a Bolívia. O escritor tornou público seu interesse pela Amazônia, ao tomar parte, em maio de 1904, com artigos n' *O Estado de S. Paulo*, do debate sobre as questões de fronteira. Criticava o envio de tropas brasileiras para o Alto Purus e defendia uma solução diplomática, sem intervenção militar, que permitisse incorporar o território do Acre.

O barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, nomeou Euclides, em 9 de agosto de 1904, chefe da comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus, com a missão de fazer o levantamento cartográfico do rio e de suas nascentes. A nomeação foi obtida graças ao discreto apoio de Oliveira Lima, mas sobretudo à ajuda de José Veríssimo, que o recomendou ao barão. Mudou-se, em setembro, do Guarujá para o bairro do Cosme Velho, no Rio, de modo a fazer os preparativos da expedição, para a qual contratou como auxiliar técnico seu primo, o engenheiro baiano Arnaldo Pimenta da Cunha, e como fotógrafo Egas Chaves Florence, apesar do veto do visconde de Cabo Frio, diretor geral do Itamarati, que considerava dispendioso e desnecessário tal registro fotográfico.

A expedição deixou Manaus, em abril de 1905, para uma viagem de seis meses e meio, repleta de dificuldades. Saindo na vazante dos rios, tiveram que abandonar as lanchas a vapor e fazer parte do percurso a pé, com canoas arrastadas a pulso. Passaram fome por causa do naufrágio do barco com mantimentos. Chegaram famintos e esfarrapados ao Cujar, uma das cabeceiras do Purus, parte dos objetivos da expedição, e desvendaram o mistério de sua ligação com os rios Ucaiale e Madre de Dios, feita através de varadouros abertos pelo homem. De volta ao Rio, preparou os mapas que permitiram a Rio Branco resolver as questões de fronteira com o Peru em setembro de 1909.

Os ensaios de Euclides sobre a Amazônia foram reunidos em dois livros: *Contrastes e confrontos* (1907) e *À margem da história* (1909). Escreveu ainda duas obras técnicas, o *Relatório sobre o Alto Purus* (1906) e *Peru versus Bolívia* (1907), em que tomava partido pela Bolívia contra as pretensões territoriais do Peru, que reivindicava parte da região do Acre. Abordou, tanto em *Os sertões*, quanto nos ensaios amazônicos, um mesmo personagem, o sertanejo, "expatriado dentro da própria pátria". Reunido em

comunidade sob a liderança do Conselheiro, ou em migração para os seringais do Acre, o sertanejo fugia das calamidades da seca. Inimigo da República em Canudos, passou a ser visto com maior simpatia na Amazônia como agente de povoamento nos confins da selva, que retomaria a saga gloriosa dos bandeirantes.

A tragédia da Piedade

Euclides voltou ao Rio de Janeiro, no início de 1906, com a saúde debilitada. Contraiu, na selva, malária crônica e incurável, com febres periódicas, que se juntou à tuberculose que trazia da infância. Encontrou a cidade transfigurada pelas reformas do prefeito Pereira Passos, que demoliu o casario antigo para remodelar o centro e abrir a avenida Central, atual avenida Rio Branco. A capital o perturbava com seu cosmopolitismo postiço e a presença ostensiva dos bondes e automóveis.

Trabalhou até 1909 como adido ao Ministério das Relações Exteriores, mas sentia o desconforto de uma posição instável, sujeita às graças do barão do Rio Branco, já que não pertencia ao quadro efetivo de funcionários e não conseguira tampouco ingressar na carreira diplomática, com a qual chegara a sonhar. O inferno se prolongava em casa, pois encontrou, ao retornar da Amazônia, Ana grávida devido às relações extraconjugais com o cadete Dilermando de Assis, que se tornara amigo de seus filhos.

Foi um eterno insatisfeito com suas atividades profissionais, como militar ou engenheiro. Arrastou consigo a incômoda contradição entre a face pública de escritor consagrado e a busca inglória de emprego mais propício à atividade literária. Conviveu com tal dilema até ingressar, poucas semanas antes da morte, no Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional, como professor de lógica, após tumultuado concurso em que terminou classificado em segundo lugar, atrás do filósofo cearense Farias Brito, autor de *Finalidade do mundo* (1894-1905). Mas acabou por obter a ansiada nomeação graças ao seu renome de escritor e à interferência do barão do Rio Branco e de seu amigo, o escritor e deputado Coelho Neto, junto ao presidente Nilo Peçanha.

Euclides morreu, em 15 de agosto de 1909, no bairro da Piedade, no Rio de Janeiro, em tiroteio com o aspirante Dinorá e o cadete Dilermando de Assis, amante de sua mulher. O escritor recebeu quatro tiros, Dilermando quatro e seu irmão Dinorá foi atingido próximo à coluna, ficando mais tarde paralítico e cometendo o suicídio. A morte de Euclides foi contraditória com sua obra, pois *Os sertões* é um manifesto contra a violência, em que criticara o código ancestral de reparação das ofensas à honra por meio de derramamento de sangue, que tivera trágicas conseqüências na saga familiar de Antônio Conselheiro e na própria guerra de Canudos.

Como o Conselheiro, o autor de *Os sertões* teve um fim trágico. Ambos foram construtores itinerantes, um de igrejas e cemitérios, o outro de pontes, escolas e estradas. Os dois tiveram o destino marcado pela perda da mãe na infância, pelo adultério das esposas, pela luta sangrenta de suas famílias contra seus inimigos e pelas posições que tomaram frente à República, um de feroz oposição, o outro de adesão entusiástica, seguida de crítica mordaz. Ambos tiveram fé, o líder religioso na força redentora da devoção e do ascetismo, o escritor no poder transformador da literatura, da ciência e da filosofia.

O escritor e médico legista Afrânio Peixoto retirou o cérebro do escritor, que ficou conservado em formol no Museu Nacional até 1983, quando foi enterrado em Cantagalo, sua cidade natal. Tratava-se, para o antropólogo Roquete-Pinto, de um órgão notável pela riqueza e complexidade das circunvoluções, sobretudo na zona que governa as faculdades de expressão. O crânio do Conselheiro foi tirado de seu cadáver e entregue a Raimundo Nina Rodrigues, da Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, que o examinou em busca dos traços anatômicos do crime. O médico-etnólogo concluiu que se tratava do crânio “normal” de um mestiço, em que se associavam os caracteres antropológicos de diferentes raças.

Dois dias após a morte de Euclides, José Veríssimo, que o consagrara com artigo sobre *Os sertões*, escreveu a Mário de Alencar, da Academia Brasileira de Letras, confessando, com certa reserva, que não tinha muita simpatia pelo escritor e que se esforçava para tolerá-lo, por achar o seu “egotismo” insuportável. Afirmava ainda, em uma previsão que se revelaria equivocada, que achava excessiva a sua “fortuna literária”, pois sua obra não iria sobreviver por muito tempo.

Veríssimo presidiu, em 28 de agosto de 1909, a sessão da Academia, em que manifestou seu pesar pela perda do “saudoso companheiro” e declarou aberta a sua vaga, que viria a ser ocupada por Afrânio Peixoto.

Euclides morreu, de acordo com o calendário positivista, no mês dedicado a Gutenberg, o inventor da imprensa. Saía, no mesmo dia, a entrevista que dera para Viriato Correia da *Ilustração Brasileira*. Em sua casa em Copacabana, com janelas abertas para o mar, contou das dificuldades para publicar *Os sertões*, que *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal do Comércio* haviam recusado. Falou ainda das infindáveis correções nas sucessivas edições da obra e mostrou um exemplar da 3ª edição, em que tinha feito cerca de 2.600 correções para a próxima edição. A entrevista foi dada em um domingo. Viriato e Euclides conversaram, almoçaram e passearam descalços na praia. Era sol e era azul.

NOTA

Agradeço as sugestões e observações feitas por Leopoldo Bernucci, Walnice Nogueira Galvão, John Schulz e José Carlos Barreto de Santana, que leram este artigo.

Bibliografia de Euclides da Cunha

- Ondas*. Rio de Janeiro, 1883-4. Caderno manuscrito (Grêmio Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo). Public. parcialmente em: *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1995, v. 1, p. 697-730.
- Notas*. Rio de Janeiro, 1885. Caderno manuscrito (Grêmio Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo).
- Relatório apresentado ao cidadão tenente-coronel diretor das Obras Militares do Estado de Minas Gerais, pelo tuclides Rodrigues da Cunha*. Campanha, 18 dez. 1894. Cópia manuscrita (Biblioteca São Saruê, Rio de Janeiro).
- Caderneta de campo*. Rio de Janeiro, Salvador, Canudos, São José do Rio Pardo, 1897-1901. Manuscrito (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro). Public. São Paulo, Brasília, Cultrix, INL, 1975. Ed. de Olímpio de Sousa Andrade.
- Canudos: Diário de uma expedição* (1897). São Paulo, Companhia das Letras, 2000. Org. de Walnice Nogueira Galvão.
- “Página vazia”. Salvador, 14 out. 1897. Poema manuscrito no álbum de Francisca Pragner (Col. Celina Fróes, Rio de Janeiro). Republ. em: *Obra completa*, op. cit., v. 1, p. 726.
- Bloco de notas da Superintendência de Obras Públicas*. Lorena, 17 out. 1902-14 dez. 1903. Manuscrito (Grêmio Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo).
- Os sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1902. Reed. São Paulo, Ática, 1998. Ed. crítica de Walnice Nogueira Galvão. Nova reed. São Paulo, Ateliê, 2002. Ed. anotada de Leopoldo Bernucci.
- Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1906. Republ. parcialmente em: *Obra completa*, op. cit., v. 1, p. 753-810.
- Contrastes e confrontos*. Pref. de José Pereira de Sampaio (Bruno). Porto, Empresa Literária e Tipográfica, 1907. Reed. São Paulo, Brasília, Cultrix, INL, 1975.
- Peru versus Bolívia*. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1907. Republ. em: *Obra completa*, op. cit., v. 1, p. 811-893.
- À margem da história*. Porto, Liv. Chardron, 1909. Reed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- Um paraíso perdido: Ensaio, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994. Org. de Leandro Tocantins.
- Correspondência de Euclides da Cunha* (1890-1909). São Paulo, Edusp, 1997. Org. de Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti.

Documentos de Euclides da Cunha e familiares

- Certidão de casamento de Eudóxia Alves Moreira e Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha. Livro 1 de casamentos, fl. 43, no 3. Santa Rita do Rio Negro, 24 out. 1864 (Igreja de Euclidelândia, Cantagalo).
- Certidão de batismo de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha. Livro 1 de batizados, fl. 161, no 49. Santa Rita do Rio Negro, 24 nov. 1866 (Igreja de Euclidelândia, Cantagalo).
- Certidão de batismo de Adélia Pimenta da Cunha. Livro 1 de batizados, fl. 180, no 66. Santa Rita do Rio Negro, 1 nov. 1868 (Igreja de Euclidelândia, Cantagalo).
- Certidão de casamento civil de Ana Emília Solon Ribeiro e segundo-tenente Euclides Rodrigues da Cunha. Livro 4, fl. 136 e 136v., no 217. Rio de Janeiro, 10 set. 1890 (6a Circunscrição – Registro Civil das Pessoas Naturais, Rio de Janeiro).
- Certidão de casamento religioso de Ana Emília Solon Ribeiro e segundo-tenente Euclides Rodrigues da Cunha. Livro de casamentos, fl. 51v., no 473. Rio de Janeiro, 10 set. 1890 (Cúria Metropolitana - Arquidiocese do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Escola Superior de Guerra. Diploma do tenente Euclides Rodrigues da Cunha. Rio de Janeiro, 16 jan. 1892 (Col. Oswaldo Galotti, São José do Rio Pardo).
- Fé de ofício do tenente Euclides Rodrigues da Cunha reformado. Rio de Janeiro, 14 ago. 1896 (Arquivo do Exército, Rio de Janeiro).
- Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo (Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas). São Paulo, 1896-1904 (Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo).
- Contrato entre Euclides da Cunha e Laemmert & C. para publicação de *Os sertões*. Rio de Janeiro, 17 dez. 1901. Manuscrito (Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro).
- Documentos da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus. Rio de Janeiro, Manaus, 9 ago. 1904-jun. 1906 (Arquivo Histórico do Itamarati, Rio de Janeiro).
- Serviço Médico Legal do Distrito Federal. Esquema das lesões existentes no corpo de Euclides da Cunha. 1a. Vara Criminal, Processo-crime no 1909. Rio de Janeiro, set. 1909 (Arquivo e Documentação Histórica do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

Bibliografia sobre Euclides da Cunha e Canudos

- Andrade, Olímpio de Sousa. *História e interpretação de Os sertões*. São Paulo, Edart, 1966.
- Araripe Júnior, Tristão de Alencar. “Os sertões”. Em: *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), 6 mar. 1903, 18 mar. 1903. Republ. em: *Juízos críticos: Os sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1904, p. 33-71. Também em: *Obra crítica*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, v. 4, p. 89-124.

- Bernucci, Leopoldo. *A imitação dos sentidos: Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo, Edusp, 1995.
- Calasans, José. *Cartografia de Canudos*. Salvador, Sec. da Cultura e Turismo, 1997.
- Campos, Augusto de e Haroldo de Campos. *Os sertões dos Campos: Duas vezes Euclides*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1997.
- Coelho Neto, Henrique Maximiano. "Os sertões". Em: *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 1 jan. 1903, 2 jan. 1903. Republ. em: Juízos críticos, op. cit., p. 88-99.
- Correia, Viriato. "Euclides da Cunha". Em: *A Ilustração brasileira* (Rio de Janeiro), 6: 99-100, 15 ago. 1909. Republ. em: *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro), 30: 219-226, jan.-fev.-mar. 2002.
- Dória, Escragnolle. "Euclides estudante". Em: *Revista da Semana* (Rio de Janeiro), 31: 36, 23 ago. 1930.
- Freyre, Gilberto. "Euclides da Cunha". Em: *Perfil de Euclides e outros perfis* (1944). Rio de Janeiro, Record, 1987, p. 17-69.
- Galvão, Walnice Nogueira. *No calor da hora: A guerra de Canudos nos jornais, 4ª expedição*. São Paulo, Ática, 1977.
- _____. "Metáforas náuticas". Em: *Desconversa: Ensaios críticos*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1998.
- _____. *O Império do Belo Monte: Vida e morte de Canudos*. São Paulo, Fund. Perseu Abramo, 2001.
- Goto, Roberto Akira. "A letra e a morte: Os sertões e a imaginação de um leitor deste final de século". Em: *A letra ou a vida: Textos críticos*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1992, p. 43-63.
- Hardman, Francisco Foot. "Brutalidade antiga: Sobre história e ruína em Euclides". Em: *Estudos avançados* (São Paulo), 10 (26): 293-310, jan.-abr. 1996.
- Lima, Luiz Costa. *Terra ignota: A construção de Os sertões*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.
- Nogueira, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos: Revisão histórica* (1974). São Paulo, Ed. Nacional, 1978.
- Oliveira, Lúcia Lippi de. "A conquista do espaço: Sertão e fronteira no pensamento brasileiro". Em: *História, Ciências, Saúde: Manguinhos* (Rio de Janeiro), v. 1, 1: 195-215, 1997.
- Peres, Fernando e Walnice Nogueira Galvão (orgs.). *Breviário de Antônio Conselheiro*. Salvador, Univ. Federal da Bahia, 2002.
- Queiroz, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo* (1965). São Paulo, Alfa-Omega, 1977.
- Rabello, Sílvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- Rodrigues, Antonio da Gama. *Euclides da Cunha: Engenheiro de obras públicas no Estado de São Paulo* (1896-1904). São Paulo, José Ortiz, 1956.

- Rodrigues, Raimundo Nina. "A loucura das multidões". Em: *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939, p. 78-152.
- Romero, Sílvio. "Euclides da Cunha". Em: *Revista da Academia Brasileira de Letras* (Rio de Janeiro), 3 (9): 1-16, jul. 1912; 3 (10): 179-193, out. 1912.
- Roquete-Pinto, Edgard. "Relações do cérebro com a inteligência". Em: *Revista de Educação Pública* (Rio de Janeiro), v. 7, 25-32: 1-5, 1949-50.
- Santana, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*. São Paulo, Feira de Santana, Hucitec, Univ. Estadual de Feira de Santana, 2001.
- Sevcenko, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Tocantins, Leandro. *Euclides da Cunha e o paraíso perdido* (1966). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- Venancio Filho, Francisco. *Euclides da Cunha e seus amigos*. São Paulo, Ed. Nacional, 1938.
- _____. *A glória de Euclides da Cunha*. São Paulo, Ed. Nacional, 1940.
- Veríssimo, José. "Campanha de Canudos". Em: *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), 3 dez. 1902. Republ. em: *Juízos críticos*, op. cit., p. 22-32. Também em: *Estudos de literatura brasileira*, 5a série. Belo Horizonte, São Paulo, Ed. Itatiaia, Edusp, 1977, p. 45-53.
- Zilly, Berthold. "A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em Os sertões". Em: *História, Ciências, Saúde: Manguinhos* (Rio de Janeiro), v. 1, 1: 13-37, 1997.

Cartas a Euclides da Cunha

- Coelho Neto, Henrique Maximiano. Campinas, 4 dez. 1902 (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro).
- Araripe Júnior, Tristão de Alencar. Rio de Janeiro, 6 mar. 1903 (Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro).
- _____. Rio de Janeiro, 23 mar. 1903 (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro).

Cartas entre terceiros

- Veríssimo, José. Carta a Mário de Alencar. Rio de Janeiro, 17 ago. 1909 (Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro).

Uma carta inédita de Euclides da Cunha¹

Walnice Nogueira Galvão
Profª Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da
Universidade do Estado de São Paulo

RESUMO

Ocupa grande lugar na correspondência ativa de Euclides da Cunha o epistolário de cunho pessoal, que dirigiu a amigos. Dois destes se destacam pela assiduidade: Francisco de Escobar e Reinaldo Porchat, que já eram seus companheiros antes que ele se tornasse famoso e que manteriam acesa a chama da amizade pela vida afora. Após a publicação de *Os sertões*, Euclides veria ampliado o âmbito de seus missivistas, passando a se corresponder com um vasto número de pessoas que figuravam entre os intelectuais mais importantes do país à época. Um deles foi José Veríssimo, cujas cartas, analisadas em seu conjunto, permitem contextualizar esta carta inédita.

Abstract

Euclides da Cunha's personal "epistolary"* that was sent to friends takes a great place in his active personal correspondence. Two of them were considered most frequent correspondents: Francisco de Escobar e Reinaldo Porchat, who were his companionships before Euclides became famous and who would keep, throughout life, the flame of their friendship on.

After the publication of "Os Sertões", Euclides had his correspondence scope enlarged, starting to correspond with a great number of people who represented the most exponent intellectuals of the country at that time. One of them was José Veríssimo, which letters, analyzed in its collection, allowed to contextualize this unpublished letter.

¹ Devemos o conhecimento desta carta à gentileza do Dr. Jorge Veríssimo, do Rio de Janeiro, neto de José Veríssimo, a quem agradecemos.

* Epistolary: letter written by the apostles to the faithful ones.

As relações pessoais comportam vários graus na correspondência ativa de Euclides da Cunha. Os dois destinatários campeões são Francisco de Escobar (1865-1924) e Reinaldo Porchat (1868-1953), amigos adquiridos antes que o escritor ficasse famoso e que manteriam acesa a chama da amizade pela vida afora.

Com Porchat o contacto foi anterior, quando Euclides começou a freqüentar o cenáculo de militantes republicanos do jornal *A Província* (depois *O Estado*) de São Paulo ainda na vigência do Império, ao passar uns tempos na capital paulista, onde arribara impelido por circunstâncias adversas. Acabara de ser expulso da Escola Militar da Praia Vermelha por um ato de insubordinação, que se integrava na agitação republicanista e abolicionista em que tanto alunos quanto professores se empenhavam no período.

Mais tarde, Porchat, que era advogado de formação, galgaria os degraus de uma ilustre carreira política e logo integraria o congresso constituinte estadual em 1900, enquanto Euclides era preterido². Depois, seria catedrático na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. E viria a ser, sempre devido a seus méritos, é claro, mas também por pertencer à confraria do jornal, o primeiro reitor da Universidade de São Paulo, criada em 1934, iniciativa de que Júlio Mesquita participaria e da qual faria campanha nas páginas de seu periódico.

Quanto a Francisco de Escobar, ocupa o lugar não só de correspondente mais assíduo como também o de amigo mais chegado. Homem público mineiro, reputado pela erudição, possuía biblioteca bem municiada que muito serviu a Euclides para consultas. Travaram conhecimento quando Euclides, na qualidade de engenheiro do departamento de obras públicas do estado de São Paulo, chegou a São José do Rio Pardo em 1898 para reconstruir a ponte sobre o Rio Pardo, que uma enchente levava de roldão; a que a substituiu ainda lá está. Ali escreveria a maior parte de *Os sertões*, numa cabana a beira-rio – preservada e hoje lugar de memória -, enquanto supervisionava os trabalhos de engenharia..

Escobar, republicano da primeira hora, foi Intendente nessa cidade e mais tarde seria prefeito de Poços de Caldas, bem como senador estadual em Minas Gerais. Nunca desistiria, apesar de seus esforços serem baldados, de tentar encaminhar o amigo dileto para a carreira política. Não só trocaram cartas freqüentes e afetuosas, como ainda Euclides, depois que foi embora de São José do Rio Pardo, lhe confienciava coisas deste teor: “Agora, um grande, um sério, um reservadíssimo favor. Tão reservado que

² A Reinaldo Porchat. São José do Rio Pardo, 2 de dezembro de 1900. Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti, *Correspondência de Euclides da Cunha*, São Paulo, Edusp, 1997, p. 121.

te peço não o boquejes nem mesmo junto ao ouvido da tua filhinha mais nova. Lá vai: constou-me (não preciso dizer quem foi o desalmado) que há no encontro direito, - lado do Pompeu, - da ponte, uma frincha descendo por todo ele até embaixo. Imagina como fiquei, e quanto cabelo branco vai-me nascendo dentro desta ansiedade... “E prossegue, pedindo o laudo pessoal do amigo: “Quero que, - com a tua cautela habitual, sem que ninguém o perceba, - observes aquilo, e indique-me, num esboço qualquer, o lugar, as dimensões aproximadas da coisa, e se é visível e se ameaça aumentar, ou se é um recalque comum nestas obras. Não és engenheiro, mas, que diabo, - também estas coisas não são tão transcendentales...”³ Tranqüilizado em seus escrúpulos profissionais, começa a carta seguinte⁴ com um agradecimento a Escobar e já passa a outras matérias.

Mas Euclides ainda viria a ter vários outros correspondentes, dentre os intelectuais do país, aos quais enviou um epistolário seletivo. Nos últimos anos de vida, e praticamente até sua morte a 15 de agosto de 1909, um dos destinatários a receber o maior número de missivas, aliás longas e discutindo tanto idéias quanto livros, foi Oliveira Lima (1867-1928), historiador e diplomata, então embaixador em Washington, autor de *D. João VI no Brasil*, que Euclides leu e comentou. Os demais incluem Max Fleiuss, Gastão da Cunha, Alberto Rangel, Coelho Neto, João Luís Alves, Henrique Coelho, Domício da Gama, Vicente de Carvalho, etc., dentre os contumazes.

Entre esses se situa José Veríssimo (1857-1916), o paraense membro da santíssima trindade da crítica literária da época, ao lado de Sílvio Romero e Araripe Jr. Esta carta a José Veríssimo se inscreve nas gestões de Euclides para conseguir publicar seu livro. Uma menção indireta já tivera Escobar por objeto, quando o missivista comenta o quanto lhe foram úteis os préstimos do crítico: “Estive no Rio. E lá deixei entregue ao Laemmert, os meus *Sertões* título que dei ao livro que aí te li em parte. O contrato que fiz, não precisava dizer, foi desvantajoso – embora levasse à presença daqueles honrados saxônios um fiador de alto coturno, José Veríssimo – de quem sou hoje devedor, pela extraordinária gentileza com que me tratou.”⁵ Esta carta foi escrita um dia depois daquela em que agradece a Veríssimo, e que aqui vai estampada.

Como se pode ler abaixo, Euclides agradece pessoalmente ao crítico o favor que lhe fez, empenhando o prestígio de seu nome. Mais tarde, em outra oportunidade, mostraria seu reconhecimento tanto por isso quanto pelo longo e precoce estudo da pena de Veríssimo sobre *Os sertões*: “... ao sr. devo o favor da apresentação do meu

³ A Francisco Escobar. Lorena, 10 de agosto de 1902. *Id., ibid.*, p. 136.

⁴ Ao mesmo. Lorena, 14 de agosto de 1902. *Id., ibid.*, p. 137.

⁵ Ao mesmo. Lorena, 25 de dezembro de 1901. *Id., ibid.*, p. 129.

nome, então obscuro, à sociedade inteligente da nossa terra, amparando-o com extraordinária generosidade.⁶

Do mesmo modo, como mostra a epistolografia, Euclides solicitaria a Veríssimo que fosse cabo eleitoral de sua candidatura, afinal vitoriosa, à Academia Brasileira de Letras.⁷ Mais tarde, seria a ele e a Oliveira Lima que Euclides pediria que indicassem seu nome ao barão do Rio Branco, para obter a posição que ambicionava, a de chefe da Comissão de Reconhecimento ao Alto Purus.⁸

Elevam-se a pouco mais de uma vintena as missivas conhecidas a Veríssimo. Os dois cartões postais abaixo (um de Vitória, 14 de dezembro de 1904, e o outro de Recife, 19 de dezembro de 1904), prendem-se a circunstâncias diferentes. A bordo do *Alagoas*, em que embarcara no dia 13 desse mês, Euclides viajava do Rio a Manaus, onde desembarcaria no dia 30, para assumir a chefia da Comissão, tarefa que o reteria longe do Rio de Janeiro por mais de um ano. Dos portos em que o navio fundeava ia mandando cartões postais a seus amigos. Desse percurso receberam-nos, entre outros, Machado de Assis, Rodrigo Otávio, Henrique Coelho, Oliveira Lima (neste caso, um cartão de visita), sendo que Veríssimo teve direito a dois.

Desde a primeira missiva, passariam a se corresponder, se não com frequência, ao menos esporadicamente, fato que em boa parte se deve à transferência de Euclides para o Rio, no segundo semestre de 1904. A partir daí, portanto, conviviam e se falavam pessoalmente, não havendo oportunidade para epistolografia. É o que prova a temporada amazônica, quando a troca de cartas se intensificou, suscitada inclusive pelo fato de Veríssimo ser paraense.

Uma última carta, datada de 1908, mostra Euclides tentando desfazer uma intriga ou inconfidência, jurando a Veríssimo que quando aludiu a “um crítico reportado e sabedor” não se referia a ele...⁹ Seja como for, afora todos os outros apoios solicitados e concedidos, José Veríssimo detém o título de ter sido o primeiro a escrever uma crítica quando do lançamento de *Os sertões*, em artigo publicado no dia 3 de dezembro de 1902, nas páginas do *Correio da Manhã*.

* * * * *

⁶ A Veríssimo. Lorena, 12 de junho de 1903. *Id., ibid.*, p. 166.

⁷ Ao mesmo. São Paulo, 4 de julho de 1903. *Id., ibid.*, p. 169.

⁸ Ao mesmo. Guarujá, 24 de junho de 1904. *Id., ibid.*, p. 207.

⁹ Ao mesmo. Rio, 6 de janeiro de 1908. *Id., ibid.*, p. 347.

“Lorena,24-12-1901.

Exmo. Sr. José Veríssimo,

Saúdo-o e a toda a Exma. família. Ao chegar aqui, fui obrigado a partir logo em comissão urgente até aos Campos do Jordão. Daí a demora em lhe agradecer a grande gentileza com que aí me acolheu e o eficaz amparo que deu à minha pretensão. Esta foi, afinal, satisfeita: contratei, embora em condições pouco vantajosas, a impressão dos Sertões, com Laemmert; devendo, por uma das cláusulas, estar pronto e entregue a publicidade, o livro, em fins de abril do ano vindouro. Está, assim, satisfeita uma aspiração que significa apenas o intuito de dizer a verdade sobre uma fase, ainda [...], da nossa história. Repito: não me preocupo com o destino literário daquele livro que é, afinal, um desgarrão na rota da minha engenharia rude; ele tem o mérito único da sinceridade; é o depoimento de uma testemunha e terá extraordinário valor se conseguir fornecer a futuros historiadores uma página única – mas verídica e clara.

Terminando, peço que acredite na mais elevada consideração de quem é seu

Patrício e admirador

Euclides da Cunha”

* * * * *

“Primeira escala da minha peregrinação arrojada: entre os capixabas...

Euclides

Vitória 14-12-904”

(Cartão postal. Anverso: fotos de negros do Espírito Santo, dentre os quais alguns músicos com seus instrumentos)

* * * * *

“Saudades

Recife 19-12-904

Euclides”

(Cartão postal. Anverso: Igreja da Penha, em Pernambuco)

Intencionalidade e proliferação dos significados em Os Sertões, de Euclides da Cunha

Luciano Rodrigues Lima
Professor Adjunto da UNEB e Professor Adjunto da UFBA.

RESUMO

Após uma breve revisão teórica sobre a intencionalidade na obra literária, esta questão é discutida na perspectiva da realização de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. A partir de depoimentos do autor em sua Nota Preliminar e nas Notas à 2ª Edição, busca-se demonstrar as contradições de uma obra que oscila entre a historiografia e a literatura. A questão do tratamento do mito no texto euclidiano é discutida sob o ângulo da natureza do literário, em contraste com a visão científica que impregna o livro. Conclui-se com uma abordagem das novas possibilidades para os estudos, pesquisa e produção literária sobre o tema de *Canudos*, menos dependente da obra de Euclides e mais preocupada com a cultura do homem nordestino.

Palavras-chave:

1 – *Canudos*. 2 – *Os sertões*. 3 – Intencionalidade

Abstract

After a brief theoretical revision on the intent in the literary work, this subject is discussed under the perspective of the construction of “*Os Sertões*” by Euclides da Cunha.

From the author’s statements in his Preliminary Notes and in the second Edition Notes, we search for demonstrating the contradictions of a work that varies between historiography and literature.

The way the myth is dealt in Euclides’s text is discussed under literary nature, in contrast with the scientific vision that takes over the book.

The work ends with an approach of new possibilities to the studies, researches and literary production on *Canudos*’s subject, less dependent on Euclides work and more worried with the northeast man’s culture.

No centenário de *Os sertões*, muito ainda se tem a dizer sobre a obra. Embora reconhecidamente a maior referência literária sobre a Guerra de Canudos, o livro suscita controvérsias, por oscilar entre a justificativa do opressor e a defesa do oprimido, entre o “fato real” e a visão pessoal do autor, entre o científico e o poético. Na contemporaneidade, outras leituras podem ser propostas para *Os sertões*, talvez contradizendo as intenções manifestadas pelo autor, em sua Nota Preliminar.

I - O PROBLEMA TEÓRICO

Desde Poe, com a teoria do efeito pré-concebido, em seu ensaio *The Philosophy of Composition*, discute-se, como questão teórica controversa, a intencionalidade no texto literário. Pode o autor controlar os efeitos do seu texto? Ou a linguagem escrita, longe do pai, indefesa, prolifera significados sequer imaginados pelo autor, como advertia Platão?

Discorrendo sobre o modo de concepção da narrativa ficcional, mais precisamente do conto, Poe defende que se deve começar pelo desfecho. Encontra-se um grande desfecho e constrói-se, de trás para a frente, uma história. Estrategicamente, o autor deve conceber previamente o efeito a ser projetado no leitor, que ele chama “pela consideração de um efeito” (que poderia ser, por exemplo, para o coração, para a mente ou para a alma). Poe desdenha dos poetas e prosadores que dizem escrever em uma espécie de frenesi ou êxtase intuitivo, e que nunca permitem aos leitores dar uma “espiadinha” por trás dos bastidores.

Derrida cria o seu conceito de “suplemento” baseado nessa condição cediça do texto escrito, o qual pode sempre veicular significações “a mais”, não previstas na sua concepção. A noção de que o texto escrito é inamovível, pois, apresenta problemas teóricos. Mesmo o texto científico sofre o efeito da subjetividade, do tempo e dos componentes culturais. Em verdade, cada leitura é uma tradução.

O conceito de “desconstrução”, de Derrida, é operacionalizado na leitura desestabilizadora do texto, fazendo com que elementos obscuros da própria escrita aflorem e façam desmoronar a aparente estabilidade de certos textos canônicos. É um processo de reversão da intencionalidade, isto é, a inoculação de uma nova perspectiva de leitura, às vezes a “contrapelo” da intenção autoral.

Em relação ao texto literário, Bakhtin se refere aos “cronótopos”, os quais seriam as marcas do tempo e espaço gravadas no texto, identificáveis mesmo além das intenções autorais.

A “estética da recepção”, como a concebem W. Iser e H. R. Jauss, confere ao leitor papel preponderante no processo da comunicação literária e retira do autor o controle dos efeitos veiculados deliberada e previamente no texto. A leitura, então, seria uma projeção do repertório do leitor sobre o texto.

E. D. Hirsch, em seu famoso ensaio *Validity in Interpretation*, discorda do que ele chama de “Babel de interpretações” e defende que a obra literária possui um ou alguns significados veiculados pelo autor. As considerações de Hirsch partem do pressuposto de que o leitor estaria sempre escavando em busca do significado do autor. Para a crítica contemporânea, entretanto, o leitor é um elemento privilegiado no funcionamento da obra literária, a qual é vista como uma construção intersubjetiva. O leitor, portanto, é também sujeito e não somente objeto do significado veiculado pelo autor.

As teorias sobre a intencionalidade e o controle dos efeitos do texto literário pelo autor são controversas. Esta breve revisão teórica registra, de forma resumida, algumas visões de diferentes momentos da teoria e da crítica literária, sem a escolha de qualquer modelo teórico prévio. Na análise de *Os sertões*, a seguir, busca-se no próprio texto euclidiano os indícios para uma teorização sobre a relação entre a intenção do autor e os efeitos da obra. Não é a teoria que gera o texto literário, mas sim o contrário.

2 - O DILEMA EUCLIDIANO: A “VERDADE” OU A POESIA

Em *Os sertões*, de Euclides da Cunha, uma obra fronteira entre a historiografia e a literatura, duas fissuras se apresentam nos alicerces da intencionalidade declarada pelo autor: uma no projeto historiográfico da obra e outra no projeto estético.

As “fissuras” de que se fala aqui não se constituem em prejuízos para o livro, se considerado como obra literária. Imperfeições e até mesmo incongruências são assimiladas no plano estético. Quanto ao plano historiográfico, os parâmetros são bem outros, e os padrões de aferição da qualidade de uma obra dependem de conceitos controversos como “verdade histórica” e “fato histórico”, que extrapolam esta discussão. Os sertões, diferentemente dos romances históricos de Paulo Setúbal, por exemplo, não surge de um projeto literário, mas sim de um “...livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos...” (Euclides, 2002) Ainda em sua Nota Preliminar, Euclides declara a alteração em seu projeto inicial, argumentando que o tempo desatualizou a sua narrativa de jornalista do exército, e, por isso, deu-lhe “...outra feição, tornando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante que o sugeriu”. (Euclides, 2002).

As declarações acima podem sugerir que o autor, de posse de um material precioso colhido no cenário da Guerra, ainda que no seu final, mudou o seu projeto (ou tarefa?) inicial em uma obra mais abrangente, englobando a geografia, a sociologia, a etnologia, a antropologia e o relato da guerra, tudo isto regido sob a perspectiva estética. A obra, então, passaria a ser capaz de formular e responder às questões típicas do épico, como onde, quando, por que, quem, etc. Mas, cumpre lembrar, a idéia do épico puro não se sustenta na prática. Em *Os sertões*, a estilização da linguagem enfatiza a presença de um sujeito, e isto implica em um certo grau de subjetividade, mais típica do lírico. Esta “contaminação” não prejudica o plano estético da obra, mas subverte as pretensões de um discurso que se anuncia como um relato objetivo e fiel da história.

Euclides, na sua Nota Preliminar, como se estivesse escrevendo apenas uma obra historiográfica, se preocupa com os historiadores e não com a crítica literária e faz previsões sobre o desaparecimento das, segundo ele, “sub-raças sertanejas do Brasil”. O seu interlocutor é a ciência, mas em uma relação que denota certa subserviência. Euclides cita categoricamente os autores estrangeiros como se fossem infalíveis. Então, protegido pelos cerca de quatro anos que o separam do final da Guerra, denuncia a carnificina em que se constituiu o evento:

Aquela campanha lembra o refluxo para o passado.
E foi, na significação integral da palavra, um crime.
Denunciemo-lo. (Euclides, 2002.)

Sua síntese do episódio histórico de Canudos é, portanto, quando da edição do livro em 1902, lúcida, embora eivada de equívocos no plano histórico-científico, principalmente quanto às questões etnológicas, devido às limitações da visão de mundo positivista de que era portador.

A célebre Nota Preliminar se encerra com uma citação de Taine, em francês, ao gosto da época, para justificar a sua aspiração a ser considerado como “...o narrador sincero que encara a história como ela merece”. O conteúdo da citação é melhor do que sua inocente aspiração, pois fala de um historiador que respeite os sentimentos e costumes dos povos historiografados.

Ao definir-se como o “narrador sincero” Euclides comete uma insinceridade. Ao invés de simplesmente descrever a terra, o homem e narrar os eventos da guerra, de forma objetiva, ele os reveste de uma retórica própria do literário. Os efeitos sobre o leitor serão resultantes mais dessa retórica do que do narrado. A narrativa militar pensada inicialmente, embora

contivesse os “fatos históricos”, passaria despercebida ou não interessaria ao grande público. A mudança estratégica de Euclides na concepção da obra, portanto, não teria sido apenas aquela declarada na Nota Preliminar: foi algo muito mais profundo. A programação do épico será contaminada pelo lírico e essa fissura será benéfica para o resultado da obra.

Se *Os sertões* não se enquadra como romance histórico (não narra um episódio histórico dando feição literária de personagem aos protagonistas) nem história romanceada (pois não acrescenta à história episódios romanescos para torná-la mais agradável à leitura), qual seria então o seu gênero? Tomemos a passagem a seguir, retirada de *A luta*, na parte em que descreve a retirada da expedição Moreira César.

Repelindo-se; apisoando os malferidos, que tombavam; afastando rudemente os extenuados trôpegos; derrubando-os, afogando-os, os primeiros grupos bateram contra a margem direita. Aí, ansiando por vingá-la, agarrando-se às gramíneas escassas, especando-se nas armas, filando-se às pernas dos felizes que conseguiam vencê-las, se embaralham outra vez em congêrie ruidosa. Era um fervilhar de corpos transudando vozear estrídulo, e discordante, e longo, dando a ilusão de alguma enchente repentina, em que o Vaza-Barris, engrossado, saltasse, de improviso, fora do leito, borbulhando, acachoando, estrugindo (Euclides, 2002)

A leitura da passagem acima excita os sentidos, através da imagística, e as emoções, pela escolha de palavras de conotação emotiva, cujos significados implicam em subjetividade, como “rudemente”, “ansiando”, “felizes”, “discordante” e “ilusão”. As figuras de estilo, como o polissíndeto: “e discordante, e longo...” produzem o efeito de movimento contínuo, típico da batalha, mas, ao mesmo tempo, impõem um estilo retórico grandiloqüente, nos padrões literários da época. A comparação da horda em fuga com uma enchente imaginária do rio Vaza-Barris personificado, ao fim da passagem, encerra-se com uma seqüência rítmica de palavras expressivas, quase onomatopaicas: “...borbulhando, acachoando, estrugindo”. A descrição é subjetiva e lírica. O narrador projeta, através da linguagem, as suas sensações e emoções sobre o episódio. Esse narrador é sincero apenas para com os seus sentimentos sobre a guerra e, sobretudo, com a construção de uma linguagem personalizada.

A passagem acima ainda revela um outro procedimento utilizado pelo narrador, em *Os sertões*: a estetização em quadros. Os episódios são emoldurados e “pintados” em quadros com uma estética própria. A técnica narrativa parece ser a de combinar detalhes realistas com impressões subjetivas. O narrador está sempre presente, projetando-se na retórica de dicção lírica. É um narrador estupefato pela grandiosidade

do sertão e absurdo do conflito. As passagens são emolduradas de modo a facilitar a visualização. *Os sertões* insinua-se pelos olhos, para atingir o coração do leitor.

Os sertões se constitui em prosa poetizada. Não soa como a verdadeira prosa poética, como a de Baudelaire ou Borges. Esta fissura não se encontra apenas no plano superficial da linguagem, mas na essência mesmo do texto. O texto poético não costuma destruir o conteúdo mitológico do tema e da linguagem, mas entra em acordo com ele, preservando o mistério das palavras e das coisas. Em *Os sertões*, apesar de praticar uma linguagem densamente retórica e ornamentada, Euclides investe contra o misticismo singelo do homem do sertão, identificado com o cristianismo de influência (talvez) calvinista do Conselheiro. No capítulo Profecias, o autor desdenha das previsões apocalípticas do Conselheiro, que ele chama de “concepções absurdas”. As profecias conselheiristas, como a primeira: “Em 1896, há de rebanhos mil correr da praia para o sertão: então o sertão virará praia e a praia virará sertão” se constituem, sob a perspectiva dos estudos contemporâneos, em uma referência na tradição cultural, histórica e estética nordestina. Ninguém desdenharia dessas profecias, mesmo se não se acredita nelas. Seu valor é bem outro. Assim, Euclides corre, às vezes, na contramão dos caminhos para o literário.

Nas lendas arturianas, compiladas por Thomas Malory no *Le Morte D'Arthur*, obra do século XV, todo o esplendor mítico é preservado: a mitologia céltica relativa ao papel das águas como elemento de transição entre os dois mundos, as divindades, como a Dama do Lago, a espada mágica e as profecias de Merlin. Nada é expurgado e tudo se soma para a constituição das lendas fundadoras da literatura britânica. Em *Os sertões* a religiosidade apocalíptica, o fundamentalismo judaico e o misticismo sebastianista sertanejos são identificados com atraso mental por uma mentalidade civilizatória que acomete o autor, em certas passagens. Um comentário sarcástico de Euclides encerra a saraivada de profecias: “Um heresiarca do século 2 em plena idade moderna”, como se também ele, sob o ponto de vista da pós-modernidade, não estivesse cometendo uma heresia.

Sob a ótica do literário, se o Conselheiro funciona em *Os sertões* como personagem e não como sujeito empírico, ou seja, o ser histórico, descabe julgamento tão implacável pelo autor. Normalmente, o julgamento da personagem cabe ao leitor.¹ Quanto à questão da historiografia, o observador da história também não deveria se abster de julgar e condenar?

¹ Herberto Sales, em entrevista concedida à TVE, declarou que na segunda edição de *Cascalho*, seu primeiro romance, teve que retirar todas as passagens em que julgava e condenava as personagens. Segundo ele, na versão original o romance soava inocente. Em *O grande Gatsby*, de Fitzgerald, Nick, o narrador-personagem se apresenta como aquele que sempre se absteve de julgar, qualidade adquirida de seu pai, o que sempre lhe angariou prestígio e respeito, qualificando-o a ouvir terríveis confidências. Abster-se de julgar é um mérito do narrador literário.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela sua constituição monumental, *Os sertões* neutraliza parcialmente os seus defeitos congênitos. A originalidade e a oportunidade da obra também lhe conferem espaço na história da Literatura Brasileira. Mas esta mesma canonização também lhe coloca como alvo de críticas e expõe suas fissuras. A obra não consegue neutralizar o conflito entre uma mentalidade cientificista e a visão poética do mundo. O autor, por trás do narrador, parece, às vezes, querer corrigir a história e a cultura, como se lamentasse que o Conselheiro não falasse francês.

Euclides, em suas Notas à 2ª Edição, defende-se e justifica-se em relação às críticas apresentadas à primeira edição da obra. Nestas notas, o autor de *Os sertões* oferece contra-argumentação científica sobre a meteorologia, justifica expressões metafóricas para as três raças brasileiras, como “rocha viva”, presta esclarecimentos sobre a expressão “sociedade morta”, explica o termo “caatinga” empregado, e diz que em seu livro obedeceu “...ao rigor incoercível da verdade”.

Se a intenção de Euclides da Cunha, em *Os sertões*, era descrever com minuciosa precisão a geografia dos sertões e prestar um relato fiel dos acontecimentos da guerra, nada menos apropriado para tal finalidade que a linguagem poética. No entanto, o autor utiliza-se de uma linguagem ornada de figuras de estilo, beirando o poético. Mas o espírito que anima o texto não se aproxima do literário. Se o fosse, a cronologia e a espacialidade da narrativa seriam libertadas das amarras de uma caderneta de anotações; o texto estaria naturalmente aberto às interferências da linguagem e esta não seria um instrumento a serviço da “verdade”, mas estaria a operando em favor de si mesma.

Os sertões não canta uma versão mítica dos fatos, como *A Odisséia*, de Homero. A obra tenta contar (e não cantar) os fatos em si. O autor não reconhece o distanciamento e a mediação pela linguagem típicas do poético. Euclides jura dizer a verdade dos fatos, e ainda assegura, nas Notas à 2ª Edição: “Ninguém o negará”. Se o que disse corresponde à verdade, jamais se saberá. Poucos se arriscariam a definir com precisão a “verdade”, e muito menos qual o conceito de verdade para Euclides. O que viu? O que ouviu dizer? O que julgou ser verdade? O que escolheu, em seu recorte, para narrar? A sua perspectiva histórica, ideológica, etc?

Do ponto de vista literário, pouco resultaria a aferição do conteúdo de verdade do livro, sabendo-se que a matéria da narrativa literária não é o fato, mas as suas possibilidades. Se o autor diz ter a intenção de dizer a verdade, por que escolheu dizê-la a modos de narrativa literária? Se, ao contrário, como afirma na Nota Preliminar, abandonou o projeto inicial de apenas narrar a Campanha de Canudos e arrojou-se na

inici
esse
efeit
de a
real
real
sua
Isto
dud
entr
por
adje
que
de r
luta
Boi
Cui
gra
che
“H
BR
CU
Eu
se
próp
a qu
bras
de J

iniciativa de construir o grande épico do povo brasileiro, por que não o fez como um projeto essencialmente literário?² Estas questões não devem ser respondidas, mas remetem aos seus efeitos. Para assegurar-se de que está dizendo a “verdade”, Euclides investe-se de um tom de autoridade, isto é, autor de um relato da verdade. Este tom, que ao longo da narrativa se realiza em uma linguagem afirmativa (que tanto pode significar a coragem de um autor em realizar uma obra proponente como a total desconsideração por uma cultura diferente da sua) pode resvalar para os ouvidos (sensíveis) da contemporaneidade como autoritarismo. Isto tem levado os estudiosos, críticos, pesquisadores e poetas do tema de Canudos a duvidarem, cada vez mais, de que fora de Euclides não há salvação. Muito se tem escrito nas entrelinhas de *Os sertões*. Algo se tem produzido em uma linha francamente antieuclidiana, por fora da sombra das asas abertas da monumental obra.

A leitura de *Os sertões* seduz, mesmo com as suas provincianas enumerações de três adjetivos, como o canto de uma sereia, mas é preciso, antes, conhecer os sertões. Se não se quer abordar o tema de Canudos sob a influência avassaladora de Euclides, resta a alternativa de mergulhar no universo sertanejo, em busca de uma outra visão da terra, do homem e da luta. Uma vez lida, a obra inoculará seus efeitos, como o fez com o próprio Jorge Luis Borges. Esses efeitos poderão ser bem diversos daqueles intencionados por Euclides da Cunha, mas ainda assim serão profundos, pois o autor, buscando arquitetar uma obra perfeita, grandiosa e definitiva (portanto enfadonha e destinada ao esquecimento) realizou um livro cheio de equívocos científicos, defeitos estéticos e contradições flagrantes – verdadeiro “Hércules-Quasímodo” – por conseguinte humano, inacabado e duradouro.

Referências

- BRANDÃO, Adelino. Paraíso perdido: Euclides da Cunha vida e obra. São Paulo: IBRASA, 1997.
- CUNHA, Euclides. Os sertões. Biblioteca Virtual. Textos literários em meio eletrônico. <www.cee.ufsc.br> 2002

² Euclides diz ter abandonado o projeto inicial de apenas narrar a Campanha de Canudos e tornado esse tema secundário, por estar defasado no tempo. Não explicita qual é o projeto que substitui o anterior. Esta explicação é a própria obra. Esse projeto parece ser o grande épico da nacionalidade brasileira, incluindo a terra, o homem e a luta, a qual, contraditoriamente, não se configura como tema secundário, em absoluto. Seu projeto do épico definitivo da brasilidade, contudo, não é essencialmente poético, como *Martin Cererê*, de Cassiano Ricardo, ou *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, justamente pela forma de tratamento da mitologia e da visão do conceito de “verdade”.

Emudeceu o sino - memórias de um soldado-músico em Canudos

Carlos Perrone Jobim Júnior
Mestre em História/UFRGS.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo traçar algumas reflexões entre duas fontes. A primeira é “Os Sertões” de Euclides da Cunha, intelectual notável, cuja ambiguidade de seu pensamento contrasta com o segundo, Isidoro Virgínio. Memorialista incógnito, soldado-músico da coluna Savaget, maragato do Exército nacional, narra suas experiências no conflito de Canudos, registradas em seus cadernos de memórias. Fonte inédita, manifesta o pensamento de um homem do povo sobre sua época.

Abstract

This work aims at drawing some reflections between two sources. The first one is “Os Sertões” by Euclides da Cunha, remarkable intellectual, which ambiguity of thought contrasts with the second one, Isidoro Virgínio.

Unknown memorialist, soldier-musician of the Savaget soldiers, soldier of the national army, narrates his experiences lived in the Canudos’s conflict, registered in his memory books. Original source shows the thoughts of an ordinary man about his time.

O nascimento da República brasileira trouxe consigo uma desilusão: a civilização e a guerra constituíam uma contradição desajustada. Embora alguns dos maiores intelectuais da época, propagandistas fervorosos, como Euclides da Cunha, proferissem um entusiasmo revolucionário pela civilização - “a nossa Pátria no tempo”¹ - o ocaso do sentimento de ilusão não tardou em se fazer presente.

Essa insatisfação devia-se, basicamente, à observação da realidade, que lançava por terra as expectativas dos nossos pensadores. Tinham a Europa ocidental como modelo perfeito, cujos padrões artísticos, científicos e técnicos estavam em consonância com uma elevada moral. Porém, o novo Estado investia contra a base de sua existência. As antigas divergências tradicionais estimulavam as hostilidades inevitáveis. A Revolução Federalista e a Guerra de Canudos demonstraram que essa fase de nossa história foi tão sanguinária quanto qualquer outra que a tenha precedido. Não caracterizava, desse modo, a evolução da civilidade entre os homens. Ao contrário, as guerras obstruíam o desenvolvimento das relações éticas entre povo e Estado, confirmando a falta de compreensão e de conhecimento existentes entre eles, na medida em que experimentavam, um contra o outro, o ódio e a insatisfação.

Não devemos nos surpreender com tais fatos. Eles correspondem ao degrau em que nos encontrávamos, iludidos pela falsa imagem construída a respeito de nosso progresso. Os atos bárbaros praticados acabaram por minimizar, desse modo, qualquer contribuição que tenhamos prestado à humanidade. A exigência abusiva da obediência e do sacrifício em prol da Nação não se devia à aspiração do Estado em acabar com a violência, mas sim, à tentativa de monopolizá-la. Eis a origem da República brasileira.

O centenário da publicação de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, faz-nos pensar na construção de nossa brasilidade. Mas, talvez seja essa uma ótima oportunidade para tentarmos analisá-la de uma forma mais abrangente, buscando outras leituras que venham a se somar à influência euclidiana. Segundo Calasans,² as percepções de Euclides da Cunha aprisionaram as demais reflexões por talvez cinquenta anos. Bem sabemos que o espectro euclidiano representa uma importante contribuição entre várias. Além dele, encontramos diferentes testemunhos que têm contribuído para a ampliação do território das discussões.

A diversidade das fontes combina com o grande número de relatos referentes à guerra contra os habitantes do Belo Monte. Nessa fase de comemoração, um novo e

¹ Cunha, Euclides da. *Revolucionários*. In *Euclides da Cunha: organização [da coletânea] Walnice Nogueira Galvão*. São Paulo: Ática, 1984. p. 41.

² CALASANS, José. *No Tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador: Publicações Universidade da Bahia, 1959.

importante relato vem contribuir para a desestabilização de nossas convicções. O contraste entre a literatura consagrada e a escrita de um sobrevivente de duas guerras parece fazer-se oportuno. Vale salientar que os fragmentos da fonte inédita foram adaptados, na medida do possível, ao português atual, buscando favorecer o corrente entendimento do texto. Mesmo assim, os escritos originais foram apresentados em notas, ao final da página.

Um Testemunho Inédito

As memórias de Isidoro Virgínio, soldado do Exército nacional, estão registradas sob a forma de um diário, composto por 16 cadernos padronizados das Livrarias Globo. A experiência de sua vida compreende ao período final da monarquia à década de 50. Porém, os estudos dessa fonte se detiveram sobre os primeiros cadernos, justamente os que tratam da Revolução Federalista e da Guerra de Canudos. Para esse ensaio, vamos abordar basicamente a segunda experiência, confrontando-a com “Os sertões”. Por se tratar de um material inédito, faz-se necessário uma breve apresentação.

Isidoro nasceu em 1877, na cidade portuária de Rio Grande. Filho de agricultores, tinha três irmãos e, como dizia, fora criado no campo, em plena “liberdade”, embora pensasse que a vida na roça era dura demais. Talvez tenha sido esse o motivo da família ir morar na cidade, em 1887. Embora não saibamos em que momento seu pai faleceu, percebe-se que isso aconteceu quando Isidoro ainda era criança. Os demais parentes continuaram morando na Ilha dos Marinheiros e no Povo Novo, regiões periféricas à cidade gaúcha.

Em 1891, sua mãe faleceu. Nesse mesmo período, ele foi engajado no exército. Provavelmente, sua inserção tenha seguido os moldes habituais adotados no final do século XIX. Não obstante, temos poucas informações sobre as circunstâncias e a forma como isso aconteceu. Mas, fica claro que Isidoro tinha opinião desfavorável quanto ao recrutamento: “violentamente arrancados de seus lares, e, sob pena de morte, defender este ou aquele governo. É a forma usual dos fervorosos políticos, para fazerem revoluções. Pegar os infelizes camponeses a laço e a bala, para nos campos de luta morrerem por eles, políticos aventureiros”³.

³ “violentamente arrancados de seus lares, e sobre penna de morte defender este o aquelle governo. É a forma uzual dos fervonhos politicos, para fazerem revoluções. Pegar os infilizis camponezes a laço e a balla, para nos campos de lucta morrerem por elles, políticos aventureiros” (p.113-4).

São raras as descrições sobre si mesmo. Presume-se que era franzino: talvez não tão magro, como dissera a respeito de seus dez anos de idade. Mas, certamente, tinha uma baixa estatura. Em relação a sua personalidade, era dotado de um espírito curioso e bastante perspicaz. Isidoro escreve sobre os acontecimentos de sua época e as suas experiências na guerra, de uma forma crítica e bem informada. Esboçava um posicionamento político que, se não era autônomo, porque seguia a orientação política compartilhada pela maioria de seus conterrâneos, era, no mínimo, reflexivo. Conseqüentemente, inseria-se num grupo insurgente. Apesar de pertencer ao Exército nacional, comandado por Floriano Peixoto, o mais poderoso aliado de Júlio de Castilhos, considerava-se maragato⁴, como todo o 12º batalhão de infantaria.

Embora fosse soldado, estando em um grupo bastante representativo dos homens comuns, distinguia-se da maioria: apresentava hábitos que destoavam dos seus pares. Isso se evidencia em algumas de suas escolhas, mais particulares. Dentro do exército, ele se integrou à banda militar. Decorre daí sua auto-imagem: considerava-se um artista, ou melhor, um “soldado-artista” que, por vezes, “tinha de colocar a lira de lado para pelear como um leão”. Além disso, embora fosse um escritor incógnito, podemos observar em sua obra um verdadeiro esforço literário, carregado de metáforas, hipérboles e outros artifícios da linguagem. Parecia buscar o estilo rebuscado da elite, não se contentando apenas em narrar os fatos. Utilizava exemplos históricos para fazer analogias, embora algumas vezes o fizesse de forma desacertada. Escrever fazia parte de sua vida, assim como a música e a literatura. Mas, na última década do século XIX, o contexto era de guerra.

Depois que Deodoro fechou o Congresso Nacional, em 3 de novembro de 1890, ocorreram diversos movimentos de resistência, inclusive dentro dos quartéis. Entre eles estava o 12º Batalhão de Infantaria (B.I.), cognominado na Guerra do Paraguai como “Treme-terra”. O acirramento da luta se deu em 1892. Diante das tendências anti-castilhistas dos militares de Rio Grande, o Treme-terra foi deslocado para Cachoeira, longe das influências políticas de seus conterrâneos. Encarregados de resistir às forças de Gumercindo Saraiva, marcharam para São Gabriel. Tempos depois, ocorreu o sangrento combate do Cerro do Ouro; os maragatos venceram, dizimando um grande contingente da cavalaria. Esses fatos foram observados por Isidoro, mas à distância, dentro da fortaleza Duque de Caxias. Em 3 de dezembro de 1893, o 12º B.I. saiu apressadamente de São Gabriel, retornando, três semanas após, para Rio Grande.

⁴ Nome do grupo dissidente ao de Júlio de Castilhos, organizador de forte resistência na chamada Revolução Federalista de 1893 ocorrida no Rio Grande do Sul. Ver MACEDO, José Rivair e MAESTRI, Mário. *Belo Monte - uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997. Coleção Polêmica.

Pouco tempo depois, Isidoro vivenciou outro conflito. Em 7 de abril de 1894, o almirante Custódio de Melo atacou Rio Grande, fato que levou Isidoro e mais oito companheiros a desertarem da linha de frente. No dia seguinte, decidiu não acompanhar os outros soldados que pretendiam se juntar às forças maragatas. Ao invés disso, retornou ao centro da cidade, onde pediu auxílio aos amigos de sua família. Manteve-se escondido por alguns dias, até que a fuga foi acertada. Embarcou para São Lourenço do Sul e três dias depois foi preso pelas autoridades locais. Algemado ao convés de um barco, foi enviado para Rio Grande para ser reintegrado ao Exército. Após passar uma curta estadia na prisão, foi indultado.

Pelo que pudemos constatar, Isidoro parece ter se adequado bem ao cotidiano do quartel. Era comportado, disciplinado e zeloso com seu fardamento. Não tinha um perfil displicente. Parece, então, que a hostilidade manifestada por alguns oficiais superiores dizia respeito a sua opção política. Dessa forma, não era bem visto por certa parte desse grupo, ou seja, por aqueles militares que não eram castilhistas.

Muitas vezes, a explosão partia da baixa hierarquia: a caserna era um lugar de tensões. Foi o que aconteceu com o Treme-terra, quando o descontentamento atingiu níveis insuportáveis devido a disputa política regional, que invadiu os quartéis. Em 4 de setembro de 1896, os soldados insubordinaram-se, depois de receberem ordens para deixar a cidade de Rio Grande. Na verdade, sabiam que partir para Alegrete significava deixar a cidade desprotegida. Tal mudança era conveniente para os castilhistas, pois o 29º B.I. da cidade vizinha, Pelotas, era considerado rival político do Treme-terra. Dado o clima de revelia, os ânimos se incendiaram e o quartel foi revirado. A incipiente rebelião só foi contida com a chegada do comandante Sucupira que, habilmente, utilizou seu prestígio entre os comandados, evitando piores conseqüências. Embarcaram para Alegrete, permanecendo ainda por alguns meses no Rio Grande do Sul.

Em 18 de março de 1897, rumaram para Canudos. Como integrantes da coluna Savaget, participaram da 4ª Expedição Militar contra as forças de Antônio Conselheiro. No segundo dia de abril, avistaram Salvador. Em 13 de abril, seguiram para Aracaju, permanecendo na capital sergipana por pouco tempo. A marcha pelos sertões teve início e, em 4 de maio, chegaram na cidade de Simão Dias. Como disse o memorialista, “dali para a frente não existiam mais estradas”. Isidoro só voltou a registrar os acontecimentos em 9 de outubro de 1897, em Salvador, após a queda do Belo Monte.

Tempos depois, Isidoro foi enviado para o Rio de Janeiro. Lá permaneceu, aproximadamente, um ano, até que, em 20 de dezembro de 1898, teve autorização para deixar o exército. Ficou poucos dias nessa cidade em busca de emprego, mas, não

obtendo êxito, retornou para Rio Grande, sua cidade natal. Lá chegando, Isidoro partiu imediatamente para a Ilha dos Marinheiros, a fim de reencontrar seus parentes. Em Rio Grande, continuou escrevendo sobre os acontecimentos vivenciados no conflito de Canudos.

Não queria mais ser soldado, “um escravo da disciplina”. Por isso, passou a trabalhar como agricultor. Mas, pouco tempo depois, mudou de idéia. A dura vida campesina pareceu-lhe insuportável e entediante. Então, resolveu buscar outra saída. Para ele, o melhor a fazer era aprender uma profissão. Sendo assim, retornou para a cidade e, lá chegando, procurou o amigo Luís Libório. Isidoro tinha a intenção de aprender o mesmo ofício do ferreiro. No entanto, as coisas se resolveram de outra forma. Solicitamente, o “velho” Luís ajudou seu jovem amigo. Ao saber que existia uma vaga na padaria do Bento, foi imediatamente falar com o proprietário. Os novos planos de Isidoro estavam dando certo. E, em pouco tempo, aprendeu uma profissão, trabalhando na padaria pôr alguns meses.

Porém, o espírito de Isidoro continuava inquieto. Passou a economizar o mísero salário, até que, no final de julho de 1900, partia para o Rio de Janeiro, tentando, novamente, a sorte. À princípio, as economias pareceram-lhe uma fortuna. Por isso, na primeira semana, só pensou em se divertir. Na “cidade maravilhosa” foi duas vezes assistir a ópera “O Guarani”. Porém, o dinheiro começara a terminar. Isidoro, desesperado, decidiu investir seus últimos tostões em um anúncio no Jornal do Comércio, oferecendo seus serviços. Além disso, investiu o resto que sobrou de suas economias em uma agência de empregos. Mas, ninguém ofertou-lhe trabalho.

Sem recursos, decidiu retornar ao exército. Em 30 de agosto de 1900, Isidoro era reintegrado como soldado-músico. Aprendeu a tocar outros instrumentos, como o saxofone, o que lhe possibilitou participar, além das cerimônias militares, de inúmeras festas e bailes da alta sociedade carioca. O segundo caderno se encerra em 2 de novembro de 1902, quando Isidoro fazia exercícios de guerra na praia de Copacabana.

Embaçados nas informações do guardião da fonte, Isidoro Virgínio deixou o exército para ingressar na marinha mercante. Ao que parece, conheceu boa parte do mundo. Mas, em 1956, percebia que outra viagem chegava. A aproximação da morte fez com que ele temesse pelo destino de tudo que tinha escrito, pois desconfiava que, depois de morto, as freiras da Beneficência Portuguesa jogariam fora os cadernos com suas anotações. Então, pediu a um conhecido que guardasse seus escritos: esse foi seu último projeto. Embora não tenhamos encontrado nem a certidão de batismo e nem a de óbito, fomos informados pelo guardião do diário que ele faleceu em Rio Grande, aos 79 anos de idade.

Depoentes da Guerra

A memória da guerra confronta insistentemente o silêncio. Por um lado, as ruínas da igreja teimam em ressurgir, a partir da ardentíssima e periódica seca que faz baixar o nível das águas do açude de Cocorobó. Por outro lado, são descobertos relatos desconhecidos, testemunhando o massacre a partir de uma nova ótica: é o caso do diário de Isidoro Virgínio. O que ganhamos com isso? Na medida em que os estudos sobre a obra euclidiana prosseguem, tais achados complementam as lacunas do objeto de estudo que Euclides nos trouxe. Intelectual de primeira grandeza, infatigável, soube discorrer com profundidade sobre os fatos, embora os dissecasse à luz do positivismo, do determinismo e do evolucionismo.

Podemos, então, nos perguntar se houve a apropriação desses conceitos junto às camadas populares. Essa resposta não é tão simples. Primeiramente, porque não podemos pensar em um “povo brasileiro”, mas em múltiplos grupos, com características específicas e muito variáveis. No caso de Isidoro, devemos compreender que ele estava fortemente influenciado pelas idéias regionais, basicamente o maragatismo e o liberalismo. Além disso, não podemos deixar de considerar o grupo em que estava inserido. A ideologia militar foi-lhe transmitida e apreendida com relativo sucesso. Por isso, o soldado acreditava que o exército tinha uma função civilizatória, ao passo que identificava os conselheiristas como fanáticos:

Um dia deu um fato assombroso de homem de natureza embrutecida, pela a natureza local. É que neste mundo, os homens já não são mais homens. São e têm, o aspecto de homens, com alma e natureza de animais. Se não vejamos: os fanáticos religiosos, e a natureza deles. Que mais se parecem, com as bestas feras, das mais perigosas. Que pelo o fanatismo religioso são cegos e loucos, não tem compressões. São eles, uns bárbaros e inconscientes, capazes de todas as estúpidas ações, uns selvagens. Aquilo já não é serem religioso. É serem cegos e loucos e duplos fanáticos capazes de todas as estupideses ⁵.

⁵ “Um dia deus um facto assombroso [sic] de homem de natureza embrutecidos, pella a natureza local. É que neste mundo, os homens ja não são mais homens. São e tem, o haspctro [sic] de homens, com alma e natureza de animaes [sic]. Se não vejamos: os phanaticos [sic] religiosos [sic], e a natureza d'elles [sic]. Que mais se parecem, com as bestas féras, das mais perigozas [sic]. Que pello o phanatismo [sic] religioso [sic] são cegos e loucos, não tem compreensões [sic]. São elles, uns barbaros e iconcientes [sic], capazes de todas as estupidas ações, uns servagens [sic]. Aquillo ja não é ser religiosos [sic]. É ser segos [sic] e loucos e duplo phanaticos capazes de todas as estupidezes [sic]” (pp..327-8).

No entanto, essa imagem era bastante estereotipada, resultado da propaganda republicana espalhada pelos jornais do país. Os repórteres que se dirigiram à Canudos já sabiam o que iam informar. A idéia de um inimigo interno acompanhou à República desde os primeiros momentos. Assim como aconteceu com os maragatos, os conselheiristas foram taxados de bandidos, fanáticos, feras que servem a interesses reacionários e ideologias exóticas. Eram monarquistas; não eram brasileiros. O exército, por sua vez, tinha uma função progressista, civilizatória, e o dever de consolidar o novo regime. A República estava em perigo, necessitando ser salva a qualquer preço.

Todavia, percebe-se, em algumas reportagens, que a observação dos fatos parece questionar os chavões comumente utilizados. Os repórteres começam a desconfiar de que não estão bem informados quanto ao que realmente está ocorrendo na região do Belo Monte e ao povo de lá. Assim, passam a registrar suas dúvidas e a relativizar suas impressões. Da mesma forma, Euclides da Cunha demonstrou essa incerteza, em 16 de agosto, quando encontrava-se na Bahia. Em “Diário de uma Expedição”⁷, relata:

Ao chegar aqui e assaltado logo por impressões novas e variadas, perturbadoras de um juízo seguro, acredito, às vezes, que avaliei imperfeitamente a situação e dominado talvez pela opinião geral entre os que voltavam de Canudos (p. 93)

Decorre daí a tensão dramática de sua obra, característica da própria insuficiência explicativa da retórica naturalista, como aponta Galvão⁸:

Ao descrever a resistência ímpar dos rebeldes canudenses, com quem simpatiza, vê-se atribuindo suas proezas a aleijões raciais. Aí se detém a análise, quando Euclides se surpreende desservindo à causa que queria servir. (...) Com os instrumentos rombudos de uma ciência que só pode ser negativa quando empregada pelo colonizado, pois é feita contra ele, (...) todavia o sentimento da injustiça leva a melhor e se curva ante o fato de que o adversário incompreensível talvez também tenha razão. (pp.94-5)

A princípio, essa ambivalência aparece também no diário de Isidoro. Primeiramente, considera os conselheiristas “*fanáticos*”, “*feras sanguinárias*”, enquanto o Exército era a instituição que iria “*salvar a República*”. Interessante notar que “Para Canudos” foi como Isidoro nomeou o capítulo anterior à experiência do conflito. Após a campanha,

⁷ CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira. Prefácio à 28ª Edição. In: *Gatos de outro saco: ensaios críticos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Isidoro pôs em dúvida as próprias certezas. “Para o desconhecido” foi o título dado ao capítulo escrito após a guerra. A reordenação das idéias demonstra a fragilidade de um saber aparente, na medida em que afirmava, posteriormente, o desconhecimento geral. O estranhamento constante fica evidente em seu relato, na medida em que tudo lhe parecia novo, nada familiar. A imaginação preenchia o espaço explicativo, povoando a região com seres misteriosos que viviam num meio hostil, cercado por acidentes geográficos desconhecidos e fantásticos, formando, juntamente ao clima abrasador, um teatro demoníaco.

No entanto, terminado o conflito, Isidoro repensou os motivos da guerra, atribuindo a culpa às autoridades locais. Para ele, os conselheiristas tinham sido enganados na questão da madeira comprada em juazeiro. Além disso, defendiam o que era seu, a sua propriedade, que, para Isidoro, era um direito divino. De forma semelhante, destacou Euclides da Cunha, em “Os Sertões”: “o sertanejo defendia o lar invadido, nada mais”⁹.

Também podemos pensar em outras analogias, que estão restritas a eles. A maior parte dos memorialistas chamou, em determinado momento, os conselheiristas de “invisíveis”, devido ao comportamento dos combatentes. Mas, a excelência na guerrilha não foi suficiente para determinar a vitória sertaneja. Embora tremendamente resistentes aos avanços das sucessivas expedições militares, acabaram sucumbindo. Isso fez com que acontecessem pelo menos duas coisas. Os conselheiristas passavam a ser admirados pela virtuosidade e pela coragem. E, além disso, os fuzilamentos em massa, a prática da degola e todos os excessos da guerra fizeram com que a opinião pública mudasse de comportamento. Para Euclides da Cunha, a idéia expressa no artigo “questões sociais” - *“por fim o republicano não vencerá - convencerá; e tendo, enfim, dominado os adversários, não os enviará à guilhotina, mandá-los-á para a escola”*¹⁰ - não se confirmava. A pedagogia era a lei do sabre.

Em 10 de fevereiro, Isidoro encerrava em Pinheiro, no Rio de Janeiro, o capítulo “Alto da Favela”, onde narrou o combate notoriamente conhecido pelo último nome. Em 18 de Julho, ocasião do conflito, ele foi levemente ferido na cabeça e no ombro. Os sobreviventes do 12º batalhão de infantaria foram, então, absorvidos pelo 31º B.I. Nos capítulos seguintes, o memorialista continuou narrando a guerra. Evidencia, de forma crítica, as duras condições do combate: a sede e a fome desesperadoras, a falta de provisionamento, os atos abusivos praticadas contra os prisioneiros, os fuzilamentos e

⁹ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1997. p.497.

¹⁰ A Província de São Paulo”, entre 29 de dezembro de 1888 e janeiro de 1889.

toda a sorte de atos bárbaros ocorridos naquele conflito. O fragmento que apresento a seguir refere-se a percepção de Isidoro sobre o extermínio dos prisioneiros:

Parece incrível que tal coisa fosse praticada nos tempos modernos, e ainda mais por beatos e carolas de farda as costas, em um país cristão. No seu não fanatismo e conscienciosos religiosos romanos, fizessem fuzilamentos em moças e velhos, infelizes vencidos pela força bruta. Vergonha eterna para a geração que passa, e se dizem cristãos e civilizados. Ária de agonia e vergonha para a geração que passa, e se dizem cristãos e civilizados. Ária de agonia e vergonha para a Nação brasileira. Fazia doer a alma, dos corações por mais empedernidas que fossem. (...) Faz crer, que ser militar em tempo de guerra, o homem não é homem, é um semi-homem feroz. Não tem sentimentos humanos, não tem alma, não tem coração. O que é de lamentar, embora não tenha coração humano. Que perante Deus pratique tais crueldades, como se fosse uma fera bravia.¹¹

Outro ponto interessante refere-se a chegada dos feridos. Podemos ver uma oposição entre os dois memorialistas. Para Euclides da Cunha, os feridos chegavam “*em estado miserando...A população da capital recebia-os comovida...a vasta cidade fez-se um grande lar(... os mártires tinham ovações de triunfadores*”.¹² Para Isidoro, as coisas aconteceram de forma diferente. Conforme relata o soldado, desembarcaram como “um grupo de maltrapilhos que mais se parecia, com espectros” de homens. Encontravam-se todos em péssimas condições. Além das cicatrizes, algumas ainda abertas, estavam “*cabeludos e barbudos sujos rotos esfarrapados, descalços, quase mendigos [...] que mais se parecia, com jagunços flagelados*”.

Foi uma recepção decepcionante. Marchando ao som de alegres dobrados, seguia “*aquele grupo de vencidos, mas não convencidos*”. A população assistia a tudo “*adormecida e indiferente*”. O memorialista se questionava quanto a importância que eles tinham para “*o populacho alegre e indiferente, com a destruição, de soldados Brasileiros. E ainda mais, quando estes soldados são ao lado, e defende o governo da Republica. A quem detesta e odeia por ser republicano*”. A isso, acrescentou:

¹¹ “Parece incrível que tal coisa fosse praticada nos tempos modernos, e ainda mais por beatos e carolas de farda as costas, em um país [sic] cristão [sic]. No seu não phanatismo e consenciozos [sic] religiosos [sic] romanos, fizesse fusilamentos em mosças e velhos, infilizes vencidos pella a força bruta. Vergonha eterna para a geração que passa, e se diz christães [sic] e civilizado. Aria de agonia e vergonha para a nação Brasileira. Fazia doer a alma, dos coracções [sic] por mais empedrenidos[sic] que fosse. (...) Faz cre, que ser militar em tempo de guerra, o homem não é homem, é um cemi [sic] homem feroz. Não tem sentimentos humanos, não tem alma, não tem coracção. O que é de lamentar, embora não tenha coracção humano. Que perante Deus pratique taes crueldades, como se fosse uma fera bravia.”(pp.360-1)

¹² Os sertões. Op. Cit., p.516-7.

Uma população estranha que ria da desgraça, e chora da felicidade do Brasil, e Brasileiros. É que o Brasil foi e continua a ser, uma colônia soldada a coroa de Portugal.¹³

Sentindo-se desprezado pelo povo que viera assistir a chegada das tropas, argumentava contra esses populares, dizendo que tal atitude se devia a valorização do antigo regime. Para ele, o povo não tinha conseguido se libertar do processo histórico-cultural que manteve por muito tempo o Brasil vinculado à Portugal, demonstrando a continuidade desses laços coloniais. Mesmo assim, Isidoro se mostrava curioso para descobrir a bela capital federal. Queria ver e conhecer tudo o que pudesse, para depois ter o que contar. Com certeza, histórias não lhe faltariam. Após dar baixa, aventurou-se pela cidade, ao que disse: *"chegou o dia e eu ser cidadão, com direitos políticos, e senhor do meu nariz, que é ser cidadão"*. O dia 27 de dezembro foi *"o dia de minha liberdade"*.

As memórias de Isidoro Virgínio testemunham a dolorosa percepção de um homem do povo sobre o conjunto da sociedade em que estava inserido. Para as elites, a justificativa dos problemas nacionais estariam no povoamento. Diferente dos europeus, o povo brasileiro era inferior, devido ao que Euclides da Cunha postulou de "atavismo". O atraso nacional devia-se ao nosso próprio processo histórico. O problema recaía sobre o povo, aquele que não correspondia às expectativas da elite, desejosa de construir uma República que fosse seu espelho. Para Isidoro, o problema era outro:

Quando digo povo, é as massas trabalhadoras, que laboram o progresso do Brasil. A burguesia e seus adornos, é uma parte, a parte do povo, que trabalha. É quem geme nos impostos, para regalo dos mofinos gozadores parasitas dos cofres publico. O que é para se lamentar, é que os impostos só atingem aos trabalhadores, que geme e não bufa. Para ser esbanjados, nas orgias da politicagens, dos políticos profissionais. Que não vivem: vegetam na gamela oficial que é o tesouro nacional.¹⁴

A princípio, todos os homens eram iguais:

¹³ "Uma população estranha que ria da desgraça, e chora da felicidade [sic] do Brasil, e Brasileiros. É que o Brasil foi e continua a ser, uma colônia soljada [sic] a coroa [sic] de Portugal." (p.368).

¹⁴ "Quando digo povo, é as massas trabalhadoras, que labora o progresso do Brasil. A burguesia [sic] e seus adornos, é uma parte, aparte do povo, que trabalha. É quem geme nos impostos, para regalo dos mofinos gozadores parazytas dos cofres publico. O que é para se lamentar, é que os impostos só atinge aos trabalhadores, que geme e não bufa. Para ser esbanjados, nas orgias da politicagens, dos políticos profissionaes. Que não vivem: vegeta na gamella oficial que é o thezouro Nacional" (p.378).

“Todos são de carne e osso, todos saíram do homem e da mulher, todos são filhos de Deus, não ha diferença. Se uns nasceram no palácio, e outros na choupana, as formas são as mesmas, em nada diferem. A diferença é o meio em cada um vive. Fora disso, a massa é a mesma, não ha homem diáfano¹⁵”.

Entretanto, assim como a sacralização da natureza possibilitou que Isidoro formulasse uma crítica ao poder político brasileiro, também o influenciou de outra forma. Justificava, através de valores religiosos, sua subjetividade, interferindo na apreciação objetiva das questões de classe. Para Isidoro, o processo de reencarnação justificava que determinados homens fossem bons, enquanto outros eram maus. Esses apresentavam tal comportamento devido a acontecimentos da vida passada, bárbara, que tiveram. Assim como os europeus de outrora, os sertanejos matavam em nome da religião:

Tem sido esta: a máscara da humanidade. A pisada é a mesma nos povos que se jactam de ser os mais civilizados. Visto tal civilização, não é de admirar, que os matutos brasileiros, no seu fanatismo religioso, façam o mesmo. Que por via de regras, usam as mesmas máscaras dos povos civilizados, lá da outra banda do Oceano. Isto que os jagunços fazem hoje, vem dos tempos antigos. Vem da civilizada e prostituída Europa. Vem das eras dos gigantes, vem do princípio do mundo. Faz parte do cronismo da humanidade que é uma massa mal vivida, uma massa tumular...¹⁶.

Para Isidoro, a civilização era aparente. Mesmo a Europa, considerada pela elite brasileira como modelo de modernidade, parecia-lhe envolta num disfarce, numa falsa evolução. Embora creditasse aos conselheiristas os mesmos valores que a elite lhes imputava (fanáticos, loucos, bárbaros, feras, selvagens, etc), reconheceu, posteriormente, que a luta era legítima; foram enganados pelas autoridades de Juazeiro e defendiam o que era seu. O que ele deduzia de tudo isso era que a violência era intrínseca à

¹⁵ “todos são de carne e osso, todos sahirão [sic] do homem e da mulher, todos são filhos de Deus, não ha diferencia [sic]. Se uns nascera [sic] no palacio, e outros na chupana [sic], as formas são as mesmas, em nada difere. A deferencia [sic], é o meio em cada um vive. Fora dístico, a massa é a mesma, não ha homem diaphano” (p.319-0).

¹⁶ “Tem sido esta: a mascara da humanidade. A pizada [sic] é a mesma nos povos que se jata [sic] de ser os mais civilizados. Visto tal civilização, não é de ademirar [sic], que os matutos Brasileiros, no seu phanatismo religiozo [sic], fasça [sic] o mesmo. Que por vias [sic] de regras, uzão [sic] as mesmas mascaras dos povos civilizados, lá da outra banda do Oceano. Isto que os jagunços fazem hoje, vem dos tempos antigos. Vem da civilizada e prostituída europa. Vem das eras dos gigantes, vem do prencipio [sic] do mundo. Faz parte do cronismo da humanidade que é uma massa mal vivida, uma massa tumular...”(pp.260-1).

humanidade. Essa visão pessimista estava condicionada pelas duras experiências da guerra.

O título dos primeiros cadernos vem a confirmar essa proposição: “A vida mal vivida”. No entanto, tempos depois, o memorialista atribuiu certa positividade ao caráter nacional brasileiro, como podemos ver abaixo:

A criação no brinco, a jovem na escola, o moço no estudo, a matrona em casa, o varão no trabalho, a velhice em repouso, todos pensam no futuro, o que a Deus pertence. No mar sereno, a terra em flor, o operário na forja, o malho batendo lâmina fumegando, a semente na terra, a vida em gala, é um dom, que Deus deu ao Brasil.¹⁷

A obra de Euclides da Cunha expressa a flexibilidade analítica desse intelectual. Em determinado momento, derruba todo o referencial teórico que utilizou. Não enuncia mais a decadência do sertanejo, mas o martírio heróico de um povo que era núcleo potencial do nosso desenvolvimento. Na verdade, Euclides não seguiu o desprezo que as ciências da época tinham em relação aos mestiços. Diante dos fatos, convenceu-se dos erros da República. O resultado sangrento da campanha devia ser denunciado; maculava a história nacional. Mais parecia uma cruzada, ou, como disse sugestivamente, “uma charqueada”. Em “Contrastes e confrontos”¹⁸, Euclides demonstra bem essa ambivalência. Retoma seus preconceitos, ao mesmo tempo em que escreve “Um Velho Problema”:

“Assim ela chegou até meados do último século - até Karl Marx - pois foi, realmente, com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva. Nada de idealizações; fatos(...)Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora às vezes, lhe seja mister um meio, a revolta(...)Porque o seu triunfo é inevitável. Garantem-no as leis positivas da sociedade que criarão o reinado tranqüilo das ciências e das artes, fontes de um capital maior, indestrutível e crescente, formado pelas melhores conquistas do espírito e do coração”.

¹⁷ “A criação no brinco, a jovem [sic] na escola, o moço no estudo, a matrona em casa, o varão no trabalho, a velhice [sic] em repouso [sic], todos pensa no futuro, o que a Deus pertence. No mar sereno, a terra em flor, o operario na forge, o malho batendo lamina fumegando, a semente na terra, a vida em gala, é um don [sic], que Deus deu ao Brasil”(p.321).

¹⁸ CUNHA, Euclides da. Organização [da coletânea] Walnice Nogueira Galvão - Coleção Grandes cientistas sociais/45. São Paulo: Ática, 1984. p.194.

A descoberta da fonte

A análise desse importante material para a historiografia nacional começou em 1997, enquanto coletava, no jornal gaúcho “A Federação”, as notícias sobre o envolvimento da elite castilhista na guerra do Belo Monte. Durante uma visita que fiz ao museu da 3ª Região Militar, tive a notícia da possibilidade de ter acesso à uma fonte inédita. O diretor do museu disse saber da existência dos escritos de um soldado que tinha lutado em Canudos e que tais relatos estavam sob a guarda de um colega, também militar. Apesar de não se verem há vinte anos, soube me dizer o nome completo e o endereço aproximado. Foi o que bastou.

A partir daí, entrei em contato com o guardião da fonte. Iniciei o percurso de uma trilha denotadamente presencial e inédita que, ritmada pela sensibilidade da escrita singular, do esforço literário e memorialístico, soube registrar o espírito de uma época. Assim, baseado nesse diário, pude elaborar minha dissertação de mestrado, conhecendo parte da vida e da obra de Isidoro Virgínio, soldado do Exército nacional. Suas emotivas experiências foram registradas em dezesseis cadernos padronizados das Livrarias Globo. Vencendo as dificuldades surgidas no desbravar uma caligrafia desconhecida, uma construção de palavras e frases em português antigo e limitado, pude verificar a importância desse registro de um homem comum. As páginas amareladas pelo tempo transformaram-se em atuais reflexões, nesse momento de comemoração e de resgate da memória brasileira.¹⁹

¹⁹ JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *A vida mal vivida: diário de um maragunço* - Memórias de um soldado na Revolução Federalista e na Guerra de Canudos (1893-1897). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, Março, 2002.

Legião de demônios ou novos crucificados? Elementos religiosos e teológicos nos olhares de Euclides da Cunha sobre Belo Monte e Antonio Conselheiro¹

Pedro Lima Vasconcellos

Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e
Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP.

RESUMO

O artigo trata de um aspecto aparentemente pouco estudado na interpretação que Euclides da Cunha fez do arraial conselheirista: o recurso a referências de ordem bíblica e teológica. Este não se fez apenas com a finalidade de ornar literariamente o texto, mas cumpriu papel relevante na definição do autor a respeito dos fenômenos que buscava compreender. Nesse sentido é que aqui se aborda rapidamente o conjunto de reportagens enviadas por Euclides do palco da guerra e depois se passa a uma consideração de algumas páginas de *Os sertões*.

Palavras-chave: Antonio Conselheiro, Belo Monte, interpretação, guerra, Euclides da Cunha, martírio.

Abstract

The article refers to an aspect apparently not very much studied in the interpretation about the small village “conselheirista”,² made by Euclides da Cunha: the appeal to biblical and theological resources. This appeal was no made with the objective of ornating the text in a literary way, but had a relevant role in the author’s definition on the facts he was searching to understand. In this sense we briefly approach the collection of articles sent by Euclides from the war stage and afterwards the article presents some considerations regarding some pages of “Os Sertões”.

Key Words: Antônio Conselheiro, Belo Monte, interpretation, war, Euclides da Cunha, martyrdom.

¹ Este ensaio é parte de pesquisa de doutorado em curso, e é fruto de vários movimentos, dentre os quais destaco a confecção de um artigo sobre as reportagens de Euclides da Cunha enviadas da Bahia ao jornal *O Estado de São Paulo*, a ser publicado pela revista *Margem*, da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, e de uma conferência realizada na última Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo. Agradeço às pessoas que reagiram a minhas idéias e interagiram com elas, tanto numa como noutra oportunidade.

² “conselheirista”: expression that comes from the religious activities, held by the main character Antônio Conselheiro, in the small village placed in the Northeast dry region of Brazil called “Sertões”.

Os processos históricos são brutos, imprevisíveis, insubmissos, intrincados. Não se interpretam, portanto, com recursos e metodologias que possam ser definidas totalmente a priori. Eles de alguma forma sugerem ao intérprete as ferramentas com os quais serão melhor abordados e compreendidos.

Com o arraial liderado por Antônio Conselheiro, a quem Euclides da Cunha e a República em geral sempre negaram o nome Belo Monte que seus habitantes lhe deram,³ chamando-o sempre por Canudos, não ocorreu diferentemente. Se se leva em conta o processo que o escritor fluminense desenvolveu pessoalmente em contato com o grande tema sobre o qual escreveu, que lhe serviu de verdadeiro divisor de águas, em boa parte podemos entendê-lo como uma abertura, o quanto mais ampla lhe fora possível, no sentido de captar mais adequadamente o sentido e a lógica dos eventos que via a sua frente. Uma dinâmica sem-sentido e brutal, mas que necessitava explicação. Os sertões são, de alguma forma, fruto desta trajetória peculiar.

Isso exigiu de Euclides uma metodologia que incorporava, de maneira significativa, uma abordagem teológica de Canudos e de Antônio Conselheiro. É bem verdade que tudo, em última instância, está subordinado ao determinismo geográfico, aos condicionamentos do clima e dos intercâmbios raciais, segundo os dogmas das ciências de seu tempo, de que era partidário ardoroso. Mas Belo Monte portava especificidades que exigiam um instrumental específico, que inclusive esclarecessem as formas da ação dos determinismos naturais. O fanatismo ignorante da gente sertaneja, a loucura carismática do líder Conselheiro são fruto de uma forma própria de os condicionamentos do contexto biológico e natural se concretizarem: a religião cristã em suas formas mais baixas e atrasadas. Daí a necessidade de alguns vãos pela história do cristianismo, a recuperação de personagens quase obscuros dos inícios cristãos, a leitura de Renan.

No entanto podemos perceber o interesse de Euclides pela temática religiosa já no conjunto de reportagens que, como correspondente do jornal O Estado de São Paulo, enviou ao jornal na época do conflito, nos meses de agosto, setembro e início de outubro de 1897, quando a guerra já se encaminhava para seu fim e o massacre dos sertanejos ia se consumando.⁴ Delas salientaremos alguns traços de cunho teológico a nosso ver relevantes para a compreensão da obra maior do escritor, publicada cinco anos após a guerra. Efetivamente procuraremos notar como elementos do universo religioso e

³ Para a importância hermenêutica da distinção entre os dois nomes, pode-se ler Sérgio Guerra. *Universos em confronto: Canudos x Bello Monte*. Uneb, Salvador, 2000.

⁴ As reportagens foram reunidas, e publicadas em 1939 sob o título *Canudos: diário de uma expedição*. Aí também foram publicados os dois artigos que Euclides escreveu sobre a temática, antes ainda de se dirigir para o sertão em guerra, a ainda os telegramas que o escritor enviou ao jornal. Recentemente, em 2000, este conjunto foi republicado (*Diário de uma expedição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000). É dessa última edição que nos serviremos.

simbólico do cristianismo conhecido de Euclides contribuíram na sua percepção e invenção dos acontecimentos que como repórter cobrira e em *Os sertões* buscaria interpretar de forma mais cabal, inclusive revendo posições anteriores.

Por fim, a motivar estas considerações está o fato de que, salvo engano, o aspecto da análise euclidiana a partir de pressupostos vindos do mundo da religião não foi objeto de uma atenção mais cuidada por parte dos seus críticos. Já a primeira avaliação de *Os sertões*, de José Veríssimo, publicada imediatamente após a aparição do livro, apresentava-o como de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza como ao contato do homem e estremece todo, tocado até o fundo da alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as secas que assolam os sertões do Norte brasileiro, venha da estupidez ou da maldade dos homens, como a Campanha de Canudos.⁵

Ciência, pensamento e sentimento: onde, nestas virtudes e competências de Euclides caberão suas considerações sobre a cidade maldita ou ao “gnóstico bronco”? Walnice Nogueira Galvão chega a falar de “ideário positivista, anticlerical e até anti-religioso de Euclides”.⁶ O “até” que antecede o qualificativo “anti-religioso” ao mesmo tempo provoca e nos anima a desconfiar que, talvez sem muita consciência, Euclides partilha, a seu modo, de um traço fundamental da cultura brasileira: a sacralização da realidade e a interpretação desta a partir de categorias religiosas.⁷

I. TEOLOGIA EM JORNAL

Já nos artigos que escreve para o jornal *O Estado de São Paulo*, antes de se dirigir aos sertões, Euclides vê na revolta de Belo Monte a expressão de uma resistência ao novo regime político recém-implantado, similar à rebeldia da aldeia francesa, de nome Vendéia, aos rumos impressos pela Revolução Francesa. Confia em que “a República sairá triunfante desta última prova”.⁸ Mas, ao comparar o Belo Monte sertanejo com a Vendéia de cem anos antes, Euclides se refere também ao fato de que a resistência tanto

⁵ Citado por Regina Abreu. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro, Funarte / Rocco, 1998, p.211.

⁶ “Euclides, elite modernizadora e enquadramento”. In: Walnice Nogueira Galvão (org.). *Euclides da Cunha*. São Paulo, Ática, São Paulo, 1984, p.36.

⁷ Marilena Chauí. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Perseu Abramo, 2000, p.58-87.

⁸ “A nossa Vendéia” (1). In: *Diário de uma expedição...*, p.52.

num como em outro caso tem motivações religiosas. O “chouan fervorosamente crente” francês compara-se ao “tabaréu fanático” do sertão: ambos exercitam “o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados”.⁹ O vago e depreciativo fanatismo, perspectiva que Euclides partilha com outros que abordaram a saga conselheirista e da qual não se afastará até *Os sertões*, é a porta de entrada para considerar o universo mental e religioso dos combatentes de Belo Monte.

A caminho do sertão: um interrogatório e uma missa

No entanto, em seu caminho para o cenário da guerra, no contexto de uma longa estadia em Salvador, Euclides trava um encontro decisivo para suas percepções e análises, com um jagunço de Antônio Conselheiro, Agostinho, adolescente de 14 anos, a 19 de agosto de 1897. Aprisionado e trazido à capital, submetido a longo interrogatório¹⁰, finalmente tem de responder “sobre questões mais sérias”: armas, e convicções religiosas. Quanto a estas últimas, a surpresa de Euclides se manifesta na resposta à pergunta pela promessa feita pelo Conselheiro a quem morresse na luta: “Salvar a alma”.

Por que a resposta teria soado “inesperada”, se “salvar a alma” era tudo a que o cristão mediano, minimamente conhecedor da doutrina católica convencional, aspirava? O espanto parece vir justamente da concordância entre as promessas do herege fanático e ignorante e o que as igrejas ensinavam, reproduzindo o catecismo tridentino, que Euclides certamente conhecia!¹¹ Pois para o inquiridor, que neste momento sintetizava o sentimento da nação e perguntava o que esta na verdade julgava já saber, importava marcar a diferença, arrancar a aberração, comprovar o absurdo. A concordância então espanta, incomoda, e começa a colocar em cheque a polarização estabelecida entre doutrinas palatáveis e fanatismo, entre religiosidade viável e manifestações fruto da ignorância.

Quinze dias depois uma missa, ocorrida em meio a “espingardas, cinturões e cantis e um selim suspenso no teto”, atravessa o caminho de Euclides rumo ao sertão,¹² que se mostra visivelmente incomodado com a situação, em que pareceria estar mentindo “às minhas crenças”. Não: “não traí a nossa fé, transigindo com a rude sinceridade do filho

⁹ “A nossa Vendéia” (1). In: *Diário de uma expedição...*, p.51 (grifos de Euclides).

¹⁰ *Diário de uma expedição...*, p.105-111.

¹¹ Não discutiremos aqui em que a proclamação do Conselheiro se distinguiria do receituário católico convencional, mesmo no tocante à escatologia, pois nos desviaria do objetivo mais preciso deste texto. Pode-se ler a respeito Alexandre Otten. “*Só Deus é grande*”. A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo, Loyola, 1990, p.203-355.

¹² *Diário de uma expedição...*, p.153.

do sertão...” Vemos aqui a síntese que ele faz entre seus ideais republicanos e de modernidade e um ritual litúrgico que lhe impede, naquele momento, a anterior indiferença. Mais do que transigir com o sertanejo, a missa que presencia é expressão do que adiante declarará com todas as letras: a parcialidade do divino contra quem se arrogava a agir a partir de referenciais claramente religiosos e em prol do empreendimento militar que se lhe interpõe.

Profetas, maldições e legiões

Ao chegar finalmente ao campo de batalha e divisar o arraial,¹³ Euclides não consegue conter o espanto, a começar, como sempre, com a topografia. Mas quando olha “para a aldeia enorme e não se lobra um único habitante”, pensa numa “cidade bíblica fulminada pela maldição tremenda dos profetas”.¹⁴ Como que por um momento deixa os detalhes topográficos e viaja a Israel, ao encontro de profetas vaticinadores do terror e da destruição, encontrando-os abundantemente, particularmente em relação a Jerusalém. Assim sendo, a “aldeia sinistra” tem sua iminente destruição selada com o beneplácito divino, inclusive porque produz mártires.¹⁵ A cidade santa bíblica é transposta para as margens do Vaza-barris; tornada “capital de taipa” dos “restos de uma sociedade velha de retardatários”, precisa ser destruída pela ação civilizatória de “nossas tropas”.¹⁶ Por outro lado, o que estas fazem é apenas realizar os vaticínios proféticos, qual agente divino destinado a cumprir as profecias catastróficas de destruição da cidade santa.

Se Belo Monte é o “arraial maldito”, e o Exército não faz outra coisa que realizar a implacável mas indiscutível vontade divina, o que são os rebeldes sertanejos? Euclides não foge à conclusão: eles, que parecem vir de nenhum lugar, seriam, ao olhar da fantasia, “uma legião invisível e intangível de demônios...”¹⁷ Se a tão sonhada vitória demora, deve-se ao fato de que os inimigos são sobrenaturais, terrivelmente sobrenaturais!

Desde Nóbrega e Anchieta se sabe que o demônio está no sertão. Afinal de contas, já nos garantia frei Vicente do Salvador, em 1627, que o diabo, não tendo mais lugar na Europa cristianizada, se instalou por estas bandas, mudando inclusive o nome dessas

¹³ *Diário de uma expedição...*, p.174-182.

¹⁴ *Diário de uma expedição...*, p.178.

¹⁵ Para a qualificação dos soldados como mártires veja *Diário de uma expedição...*, p.69.

¹⁶ *Diário de uma expedição...*, p.91.

¹⁷ *Diário de uma expedição...*, p.178.

terras, de uma referência ao símbolo da salvação a um mais conveniente com seu novo morador.¹⁸ E tendo-lhe os portugueses roubado, pela evangelização, as terras do litoral, contentando-se “de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos”,¹⁹ restou-lhe o interior. A Euclides coube precisar exatamente onde ele se encontrava. Na verdade, em Belo Monte os demônios estão aos montes, formam uma “legião”. E aí, mais do que uma coincidência, isto parece remeter para um texto evangélico, em que Jesus, ao expulsar um espírito impuro, fica sabendo que seu nome é legião (Mc 5,9).²⁰ No entanto, é importante notar a direção impressa à citação: ao contrário da legião bíblica, demoníaco não é quem vem de fora, mas quem resiste ao invasor. Legiões não são os militares, mas os rudes sertanejos. A violência é provocada pelos jagunços; isso fica patente no fato de Euclides se referir à “legião de demônios” quando fala do uso de armas que estes fazem. Não mereceu imagem semelhante qualquer das descrições de ataques realizados pelo Exército.²¹ O desconhecimento da topografia e das estratégias do inimigo, que o tornam operante e resistente, converte-o em um coletivo diabólico. Não se pode, portanto, negar o caráter altamente estigmatizador da expressão utilizada. A desumanização do outro chega aqui, certamente, a um ponto alto.

II. TEOLOGIA EM LIVRO

Na redação de *Os sertões*, que Euclides começará a escrever logo depois de sua volta dos sertões baianos, quando é designado para acompanhar as obras de reconstrução de uma ponte em São José do Rio Pardo, interior paulista, o tom se modifica sensivelmente. Na verdade, as últimas reportagens já deixavam antever uma significativa revisão de posições. Mas é na escrita do livro que Euclides poderá dar vazão às contradições que vem carregando dentro de si desde quando testemunhou o cruel massacre sem poder denunciá-lo. De toda forma, o “livro vingador” acabou servindo, nas palavras de Eduardo Hoornaert, como um exorcismo junto à intelectualidade brasileira. Era preciso sacrificar o Conselheiro no altar da honorabilidade brasileira para que a elite do país pudesse recuperar-se do trauma causado pela memória de uma ação tão covarde do governo do país diante de uma comunidade de pobres sertanejos.²²

¹⁸ Laura de Mello e Souza. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. 6 ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p.67-68.

¹⁹ Vicente do Salvador. *História do Brasil (1500-1627)*. 7 ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1982, p.59.

²⁰ É notável que Euclides tenha percebido o alcance político-militar desta expressão bíblica, algo que vem sendo reconhecido, no campo da pesquisa exegética, apenas recentemente: a legião que aparece no evangelho é imagem da ocupação e violência romanas sobre Israel (Ched Myers. *O evangelho de São Marcos*. Paulus, São Paulo, 1992, p.237-241; John D. Crossan. *O Jesus histórico*. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. 2 ed., Imago, Rio de Janeiro, 1994, p.350-355).

²¹ Esta não é a primeira vez que Euclides aproxima os sertanejos dos demônios; na reportagem de 20 de agosto, ainda na capital da Bahia, menciona a “perversidade satânica” dos jagunços (*Diário de uma expedição...*, p.115).

²² Eduardo Hoornaert. *Os anjos de Canudos*. Uma revisão histórica. Vozes, Petrópolis, 1997, p.81-82.

Em outras palavras: a despeito das inúmeras contradições no enredo do livro (e que não é o caso de discutir aqui) os sertanejos que fizeram Belo Monte são ardorosamente defendidos, seu martírio corajosamente denunciado, ao preço da estigmatização do Conselheiro. Mas haveria, nessa intrincada posição, lugar para Euclides articular elementos do universo religioso e bíblico? O recurso a ele foi inevitável, como poderemos verificar.

Profecias do “falso apóstolo”

A avaliação que Euclides faz de Antonio Conselheiro, desde o começo, é francamente negativa. O líder do arraial rebelde, com seu “sistema religioso incongruente e vago”,²³ de alguma forma concentra todos os males do povo que comanda:

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensavam no seu [do Conselheiro] misticismo feroz e extravagante.²⁴

Em Antonio Conselheiro se concentram tanto as manifestações do atraso racial quanto as aberrações religiosas sincréticas; aliás, estas são expressão daquele.²⁵ Desta caracterização negativa do Conselheiro Euclides não se afastará, e por ela afirmará a inviabilidade daquilo que Belo Monte representava. Daí encontrarmos, a todo momento, alusões ao “falso apóstolo” e a suas profecias, em que se alternam ironia e crítica. Ele não tem dúvidas:

Quem as [as prédicas de Antonio Conselheiro] ouviu não se forra a aproximações históricas sugestivas. Relendo as páginas memoráveis em que Renan faz ressurgir... os adouçados chefes de seita dos primeiros séculos, nota-se a revivescência integral de suas aberrações extintas. Não há desejar mais completa reprodução do mesmo sistema, das mesmas imagens, das mesmas fórmulas hiperbólicas, das mesmas palavras quase.²⁶

Nesse ponto se chega a um detalhe fundamental. Possivelmente o dado que possibilitou compreender o misticismo do Conselheiro e de sua gente em termos assim

²³ *Os sertões*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.221.

²⁴ *Os sertões...*, p.206-207.

²⁵ E somos da opinião que a reviravolta operada por Euclides não conseguiu ser mais radical pois o autor continuou aferrado a seus preconceitos de ordem racial e determinista.

²⁶ *Os sertões...*, p.221.

tão negativos foi a expectativa milenarista que Euclides divisou em Belo Monte, considerando-a central para a sua compreensão. Com esse dado foi-lhe possível aproximar o Conselheiro, “um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse”,²⁷ de figuras quase desconhecidas do cristianismo das origens, mormente Montano da Frígia, que Euclides conheceu pela leitura da obra de Ernest Renan sobre os primeiros séculos cristãos. O fascínio do escritor por essa aproximação é tamanho que ele chega a transcrever uma passagem do autor francês sobre o líder frígio para aplicar ao sertanejo: se no longínquo século II

o objeto único das profecias frígias era o julgamento próximo de Deus, o castigo dos perseguidores, a destruição do mundo pagão, o reino dos mil anos e suas delícias,²⁸ no sertão baiano o tom não era outro:

O profetismo tinha... na sua boca [do Conselheiro], o mesmo tom... Anunciava, idêntico, o juízo de Deus, a desgraça dos poderosos, o esmagamento do mundo profano, o reino de mil anos e suas delícias.²⁹

Nota-se logo que o Conselheiro carrega um agravante: ele expressa um cristianismo há muito esquecido, que não faz qualquer sentido no momento atual. Um típico caso de insânia que em outros tempos poderia ser considerado normal.³⁰

Não vem ao caso discutir aqui se este veio milenarista foi mesmo determinante na trajetória do arraial conselheirista. Aliás, as tendências mais recentes da pesquisa estão apontando em direção contrária.³¹ Mas o que importa aqui é que a caracterização de Belo Monte como um arraial milenarista, tese que fez história e vem se reproduzindo mesmo até nossos dias,³² jogou na obra euclidiana um papel decisivo: o empreendimento Belo Monte não teria qualquer possibilidade de vingar, ancorado que estava em bases tão frágeis e ultrapassadas, deploráveis mesmo. O que não significa que o procedimento bélico tenha sido o mais adequado para dissuadi-lo:

²⁷ *Os sertões...*, p.221.

²⁸ *Marc-Aurèle et la fin du monde antique*. Paris, Calmann-Lévy, 1929, p.215.

²⁹ *Os sertões...*, p.223.

³⁰ *Os sertões...*, p.208. Sobre a leitura de Renan e a acentuação do aspecto racial e evolucionista por Euclides pode-se ler Luiz Costa Lima. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997, p.108-124.

³¹ Desde pelo menos a publicação em 1974, por Ataliba Nogueira, de um caderno de prédicas atribuídas a Antonio Conselheiro (3 ed., São Paulo, Atlas), esta perspectiva vem sendo seriamente colocada em dúvida, ou pelo menos considerada secundária para a compreensão da vivência e expectativas religiosas em Belo Monte. Discutimos essa questão com mais pormenores em “Antonio Conselheiro e Belo Monte: entre promessas cumpridas e esperadas”. In: *Idéias e Argumentos*. Americana, 2001, n.4, p.192-223.

³² Sirvam de exemplo as obras de Maria Isaura Pereira de Queiroz (*O messianismo no Brasil e no mundo*. 2 ed., São Paulo, Alfa-ômega, 1977) e, mais recentemente, de Robert Levine (*O sertão prometido: o massacre de Canudos*. São Paulo, Edusp, 1995).

Requeriam [aqueles pobres rebelados] outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala.³³

Talvez exatamente nesse ponto se localize o posicionamento diferenciado e revisionista que o autor passa a adotar na escrita de *Os sertões*: se Belo Monte era inviável, não eram as armas o melhor instrumento para demonstrá-lo. Se a análise euclidiana apenas tivesse chegado até aqui, nada teria mudado. Ela apenas teria reforçado os estereótipos que já encontráramos nas reportagens. Felizmente temos toda a terceira parte da obra pela frente...

Guerra de irmãos e martírio dos belmontenses

Quando, finalmente, a obra de Euclides se converte num corajoso manifesto contra a crueldade perpetrada à gente de Antonio Conselheiro pelo Exército brasileiro, também o influxo sutil de referências da Bíblia mudou de acento, contribuindo para dar maior força à denúncia do massacre e da crueldade, que fica mais impressionante quando articulada a outras situações, conhecidas dos leitores, sobre as quais há consenso geral. A campanha militar fora um equívoco, era necessário denunciá-lo. Assim, constataremos manifestações evidentes da solidariedade do escritor para com as pobres vítimas da República, embora, como já dissemos, nem um pouco com o projeto que as animava. Consideremos duas passagens.

Em primeiro lugar, num momento perdido da quarta expedição já em combate, uma página que inequivocamente nos remete a “uma paisagem bíblica”.³⁴ Uma “tapera babilônica” que com seu entorno evocava a longínqua e desconhecida Iduméia (às vezes chamada Edom). Região ao sul de Israel, nela habitavam descendentes de Esaú, irmão gêmeo de Jacó, o ancestral de Israel. Ambos os povos desenvolveram uma trajetória acidentada, de conflitos e traições mútuas. Daí que se encontrem na Bíblia palavras desabonadoras e anúncios quanto a sua destruição, o que permitiu a Euclides falar dela como “esterilizada para todo o sempre pelo malsinar fatídico dos profetas”.³⁵

³³ *Os sertões...*, p. 251.

³⁴ As considerações a seguir devo-as a Flávio Aguiar, que fez a gentileza de me ceder cópia de seu artigo “A volta da serpente. Um estudo sobre *Os sertões*, de Euclides da Cunha”, ainda inédito.

³⁵ *Os sertões...*, p. 436. As citações bíblicas em que as invectivas contra Edom aparecem de forma mais categórica são o Sl 137 e a profecia de Abdias, bem como Is 34. Nestes casos o contexto é o da colaboração edomita para a destruição de Jerusalém pelos babilônios.

Mas se o registro fosse apenas esse, não teríamos saído das alusões fatalistas das reportagens aos anúncios proféticos da Bíblia. Na verdade, este aspecto não é o único, e nisso se mostra a perspectiva nova adotada por Euclides. Os idumeus não são apenas os inimigos de Israel. São, antes de tudo, seus irmãos. Daí que outra passagem, do livro dos Números, mostre que, diante das recusas de Edom a que Israel passasse pelo seu território edomita para chegar a sua terra prometida, Moisés tenha optado por contorná-lo a fazer guerra ao povo irmão (Nm 20,14-21). A saga da Iduméia no relato bíblico é suficientemente ambígua para dar conta das posições de Euclides em relação à guerra e, em particular, a Belo Monte: hostil, seu desaparecimento se daria pelo decurso do tempo, não por uma guerra fratricida...

Uma outra imagem, essa talvez ainda mais poderosa.³⁶ Já no fim da guerra, o arraial praticamente destruído. Incêndios aqui e ali, fumaça interminável, eclipsando o sol, que, vez por outra, pelo efeito oportuno de “uma lufada rija”, por meio de um “rasgão enorme” conseguia tornar visível “uma nesga do arraial”, quando se divisavam “bandos estonteados de mulheres e crianças correndo para o sul, em tumulto”. Justo nesse dia, pouco depois da morte do Conselheiro, quando Euclides pôde dizer que “a insurreição estava morta”,³⁷ porque o cerco do Exército ao arraial finalmente se consumara, a descrição da tragédia toma emprestadas aos evangelhos imagens evocadoras da morte de Jesus e amplamente conhecidas: o sol desaparecido, o véu rasgado.

Atrevemo-nos aqui a afirmar que o recurso a essas imagens e “cenas antiqüíssimas do imaginário ocidental” não se deva apenas a um “efeito estético e retórico”³⁸ evidentemente pretendido pelo livro. Ele não é desprovido de conseqüências. E o caráter religioso do movimento alvo da guerra é aqui ainda menos suficiente para explicá-lo. Na verdade, tanto a menção à Iduméia como o recurso ao relato da morte de Jesus são sintomáticos: neles se vislumbra o novo posicionamento de Euclides e sua opção ao pretender escrever um “livro vingador”. Não é pouco associar o desespero final da gente sertaneja à paixão de Jesus. E justamente o recurso aos fenômenos cataclísmicos radicaliza a dimensão de tragédia, tanto nos relatos ancestrais como no que naqueles se inspira.³⁹ Daí que a vinculação do destino trágico dos sertanejos ao de Jesus crucificado mostre que seu autor fez um longo caminho,

³⁶ *Os sertões...*, p.525. Berthold Zilly, no texto da conferência oficial da Semana Euclidiana de 1997 (“A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os sertões*”). In: *História-Ciências-Saúde Manguinhos*. Rio de Janeiro, 1998. v.5, p.13-37) terá sido o primeiro a chamar a atenção para a relevância da passagem que passamos a comentar.

³⁷ *Os sertões...*, p.526.

³⁸ As expressões são de Zilly (“A guerra como painel e espetáculo...”, p.29).

³⁹ Cabe notar que a alusão a tais fenômenos, como as trevas surgidas em pleno dia e o rasgo do véu do templo, não é feita no evangelho segundo João, o que acentua ainda mais caráter retórico deles. Considere-se ainda que, na reportagem que fez sobre esse mesmo momento da guerra, nem de longe Euclides fez alguma menção à sexta-feira-santa...

que o levou do quase escárnio inicial a uma explícita “simpatia pelos nossos extraordinários patrícios sertanejos”,⁴⁰ capaz de causar estranheza em alguns de seus primeiros leitores mais cuidadosos. E se antes o Exército aparecia como agente dos desígnios divinos, o que dizer dele agora, algoz dos novos crucificados?

Da mesma maneira constatamos como se mostra eloqüente mencionar uma situação em que, apesar de evidentes conflitos, dois povos irmãos não os resolvem pela guerra. Ou melhor, um deles, divinamente conduzido, não violenta o supostamente inferior e refratário. Em ambos os casos se evidencia “a curiosa posição de militar que se apaixona pelo inimigo e não pelo aliado”.⁴¹ Não entrando no mérito das citações e aproximações, pode-se supor que Euclides esperaria da República uma ação civilizatória como a realizada por Moisés frente a Edom. Sua decepção se expressa também ao perceber que, pelo contrário, a presença da civilização no sertão foi desastrosa, convertendo-o num imenso Gólgota.

Anotações inconclusivas

A eliminação de Belo Monte era inevitável; dessa convicção Euclides não se afastou nem mesmo quando se dedicou a escrever sua obra maior, concebida como “livro vingador”. Na contramão do progresso e confiado num insano, o arraial conselheirista não tinha qualquer possibilidade de perdurar. Desta forma se deve reiterar, como já insinuamos, que estamos diante de vingança incompleta, já que, se é verdade que o massacre dos belomontenses é arduamente denunciado, nem por isso as vítimas encontram a defesa da legitimidade de seu empreendimento, a organização autônoma do arraial, a única coisa que efetivamente almejavam. Mas isso era praticamente impossível ao nosso escritor, entre outras coisas por sua dificuldade de lidar com a positividade da religião. Tem razão, portanto, Nicolau Sevcenko quando afirma que, se para Euclides os sertanejos “constituem o cerne de nossa nacionalidade”, só o são “descontadas as superstições”.⁴²

Por outro lado, e não deixa de haver uma certa incongruência com aquilo que acabamos de constatar, Euclides, na sua caracterização da religiosidade vivida em Belo Monte, pinta em cores carregadas o perfil de uma comunidade cismática, seu líder como “um heresiarca do século II em plena idade moderna”.⁴³ Se acima se salientou o atavismo dessa manifestação,

⁴⁰ Carta a Araripe Junior, de 30/03/1903. In: Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Gallotti (org.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo, Edusp, 1997, p.159.

⁴¹ Walnice Nogueira Galvão. “Euclides da Cunha”. In: Ana Pizarro (org.) *América Latina: Palavra, literatura e cultura*. São Paulo / Campinas, Memorial / Unicamp, 1994, v.2, p.631.

⁴² Nicolau Sevcenko. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed., Brasiliense, São Paulo, 1999, p.145.

cabe nesse momento destacar a dimensão de julgamento, pelo qual não só reafirma a inviabilidade do arraial, agora na contramão também da religião, como o caráter nefasto da ação de seu líder: ele “abeirara-se apenas do cristianismo mal compreendido”,⁴⁴ enquanto naquele se patenteava uma “seita esdrúxula – caso de simbiose moral em que o belo ideal cristão surgia monstruoso dentre aberrações fetichistas”.⁴⁵ Se em tantas páginas se percebe a dificuldade de Euclides em lidar com Belo Monte, “um levante cujo fulcro agregador é a religião”,⁴⁶ não se pode deixar de assinalar o acordo básico aqui notado entre “o belo ideal cristão” do agnóstico Euclides e o receituário doutrinal do catolicismo ortodoxo!

De toda forma, em *Os sertões* os demônios não ocupam um dos flancos apenas; na verdade a identificação deles é mais difícil porque parecem estar em toda parte, e em algum momento assumem até as feições do Cristo morto... Nas reportagens do Diário de uma expedição ainda têm uma única faceta, ou traço dominante, pois estão num dos lados da batalha. Por isso precisam ser combatidos sem tréguas, mesmo que em alguns momentos recebam a admiração do jornalista, quase incrédulo. O jornal não admite senão este enredo: está em jogo uma causa, não a necessidade de rever referências e procedimentos. Neste momento, portanto, o episódio Belo Monte não serviu para Euclides revisar e criticar a República, tema a que sempre esteve atento.⁴⁷ Ao jornalista cabia contribuir no combate incansável aos inimigos do novo regime, certo que estava de que ele haveria de triunfar sobre este último inimigo seu. Era, portanto, necessário contrapor às superstições dos rudes sertanejos aquelas das elites culturais do litoral. Afinal de contas, como ele não se cansou de repetir, “a República”, como os deuses, “é imortal”.⁴⁸ Em *Os sertões* o tom é outro. E, ainda que desejássemos mais, justamente essa reviravolta insuficiente, em menos de cinco anos, torna sua obra-prima ainda maior, digna de celebração pelo fato de seu autor, ao fazer esse percurso, investir contra aquelas instâncias nas quais sempre confiou e aliar-se a gente em cuja causa não punha a menor confiança.

Trata-se, portanto, de uma obra indicadora de quantas revisões nossa história, particularmente a da gente anônima, continua carente. Por outro lado, a consideração sobre o conjunto da trajetória euclidiana em relação à vida e morte de Belo Monte é sugestiva

⁴³ *Os sertões...*, p.140.

⁴⁴ *Os sertões...*, p.224.

⁴⁵ *Os sertões...*, p.239.

⁴⁶ Walnice Nogueira Galvão. *Gatos de outro saco*. Ensaios críticos. Brasiliense, São Paulo, 1981, p.94.

⁴⁷ “Ao cobrir a guerra de Canudos, Euclides silenciou sobre o horror da guerra. Deixou-se cegar pela máquina de propaganda da imprensa e do governo” (Roberto Ventura. “Euclides da Cunha e a república”. In: *Estudos avançados*. São Paulo, 1996. n.26, p.275-291; a citação é da p.285).

⁴⁸ *Diário de uma expedição...*, p.68.

quanto às diversas possibilidades de apropriação do religioso, ainda que por meio de metáforas e alusões, e sua articulação com a experiência humana e histórica, interpretando-a e dando-lhe sentido. Se confrontada com outros discursos, a multiplicidade será espantosa.

na a
o da
anto
deal
cebe
r é a
deal

; na
em
ário
dos
gus
nite
as e
para
lista
tava
ário
ral.
s, “é
ente
uor,
elas
enor

ria,
obre
tiva

a de
idos.

**“RUA DO OUVIDOR” VERSUS “CAATINGAS”:
Comunicação e Guerra em *Os Sertões* e em *A Guerra do
Fim do Mundo***

Lidiane Santos de Lima
Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS – Universidade Estadual
de Feira de Santana.

Resumo

Comemorando em 2002 o centenário de sua publicação, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ainda hoje tem levantado polêmicas e discussões em diversas linhas de estudo. Através de uma análise estrutural e textual desta obra, revelamos seu caráter na constituição de uma história da comunicação e na formação de uma opinião pública nacional, bem como sua função enquanto obra fundadora do ciclo canudiano. Realizamos uma análise comparativa entre *Os Sertões* e *A Guerra do Fim do Mundo*, enfocando processos de inter e transtextualidade, e verificando as expressões de teorias da comunicação configuradas nessas obras. Por fim, sugerimos um novo esquema sobre a formação da opinião pública matriz a nível nacional, e compreendemos a importância da preservação de uma memória histórica e cultural do país, através da manutenção (pela mídia escrita e literatura) de relevantes fatos históricos regionais, como a guerra de Canudos.

Palavras-chave: Canudos, Comunicação, Opinião Pública

Abstract

Celebrating in 2002 the centennial of its publication, “*Os Sertões*”, by Euclides da Cunha, it has until today raised controversies and discussions in various trends of study. Through out a structural and textual analysis of this work (“*Os Sertões*”), its character is revealed in the formation of history of the communication and a national public opinion, as well as its function as a founding work of the Canudos’s cycle. We carried out a comparative analysis between “*Os Sertões*” e “*A Guerra do Fim do Mundo*”, focusing on inter and trans textuality processes, and checking the communication theories’ expressions arranged in these works.

Finally, we suggest a new plan on the national matrix of the public opinion formation, and we acknowledge the importance of preservation of the country's historical and cultural memory done by the written media and literature through the maintenance of important regional historical facts, such as Canudos's war.

Key Words: Canudos, Communication, Public opinion.

pt
C
au
so
su
in
de
in
lit
cu
in
la
bi
m
ou
co
de
de
pe
qu
in
de
ac
se
an
fig
gu
—
C
A
e
It
sai
pre

ind
ory
cal

Em dezembro de 1902, quando o Brasil comemorava seu 13º ano de República, foi publicada a primeira edição da obra de maior relevo de Euclides da Cunha: *Os Sertões*. Com um estilo exuberante, de feições barrocas, e um olhar de propensão naturalista, o autor foi marcado pelas teses de seu tempo, dentre as quais a crença na ciência como solucionadora dos problemas da humanidade. Ao longo do século XX, Euclides foi sucedido por romancistas que, a partir do seu legado, geraram uma nova imagem da inteligência brasileira, principalmente a partir da Semana de Arte Moderna, a exemplo de José Américo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e outros. No plano internacional, destaca-se a obra de Vargas Llosa, *A Guerra do Fim do Mundo*, como literatura exemplar do ciclo temático canudiano¹.

Os Sertões é considerado por muitos estudiosos “o livro mais importante de nossa cultura”, como diz Carlos Heitor Cony (*A Tarde*, 27-07-2001). Os cem anos desta importante obra já começaram a ser celebrados através de exposições, conferências e lançamentos de livros que vêm se somar aos mais de quatro mil títulos – maior bibliografia da nossa literatura.

Euclides da Cunha produziu textos e imagens de vários “brasis” (por exemplo, na metáfora da “Rua do Ouvidor *versus* Caatingas”²) ao seu grande Brasil. A *Rua do ouvidor* era a nação, ou a opinião pública nacional que, alimentada pelos meios de comunicação e ávida por informações sobre os acontecimentos da guerra, exigia um *desenlace* para que a República saísse vitoriosa. E *as caatingas* eram a representação do irmão sertanejo, distante e até então desconhecido, que vivia numa região árida, pobre, retrógrada e pouco desejada. A *Rua do Ouvidor* foi jogada contra as *caatingas*, quando na verdade as duas deviam se integrar e formar um só país.

Dentre os vários discursos que Euclides empreendeu sobre a constituição desse imenso Brasil, sobressai o discurso sobre a manipulação da opinião pública pelos meios de comunicação de massa, que pode ser estabelecida em tempo de guerra, como aconteceu durante a guerra de Canudos, segundo o autor.

Entre as obras da nossa contemporaneidade, do ciclo temático canudiano, encontra-se *A Guerra do Fim do Mundo*, romance do peruano Mario Vargas Llosa, escrito oitenta anos após a publicação de *Os Sertões*. Fortemente seduzido pela obra euclidiana, e pela figura do seu autor, Vargas Llosa faz conhecida no restante do mundo a história da guerra fratricida ocorrida há um século no interior da Bahia.

¹ Ciclo de obras literárias cujo tema principal é a história de Canudos.

² A Rua do Ouvidor era a rua mais importante do Rio de Janeiro, onde estava localizada a maioria dos jornais cariocas, e lugar para o qual se dirigia grande parcela da população à busca de notícias. Quando da guerra de Canudos, de lá saíam as principais versões, que se tornavam verdadeiras nas páginas de algum jornal. Esta metáfora euclidiana está presente em “A Luta”, III parte de *Os Sertões*.

Após estudar aquela guerra, Vargas Llosa percebeu que a história de Canudos espelhava elementos repetidos na América Latina dos séculos XVIII e XIX (a total falta de comunicação entre duas partes da sociedade que se matam ao invés de se integrar), e decidiu escrever um romance sobre o tema. O primeiro livro que leu sobre Canudos foi *Os Sertões*, única obra a ser considerada fonte indiscutida e fidedigna do autor peruano: “O fato é que *A Guerra do Fim do Mundo* é uma consequência direta d’ *Os Sertões* e não poderia existir sem a obra do escritor brasileiro” (Campbell, 2000, p. 32).

As personagens fictícias do romance de Vargas Llosa relacionam-se tão harmoniosamente com as históricas, que formam um misto de crônica e história, numa construção inovadora e diferente, permitindo uma nova leitura sobre a guerra considerada por este autor um “mal-entendido-nacional”.

O ciclo temático canudiano

A leitura de um ciclo canudiano, surgido a partir de *Os Sertões*, nos coloca diante de uma temática que, abrangendo a guerra, expõe quadros de miséria e dor do povo sertanejo, esquecido no semi-árido nordestino, mas sobretudo revela as formas de visibilidade e dizibilidade das tensões entre vários *brasis* que se enfrentam. As modalidades discursivas que configuram os duelos regionais, litorâneos versus sertanejos, e sociopolíticos, dominantes e dominados, são necessárias à compreensão da busca por uma identidade nacional, livre de estereótipos e de uma percepção redutora que determina a superioridade de uns em relação à inferioridade dos outros. A escrita canudiana se torna apta a guiar a discussão sobre a unidade nacional que aceita as diferenças e alteridades em suas contradições principais.

Pensando a noção de Intertextualidade³, na qual se constata que nenhum texto é fruto de uma construção individual, mas é resultante de um processo de informações e leituras anteriores, pode-se observar um conjunto aberto (não finito) de obras escritas após *Os Sertões*, que estão diretamente mergulhadas nesta, quer como veículo de inspiração, quer como fundamentação teórica ou fonte histórica. Neste contexto ainda, pode-se aplicar o conceito de “fundação⁴”, segundo o qual a obra euclidiana seria o texto fundador (texto de referência)

³ Um texto literário remete a outros textos semelhantes através de um “mosaico de citações”, o que constitui o processo de intertextualidade. De acordo com Souza (1997, p. 14-32), para avaliar esse fenômeno de diálogo e interação entre textos, cumpre notar, além das semelhanças entre o texto de base e o texto evocado, também as diferenças resultantes da reelaboração. O leitor reconhece o texto citado ou evocado graças a sua competência enciclopédica.

que exprime certa leitura de outros textos, e que faz parte das condições de produção de um conjunto de discursos posteriores. Este conjunto de obras literárias diretamente ligadas a *Os Sertões* – marco da produção literária nacional, tropical e naturalista – e que possui Canudos como tema principal, forma um ciclo temático canudiano, cujos autores diversos, com linguagem histórica ou mesmo ficcional, contribuíram enormemente para o conhecimento dessa parte dolorosa da História brasileira.

Os Sertões é uma fundação datada, concebida como um acontecimento. Em seu texto “Fundações”, Verón (1980) assinala que as questões decisivas são sempre as seguintes: por que a consciência histórica reporta-se a este ou àquele texto e não a outros? Os textos a que se reporta o reconhecimento têm propriedades particulares? Do lado das condições objetivas históricas, extradiscursivas, a guerra, e as condições de produção, circulação e reconhecimento dos discursos jornalísticos, criam bases transtextuais⁵ suficientemente ativas para tornar o texto euclidiano uma fundação, enquanto produto de uma prática significativa que se desenvolve na História.

Concentramos nossos estudos sobre as relações entre a obra euclidiana e um romances da nossa contemporaneidade, *A Guerra do Fim do Mundo*, que materializa procedimentos narrativos complexos, põe à luz a força das tensões entre os cenários narrativos, e atualiza as teorias da comunicação e da formação de uma opinião pública nacional. Mario Vargas Llosa possui o mérito de retomar a narrativa euclidiana, metaforizando-a como drama atual da América Latina. A exemplo da obra vargallosiana, os romances de 80 e 90 configuram-se como livros sobre textos, narrativas reelaborando pré-textos e pós-textos, inscrevendo-se assim no panorama pós-moderno.

As transformações tecnológicas, juntamente com o desenvolvimento das redes de comunicação, sempre *funcionaram como suportes para as lógicas de guerra*. As novas tecnologias da informação, geradas e empregadas para fins estratégicos, facilitam a mistificação, a expropriação e a exploração da opinião pública matriz, o que, posteriormente, pode criar uma crise de opinião, provocando a perda da credibilidade nas instituições políticas. O livro de Euclides da Cunha evidencia os conflitos de opinião após a

⁴Segundo Verón (1980, p. 122), “Uma fundação não é senão um sistema de diferenças entre dois sistemas de relações, relações que os discursos contraem com as condições que os sustentam e explicam enquanto produtos de uma prática significativa que se desenrola na História”. Ou seja, o texto fundador é aquele que, tendo também um “conjunto historicamente anterior de outros discursos” que fazem parte das suas condições de produção, é reconhecido por “um conjunto de discursos historicamente posteriores”, fazendo parte das condições de produção deste conjunto.

⁵ Transtextualidade: diferentes formas de representação, em matérias significantes diferenciadas (literária, cinematográfica, televisiva, etc.). A noção de transtextualidade indica a transformação de um texto primeiro em um texto segundo, pertencente a um gênero diferenciado. Para uma percepção mais elaborada dos cenários transtextuais, consultar Souza (1997).

guerra, bem como o esforço, principalmente da imprensa, em formar ou manipular a opinião pública nos diferentes momentos da campanha. Igualmente, Mario Vargas Llosa ratifica estas denúncias e expõe muito claramente o jogo político que envolvia a guerra e criava imagens negativas de Canudos, por interesses particulares.

Questões como identidade nacional, opinião pública, visibilidade e dizibilidade dos sertões, dentre outros, estão presentes nas obras que compõem o ciclo temático canadiano, confirmando a importância e a aplicabilidade da obra de Euclides no desenvolvimento do tema Canudos, das Ciências Humanas e de uma Teoria da Comunicação fñcada em bases nacionais. Fazendo um estudo comparativo entre a obra fundadora do ciclo e uma obra contemporânea, pela semiótica narrativa, na análise das tensões entre os códigos das ações e da narração, no tratamento do tempo, do espaço e dos pontos de vista, observam-se necessariamente alguns importantes deslocamentos discursivos na configuração dos fatos históricos e culturais:

“O espaço geográfico (dimensional) transforma-se também em espaço histórico (não-dimensional). Em outras palavras, o espaço físico de presença determinante já aparece como território cultural, refletindo o feixe de inter-relações históricas e metalingüísticas que autorizam a formação de uma prática comunicativa nacional. Se a paisagem física dimensionava as especificidades das comunidades sertanejas, habituadas a reagir à natureza inóspita, a configuração das caatingas, tornadas espaço histórico, se apresenta como paradigma identitário, surge como ambiente síntese das contradições de conquista da terra brasileira” (Lima et al., 2001, p. 210).

Os Sertões: uma obra de fundação

Os Sertões vai ser considerado não apenas um livro “vingador”, mas um marco, o início da procura pelo “verdadeiro” país, pelo seu povo, a interação entre ambiente físico e ambiente social, que nos permite perceber “a influência do ambiente sobre o nosso caráter e a nossa raça em formação. (...) *Os Sertões* é sem dúvida, um marco, no sentido em que esboça os elementos em que vai ser pensado o problema da nossa identidade nacional” (Albuquerque Jr, 1999, p. 53).

A dicotomia estabelecida por Euclides entre “paulistas” X “sertanejos” ou “litoral” X “sertão”, presente em *Os Sertões*, formula o discurso sobre nossa nacionalidade, cujo sertanejo – “rocha viva”, essência do verdadeiro brasileiro – na realidade seria um paulista que se isolou no sertão nordestino, em consequência do nomadismo das bandeiras. Assim,

esse livro perpetuou o tema da guerra e das injustiças no campo e consolidou as formas de expressão dos temas nacionais; consolidou, da mesma forma, as bases de uma comunicação nacional ancorada em referenciais locais, e uma formação de opinião pública, ancorada nos determinantes também nacionais. O sertão aparece como o lugar onde a nacionalidade está pura e livre das influências estrangeiras e vai dar a matéria para que se trate de problemas nacionais. Deixa de ser um espaço físico para ser espaço não-dimensional, histórico, a partir do qual vão ser discutidos os temas da essência do País.

Os Sertões se põe como obra de fundação e dá origem a um ciclo, no qual *A Guerra do Fim do Mundo* está inserido apesar do seu distanciamento temporal, histórico e cultural. Analisar os entrelaçamentos entre obras literárias deste ciclo, cujo tema é a guerra de Canudos, significa primeiramente verificar a persistência da obra de Euclides da Cunha na cultura da contemporaneidade. Em uma perspectiva necessariamente diacrônica, trata-se de perseguir as relações estruturais entre os fatos ficcionados e os fatos históricos, e as relações transtextuais entre o fenômeno literário e a atividade jornalística. Nesta perspectiva, o texto de Euclides *funciona* como o primeiro acesso a um fato histórico, a guerra de Canudos⁶. Mas, se define antes como um texto de fundação, e não apenas a denotação de um acontecimento singular. Configura-se, sobretudo, como um texto de referência suscetível de gerar novos textos, de inscrever seus vestígios na composição de novas produções, de criar séries culturais de tema canudiano.

Euclides comandou uma dinâmica dialética entre o contexto narrativo e o contexto extratextual em seus vetores político e filosófico e, mesmo valendo-se das teorias deterministas e evolucionistas da época, conseguiu incrementar a força dialógica entre forma artística e realidade representada, não permitindo que nenhuma voz sufocasse a outra. Alguns autores já discorreram sobre a reviravolta euclidiana em *Os Sertões*, principalmente em relação a suas crenças e idéias manifestadas em *Diário de uma Expedição* (Cunha, 1897). O autor de “Nossa Vendéia”⁷ iria desde então indagar suas concepções políticas originárias com seu republicanismo idealizado, criticar os planos militares e o comportamento desordenado e latino dos soldados nacionais.

Abordando *Os Sertões* e *A Guerra do Fim do Mundo* pela Semiótica Narrativa e utilizando os conceitos do “espaço” narrativo, fica claro que estamos lidando com textos, que podem ser literários ou não, pois a Teoria da Literatura é um monumento teórico pronto a

⁶ Segundo Ângela Gutierrez, em Notícia sobre cem anos de ficção canudiana, *Revista Canudos*, v. 1, n. 1, p. 9-21, 1996, embora *Os Sertões* não seja o primeiro texto literário a tratar do fato, ele constitui um texto germinador da ficção regionalista importante e, em particular, de tema canudiano.

⁷ Título do primeiro artigo de Euclides da Cunha sobre Canudos, enviado para o jornal *O Estado de São Paulo* em 1897, no qual o sertanejo é visto com inimigo da República e o exército como seu salvador.

abarcam espécies diferenciadas de representações. Nesse sentido, buscamos a noção de “fundação” para mostrar que a obra euclidiana tornou-se um texto de referência, por relacionar-se e fazer parte das condições de produção de um conjunto de discursos posteriores que se remetem, dialogam e interagem com ela, o que constitui o processo de intertextualidade. Segundo Verón, “o aparecimento de uma prática de produção de conhecimentos relativos num determinado campo do real, enquanto fenômeno histórico, não tem a unidade de um acontecimento (...), não tem a unidade de um ato (...), não tem a unidade de um lugar ou de um espaço” (1980, p. 116).

Euclides confrontou diferentes pontos de vista no momento histórico: criticou o exército e a República, discutiu o heroísmo sertanejo e denunciou o esforço da imprensa em forjar uma opinião pública que justificasse a guerra. Nesse âmbito, estudiosos da comunicação social podem trabalhar com teorias significativas da análise textual, em particular com a semiótica narrativa, com a lógica das ações e dos pontos-de-vista, suscetíveis de guiar tanto a análise de textos denotativos (científicos, históricos, jornalísticos) como a de textos de forte teor conotativo, como também a dos enlaçamentos desses diferentes tipos de textos.

No nível do código da narração, ainda segundo Barthes, distinções sobre as posições dos narradores são de grande importância para a análise do ângulo de visão através do qual as ações vão sendo conduzidas. Tanto na obra euclidiana quanto na de Mario Vargas Llosa, é utilizado o ponto-de-vista onisciente com focalização neutral, tornando a narrativa uma sucessão lógica de ações. Por outro lado, em alguns momentos, Euclides utiliza a focalização interventiva, através da qual interfere com opiniões próprias ou comentários.

Formação de uma opinião pública nacional

O jornalismo brasileiro, como em outras partes do mundo ocidental, desenvolveu-se ao lado da literatura. Essa experiência pode ser observada desde o século XIX, através do romance-folhetim no *jornalismo industrial*, passando pela década de 50, com o surgimento dos *suplementos literários*, até os dias de hoje, com os *Cadernos 2*. Muitos dos escritores que marcaram a história mundial e nacional eram antes de tudo jornalistas, como Machado de Assis, José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Lima Barreto e Euclides da Cunha. Mas este último ainda ocasionou um confronto de gêneros no momento em que a representação sobre a guerra de Canudos pôde sair das páginas dos jornais para as páginas literárias, iniciando-se um processo onde a comunicação estava construindo a história. Os acontecimentos agendados pelos veículos de comunicação certamente farão parte da história, mas é através da expressão

artística e literária que eles obtêm uma visibilidade mais consistente, principalmente pela diferença do seu processo de produção e recepção, menos fugaz que o da comunicação.

Euclides da Cunha afirma que não elegeu nenhum protagonista em *Os Sertões*. Mas repudiou a forma como a opinião pública matriz estava sendo construída, a partir de interesses privados. Para ele, os grandes vilões da estória foram aqueles que fizeram o acontecimento, nos emergentes meios de comunicação. Os maiores jornais do país enviaram à guerra de Canudos correspondentes, para que estes lhes informassem todos os acontecimentos, de acordo com os interesses de cada grupo envolvido. Este fato é registrado nas obras contemporâneas do ciclo temático canudiano, cujos personagens comunicadores estão sempre presentes. São os *personagens escritores*, ou *homens-palavra*⁸, geralmente jornalistas correspondentes dos jornais da época, que buscavam noticiar, documentar os fatos da Guerra e propagá-los. O medo tácito em encontrar palavras para não ofender a República, nem o Exército, que os faziam oscilar entre as opiniões preconcebidas e a realidade crua que estavam presenciando, propiciou uma manipulação dos dados.

Euclides da Cunha, enviado especial de *O Estado de São Paulo*, foi também um *homem-palavra*, narrador, mas personagem do seu próprio livro, uma vez que as críticas aos meios de comunicação, e àqueles responsáveis por forjar uma opinião pública matriz, lhe cabiam perfeitamente, principalmente por seus artigos anteriores à ida a Canudos.

Nas obras do ciclo canudiano, os *homens-palavra* deram forma ao cotidiano e à cultura dos sertões, aos embates fratricidas e às lutas políticas, lembrando as razões da degenerescência social e, algumas vezes, citando até os textos euclidianos. Estas personagens, provenientes da imprensa, têm a função de documentar a História da Guerra para suprir a necessidade de construção de uma memória. Todos os *homens-palavra* do romance de Vargas Llosa opõem a presença da palavra oral ou a escrita ao esquecimento dos fatos. São eles: Galileu Gall (estrangeiro revolucionário em busca da cidade que parecia realizar os ideais utópicos da revolução: Canudos) e o Jornalista Míope (representação de Euclides. Vai à guerra, sobrevive, muda seu ponto de vista sobre os vencidos e escreve um livro com o fim de conservar a lembrança do acontecimento e de denunciar as atrocidades por ele ali presenciadas).

Euclides da Cunha apresenta o Brasil como um país mal conhecido. O gaúcho, o sertanejo, o paulista, o jagunço e o vaqueiro se ignoravam, apesar de terem em comum um mesmo nível de fanatismo e sentimentalismo. Por este desconhecimento mútuo, a Campanha de Canudos

⁸ Metáfora de Gutierrez (1997, p. 16) para os homens "contadores de história" desses livros. Eram os homens a quem pertenciam os "dons da palavra".

foi aspirada, e a Rua do Ouvidor foi lançada contra as Caatingas, sendo formada uma opinião nacional contra a gravidade dos fatos, e desencadeada a “desordem”.

Acreditando na opinião pública como componente do processo de comunicação, entendida como um efeito decorrente de um estímulo, mensagem ou conteúdo de significados, produzida por um emissor e captada por parte ou por toda a sociedade (receptor), ela desenvolve manifestações sociais que, por sua vez, têm origens nas opiniões individuais. Baseados nesta análise da opinião pública e nos demais estudo a respeito da influência de *Os Sertões* nas obras contemporâneas e na sua existência enquanto fundação, bem como no esquema “Sistema da Opinião Pública” de Vitalino Rovicatti (Côrrea, 1988, p. 37), propomos um novo esquema, abalizado na obra euclidiana, sobre perspectiva nacional:



Os fatores políticos, psicológicos, sociais, culturais e biológicos⁹ influenciam diretamente o juízo de opinião, como também os meios de comunicação, na ação de desenvolver uma opinião pública matriz. Trazendo de volta a análise euclidiana, a partir da qual foi pensado o esquema acima sugerido, esta opinião pública matriz formada durante a guerra de Canudos, pelo jornal, e difundida oralmente, pode ser resumida no enunciado: “*A República estava em perigo: era preciso salvar a República*”. Os fatos da atualidade, que são também fatos extratextuais¹⁰, passam de vagos comentários populares, para *inabalável certeza*, intensificados por burburinhos na Rua do Ouvidor, que são ativados por uma forte carga

⁹ Esses fatores foram retirados da III parte de *Os Sertões*, especificamente da narração sobre a expedição Moreira César, quando Euclides denuncia a formação de uma opinião pública matriz sobre o heroísmo daquele coronel.

emotiva. A opinião pública enunciante (receptor), ou levanta a dúvida e cria o debate – relações de assimetria – ou aceita o enunciado, o que gera desordem e crise, por força da expropriação da opinião – relações de simetria. Encontramos sempre nos meios de comunicação: “a opinião pública deseja que se tome tal atitude”, “a opinião pública acordou estarecida”, “a opinião pública americana espera uma resposta”. Quanto à guerra de Canudos, após a derrota da III Expedição, a opinião pública, em simetria com o enunciado, exigiu um desenlace, como o disse Euclides, o que desencadeou uma posterior crise de opinião.

Uma vez que a opinião nacional tem origem primeira em opiniões individuais, Euclides apresenta o indivíduo inserido no contexto de um *nativismo extemporâneo*; isolado e neutral. Já a sociedade, em espaços temporários, como as caatingas, ou a Rua do Ouvidor – o espaço dimensional (geográfico; físico) transforma-se em não dimensional (histórico; cultural), refletindo relações que autorizam a formação de uma prática comunicativa nacional; bem como grupos distintos: “vencedores e vencidos”. A nação, contrária à *gravidade dos fatos*, está vinculada a uma comoção, uma paixão coletiva, acreditada como um tipo de “epidemia vesânica”. O resultado de todo este processo é a formação de um juízo de opinião pública, que implicará em uma atitude ou comportamento.

Esclarecendo melhor algumas partes do esquema, é válido ressaltar que os líderes e grupos de pressão são responsáveis por levar a simetria ou assimetria entre o enunciado e o enunciante. A crise só acontece quando há simetria, expropriação, ao passo que as relações de assimetria levantam a dúvida, o que gera o debate, e, por isso, a opinião fica latente. Enfim, quando há desordem, há simetria, e quando há ordem, assimetria.

O autor de *Os Sertões* revela relações de simetria na guerra de Canudos, que nós podemos analisar através dos fatores (políticos, sociais, biológicos...) determinantes para a formação da opinião pública matriz: a criação de revoltosos durante o governo de Floriano Peixoto, o fato de Prudente de Moraes não ter a base de uma opinião pública organizada, o clima de desordem que pairava nos fins do século XIX, e a própria “predisposição biológica para a desordem”, segundo Euclides, faziam com que a opinião pública oscilasse e ficasse vulnerável a qualquer tipo de manipulação.

A mistificação (cultural), expropriação (psicossocial) e exploração (social) da opinião, geradas em relações de simetria, são respectivamente ligadas à coerência, relevância e centramento, e onipresença. Para que se entenda melhor a simetria ou assimetria na relação

¹⁰ Os fatos extratextuais, como parte das condições de produção de um discurso, permitem inserir *Os Sertões* na história, como obra de fundação.

entre opinião pública matriz (enunciado) e opinião pública enunciante, podemos trabalhar com aqueles conceitos num tipo de **gramática de reconhecimento e adesão**, sugerida para que se entenda condições de produção:

1-Coesão: lógica narrativa; lógica das ações.

2-Coerência: lógica textual simbólica; literariedade. Verossimilhança

3-Onipresença: presença do acontecimento nos meios de comunicação;

4- Relevância: relevo; importância dada.

5-Centramento: acontecimentos reunidos em um “centro”; exemplo: Rua do Ouvidor/ Caatinga.

Para que haja simetria ou assimetria completas, é necessário o acionamento de todas as etapas da gramática de adesão. Mas pode haver a combinação de apenas algumas etapas (coesão e centramento/onipresença e relevância), o que serve para instaurar graus de diferenciamento no desenrolar do processo de formação da opinião, nos níveis de adesão dos enunciadores para com o enunciado matriz.

Examinando alguns fatos da atualidade, podemos analisar o processo de simetria que se instaurou entre a opinião enunciante nos Estados Unidos, pedindo uma revanche aos ataques terroristas que vitimaram milhares de pessoas, em 11 de setembro de 2001, e os enunciados-matrizes: “Justiça divina”, “o bem contra o mal”, “o mundo, o ocidente ou a democracia estão em perigo”. Como em Canudos, em que a opinião nacional pediu um desenlace, após a morte de Moreira César, os enunciadores estado-unidenses levaram os aliados ocidentais a apoiar os ataques ao Afeganistão, a despeito das opiniões contrárias que anunciavam que este último país ganharia de novo uma guerra contra uma potência.

Observamos, enfim, que a guerra de Canudos, nos últimos meses de 1897, foi coberta pela imprensa, que deu grande importância ao acontecimento, foi conhecida por todos os cidadãos que, isolados num país tão vasto, buscavam informações sobre “um canto” do sertão nordestino, e foi centralizada em duas regiões distintas: a Caatinga e a Rua do Ouvidor. De outra forma, Euclides da Cunha apresentou a coesão, a coerência, a onipresença, a relevância e o centramento com que foi tratada esta guerra, que juntamente com outros fatos extratextuais, permitiram que Canudos entrasse para a história, e tornasse *Os Sertões*, uma fundação.

Pensando em todos os aspectos estudados sobre a manipulação da opinião, a procura por uma unidade nacional, as questões sobre simetria e assimetria, e principalmente o Esquema de Opinião Pública apresentado, não é difícil entender os motivos que levaram

a nação a ensejar com tanto afinco o embate contra Canudos, o que acabou resultando numa guerra fratricida e numa posterior crise de opinião. Se a República, propagada como heroína da época, estava em perigo, era preciso, era necessário, era mister que a Rua do Ouvidor, representação euclidiana da nação e imprensa, atacasse com todas as armas o seu maior inimigo, que representava a diferença e o passado retrógrado e pobre: as Caatingas.

Vejamos como os fenômenos extratextuais merecem, de acordo com a concepção de *fundação* de Verón, o nome de condição de produção, quando deixam traços nos discursos e germinam relações de textualidade. A forma de um processo de fundação é a de um tecido textual sem a unidade de um acontecimento, pois os fenômenos extratextuais formam um processo histórico, sem a unidade de um lugar e de um tempo. Assim, uma *fundação* é um processo particular de transformação dos fatos. É igualmente um sistema de relações entre discursos diferenciados, que se desenrolam na História, e que podem engendrar um sistema de interpretação entre fatos semelhantes ou dessemelhantes em outros tempos e espaços.

As ações da comunicação foram demonstradas neste trabalho, e nas obras de Llosa e de Euclides, principalmente através dos *homens-palavra* que, nos dois livros evidenciam a passagem do jornalismo para a literatura, onde a escrita literária é a garantia de uma memória, não permitida pelo jornal que noticia acontecimentos, mas não dá a eles o poder e a marca histórica, como acontece por meio da literatura. Ainda comprovamos, através da análise das duas obras, as conjunções entre ponto de vista e formação da opinião, mostrando como esta é formada, a atuação dos media e dos escritores, com seus pontos de vista. Enfim, desse ciclo, que instala o paradigma discursivo como fonte de construção da visibilidade e da dizibilidade das contradições nacionais, bem como da determinação dos pilares identitários, depreendem-se verdadeiras teorias da comunicação e da opinião pública nacionais.

Algumas conclusões

A primeira conclusão destas páginas é a de que *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, pode ser considerado uma obra de fundação, uma vez que fenômenos extratextuais fazem parte das suas condições de produção, e por ser o texto de referência de um conjunto de obras posteriores que, num constante processo de intertextualidade, fazem diversas releituras do livro considerado “o maior fenômeno cultural da nossa história” (A Tarde, 27-07-2001). As obras do ciclo temático canudiano, com discursos sobre a nossa nacionalidade, nossas

identidades e origens, revisam e analisam reflexões sobre a constituição de um público nacional, sobre a formação de heróis e lideranças, e sobre a crise de opinião vinculada à ação dos meios de comunicação em época de crise política – temas presentes na obra fundadora deste ciclo, *Os Sertões* – comprovando a influência e a permanência euclidiana nelas.

Podemos, ainda, afirmar que o ciclo temático canadiano dá margem à construção de uma matriz teórica que, não apenas serve para a averiguação de práticas sócio-históricas brasileiras, em várias épocas, mas sobretudo para a análise do funcionamento da comunicação e da formação da opinião pública no Brasil Moderno. Assim, este estudo, que teve por base duas obras do ciclo canadiano, contribui para o avanço de pesquisas na área da comunicação, bem como para a elaboração de uma teoria da comunicação e da opinião pública, com bases nacionais.

Por tudo o que foi exposto sobre o ciclo literário que surgiu a partir da obra euclidiana, pelas relações enciclopédicas permitidas por ela, e pelas teorias de comunicação que dela podemos extrair, comprovamos a importância de *Os Sertões*, que praticamente guiou a cultura brasileira do século XX, e que ainda hoje, após cem anos, continua vivo na memória e na cultura do país. Assim, retomamos a afirmação de Carlos Heitor Cony, segundo o qual, *Os Sertões* é “o livro mais importante da cultura contemporânea” (*A Tarde*, 27-07-2001). O que seria apenas uma notícia sobre um acontecimento, transformou-se em uma interpretação do país, da sua gente e do próprio fenômeno. A descrição dos detalhes da região e de sua cultura, comparada com o fato histórico presenciado e analisado, tem dimensão de uma cena de perspectiva universal.

Finalizando, é válido trazer toda a teoria aqui estudada para o Brasil contemporâneo, para que se questione e se reflita quais foram as mudanças verdadeiramente alcançadas após um século de história. Em *Os Sertões*, quando Euclides denuncia a insciência da *Rua do Ouvidor*, alimentada pelos jornais, em desejar a derrota das *caatingas*, o autor alerta:

“Não vimos o traço superior do acontecimento. Aquele afluente originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmo-las, corrigimo-las ou anularmo-las. Não entendemos a lição eloqüente” (Cunha, 1968, p. 274).

Será que cem anos depois, o “povo heróico” cujo “brado é retumbante” já entendeu a lição eloqüente? A nação já se conhece suficientemente e as atuais *Ruas do ouvidor* estão integradas às *caatingas*, sem que uma seja jogada contra a outra? E os meios de comunicação? Estes, durante os últimos cem anos de progresso e desenvolvimento, com certeza obtiveram

transformações. Mas, e quanto ao mito da neutralidade e imparcialidade da imprensa? Estas são questões que podemos fazer a partir da leitura tanto de *Os Sertões* quanto de *A Guerra do Fim do Mundo* e que o brasileiro não deve deixar adormecer, e sim, possibilitar à verdadeira opinião pública fazer uso, através do levantamento da dúvida e do debate, do poder que todos dizem que ela possui.

Referências Bibliográficas

Informações adquiridas em meio eletrônico:

BARRETO, José Carlos. *Metáforas Geológicas*. Disponível em: www.portfolium.com.br

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta. *Nossa Vendéia I e II*. Disponível: www.portfolium.com.br

Artigos em revistas:

AVIGHI, Carlos Marcos. O sertão brasileiro e o cenário mundial no jornalismo de Euclides da Cunha. Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. XVI, n. 2, p. 144-153, jul-dez 1993.

CAMPBELL, Zélia Roelofse. Antonio Conselheiro reabilitado através da imaginação. Revista Canudos / UNEB – CEEC, Salvador, v.4, n.1/2, p. 30-46, dezembro 2000.

GUTIERREZ, Angela. Notícias sobre cem anos de ficção canadiana. Revista Canudos / UNEB – CEEC, Salvador, v.1, n.1, p. 09 - 21, julho 1997.

LIMA, Lidiane, SOARES, Heloiza, ALENCAR, Ive. Teorias da Comunicação e da opinião pública nacional nas obras literárias do ciclo canadiano. Revista Canudos / UNEB – CEEC, Salvador, v.5, n.1/1, p. 207-224, junho 2001.

SOUZA, Licia S. Canudos e o Rei do Gado: ecos da intertextualidade. Revista Canudos/ UNEB – CEEC, Salvador, v. 2, n. 2, p. 14-32, julho 1997.

Artigos em jornal:

CONY, Carlos H. Celso Furtado revisita Euclides da Cunha. A Tarde, Salvador, 27 julho. 2001. Caderno 1.

MARINHO, Josaphat. *O perene e o efêmero*. A Tarde, Salvador, 9 jan. 2001. Caderno 1, p. 8.

Obras críticas e teóricas:

ALBUQUERQUE JR., Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras Artes*. S. Paulo: Cortez, 1999.

BASTOS, José Augusto Cabral Barretto. *Incompreensível e bárbaro inimigo: a guerra simbólica contra Canudos*. Salvador: Ed. Ufba, 1995.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião: o novo jogo político*/ Patrick Champagne; tradução de Guilherma João de Freitas Teixeira. – Petrópolis. RJ: Vozes, 1996.

CÔRREA, Tupã Gomes. *Contato Imediato com a opinião pública: os bastidores da ação política*. São Paulo: Global, 1988.

CUNHA, Euclides Rodrigues Pimenta da, *Canudos (Diário de uma expedição)* com introdução de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

CUNHA, Euclides da. 1902, *Os Sertões: Campanha de Canudos*, Rio de Janeiro: F. Alves, 1968 GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora. A guerra de Canudos nos jornais*. 4a. Expedição. São Paulo: Ática, 1977.

JOZEF, Bella. *Romance Hispano-Americano*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

LLOSA, Mario Vargas. 1981, *A Guerra do Fim do Mundo*. Rio de Janeiro: Lv. Francisco Alves Ed., 1987.

MATTELART, Armand. *Comunicação – mundo: história das idéias e das estratégias*: Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

PIRES, Orlando, 1922. *Manual de Teoria e Técnica literária*. Rio de Janeiro, 1981.

SOUZA, Licia S., *Memória e Identidade na Formação de uma Opinião Pública Nacional em Os Sertões*. In: *Identidade e representações na cultura brasileira*. João Pessoa: Idéia, 2001.

VERÓN, Eliseo, *Fundações*. In: *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São paulo, 1980, p. 97-172.

VIA, Sarah Chucidida. *Opinião Pública: Técnicas de formação e problemas de controle*. São Paulo: Ed. Loyola, 1983.

Poesia e reconstrução no percurso discursivo de *Os Sertões*

Léa Costa Santana Dias

Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural na Universidade Estadual de Feira de Santana, sob orientação dos professores Drs. Rubens Edson Alves Pereira e José Carlos Barreto de Santana.

RESUMO

Desde a publicação em 1902 até os nossos dias, *Os sertões* tem servido de tema para discussões, tanto entre historiadores, geólogos, sociólogos, geógrafos, etc., quanto entre literatos. Entre esses últimos, há inúmeras controvérsias, que podem ser entendidas como uma amostragem dos impasses a que são submetidos os estudiosos das diferentes áreas. O crítico literário Afrânio Coutinho¹ considera o livro como “uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa, da família de *A guerra e a paz*, da *Canção de Rolando* e cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*.” Luiz Costa Lima², adotando outra postura, entende-o como obra de ciência e afirma que o literário em Euclides é apenas um “ornamento embelezador ou ressaltante de verdades cientificamente dispostas.” Entre os dois extremos está a maior parte dos críticos, que preferem entendê-lo como um texto de múltiplas inserções, no qual Euclides põe em prática o princípio norteador de sua escrita: o consórcio entre Ciência e Arte. Considerando-se essa última hipótese como a mais adequada para se tentar compreender o percurso discursivo de *Os sertões*, este texto pretende pôr em discussão a idéia do consórcio (que já era parte integrante do pensamento de Euclides antes da escrita de *Os sertões*, e continuou a orientar textos posteriores, sobretudo os escritos amazônicos), evidenciando o caráter inovador de Euclides, em sua aptidão para lidar com a mutualidade de influxos entre discursos aparentemente contraditórios (o literário, o científico e o histórico).

¹ Afrânio COUTINHO. “Os sertões”, obra de ficção. In: Euclides da CUNHA. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. vol. 2, p. 61.

² Luiz Costa LIMA. *Terra ignota: a construção de “Os sertões”*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 204.

Abstract

Since 1902 publication until nowadays, “Os sertões” has been used as a subject to discussions among historians, geologists, sociologists, geographers, as well as writers among others.

Among the later, there are many controversies, that might be understood as a sample of the obstacles that scholars from different areas undergo. The literary critic Afrânio Coutinho ¹ considers the book as a “fiction work, a heroic narrative, a heroic poem in prose”, of the family of “A Guerra e a Paz”, in “Canção de Rolando” which

most illustrious work is the “Ilíada”. Luiz Costa Lima,² assuming another stand, he sees the book as a scientific work and he stands that the literary in Euclides da Cunha, is only a “delightful decoration” or an expressive scientific displayed truth.

Between the two extremes we find most part of the critics, that prefer to understand the book as a text of multiple interactions, in which Euclides put into practice the main principle of his writing: the association between Science and Art. Considering this last hypothesis as the most appropriate to try and understand the discursive path of “Os Sertões”, this text intends to put into discussion the association idea (between Science and Art) – that was already part of Euclides’s thought before the writing of “Os Sertões”, and that guides later texts, especially the amazonic writings, putting into evidence Euclides’s innovative style, in his ability to deal with the mutuality of influences among apparently contradictory speeches (the literary, the scientific and the historic).

¹Coutinho, Afrânio. “Os Sertões”, fiction work. In: Euclides da CUNHA. Obras Completas, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. volume 2, page 61.

² Lima, Luiz Costa. Terra Ignota: A construção de “Os Sertões”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. page 204.

Desde a publicação em 1902 até nossos dias, *Os sertões* tem servido de tema para discussões entre historiadores, geólogos, sociólogos, geógrafos, antropólogos, etnógrafos, estudiosos da literatura, etc.. No campo literário, há inúmeras controvérsias sobre a natureza da obra, que podem ser entendidas como uma amostragem dos impasses a que são submetidos os estudiosos das diferentes áreas.

O crítico Afrânio Coutinho considera o livro como “uma obra de ficção, uma narrativa heróica, uma epopéia em prosa, da família de *A guerra e a paz*, da *Canção de Rolando* e cujo antepassado mais ilustre é a *Iliada*” (Coutinho, 1952/1995: 61). Adotando outra postura, o teórico Luiz Costa Lima entende-o como obra de ciência e afirma que o literário em Euclides é apenas um “ornamento embelezador ou ressaltante de verdades cientificamente dispostas” (Lima, 1997: 204). Entre os dois extremos está a maior parte dos críticos, que preferem entendê-lo como um texto de múltiplas inserções, caracterizado pelo consórcio entre Ciência e Arte. Nessa linha, insere-se José Veríssimo que, em 03 de dezembro de 1902, um dia após o lançamento de *Os sertões*, publica no *Correio da Manhã* uma crítica favorável, afirmando que

o livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contato com o homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d’alma, comovido até às lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as secas que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a Campanha de Canudos (Veríssimo, 1904: 22-3).

Apesar de ter feito essa declaração sob o impacto de uma leitura rápida e superficial, Veríssimo revela sensibilidade para apreender o que, de fato, Euclides se propunha com *Os sertões*, a nível estético: estabelecer, num só texto, a confluência de discursos aparentemente opostos.

No entanto, mesmo reconhecendo o talento de Euclides para o manejo das antinomias, o crítico faz uma ressalva ao texto, condenando-o pela presença de termos técnicos, arcaísmos, expressões obsoletas ou raras, neologismos e infrações à língua e à gramática, responsáveis pela falta de simplicidade na linguagem, considerada como defeito “de quase todos os nossos cientistas que fazem literatura” (p. 23).

Em carta ao crítico, datada de 03 de dezembro de 1902, Euclides agradece o modo como *Os sertões* foram recebidos e aproveita o ensejo para revelar os princípios norteadores de seu projeto de escrita. Discordando do que foi dito quanto ao emprego dos termos técnicos, assegura que eles não trouxeram prejuízo ao texto; pelo contrário, foram recursos plenamente adequados à sua proposta, fundamentada, sobretudo, na idéia de que “o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é (...) a tendência mais elevada do pensamento humano” (Cunha, 1902/1997: 143). Por entender que

o escritor do futuro [seria] forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se [distinguiria] dos estritamente científicos, apenas por uma síntese mais delicada, excluída apenas a aridez característica das análises e das experiências (p. 144),

Euclides reelabora seus textos sobre a guerra – “A nossa Vendéia”³, o *Diário de uma expedição*⁴ e a *Caderneta de campo*⁵ -, retirando-lhes, talvez, a aridez científica, e lapida-os cuidadosamente, através de constantes revisões e reconstruções, até tomarem a forma definitiva, que dá corpo a *Os sertões*.

Com esse texto, conforme lembra Valentim Facioli (1998), Euclides tem a oportunidade de pôr em prática sua concepção estético-científica, que já constituía um traço significativo de sua fisionomia intelectual há pelo menos dez anos antes da publicação de *Os sertões* e continuou a marcar os textos posteriores, sobretudo os escritos amazônicos. Em 08 de maio de 1892, tomando como pretexto o anúncio da publicação dos livros de poemas dos escritores Júlio César da Silva e Ezequiel Ramos Júnior, Euclides publica no jornal *O Estado de São Paulo*, na sessão “Dia a Dia”, um artigo no qual defende a idéia do consórcio, argumentado que “a ciência (...) define na história as épocas sucessivas de elevação humana” e “que é pela arte, de uma maneira geral, que se pode formar a mais pronta, a mais ampla e a mais segura idéia da superioridade afetiva e mental de um povo” (Cunha, 1995: 672). Anos mais tarde, em seus textos sobre a Amazônia, alguns incorporados, posteriormente, aos livros *Contrastes e confrontos* e *À margem da história*, permanece mantida essa mesma concepção em relação ao consórcio entre ciência e arte.

No entanto, ao se utilizar da ciência em sua narração dos eventos da guerra de Canudos, Euclides não se transforma num simples repetidor de fórmulas, que transformariam sua obra

³ Artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, nos dias 14 de março e 17 de julho de 1897, nos quais Euclides compara a Guerra de Canudos com a sublevação religioso-monarquista ocorrida na região da Vendéia, na França, em 1793.

⁴ Reportagens sobre a guerra publicadas n' *O Estado de São Paulo*.

⁵ Anotações sobre a guerra, publicadas em livro após a morte do autor.

num árido romance de teses científicas. Diante da impossibilidade de explicar o fato por meio de um discurso unilateral, o escritor recorre à arte, utilizando “a fantasia” como um meio de insurgência “contra a gravidade da ciência” (Cunha, 1996: 35). Então, escrevendo a partir dessa perspectiva, Euclides funde

consciência crítica e exercício do conhecimento, ao contrário dos acadêmicos posteriores à Belle Époque, que em geral faziam da literatura um mero jogo de estilos, cristalizado em clichês que consagravam a convenção” (Prado, 1993: 26)

e reconstrói a própria idéia de consórcio entre ciência e arte, revelando certos aspectos do evento, silenciados em seus textos jornalísticos.

Através dessa escrita voraz, Euclides rejeita “a história fria, hirta, sem sangue e sem nervos dos relatos impotentes” (Andrade, 1966: 315) e faz a sua própria história, enfocando uma região do país sempre mantida à margem, separada da “civilização” há, pelo menos, três séculos. Inferindo que “a História não iria até ali” (Cunha, 1996: 273), Euclides reconstrói toda uma tradição historiográfica, trazendo ao centro das atenções a “tapera miserável, fora dos nossos mapas, perdida no deserto, [que aparecia], indecifrável, como uma página truncada e sem número das nossas tradições”, tornando patente aos olhos do país que, diante da “charqueada” ocorrida no sertão, os “civilizados” pouco se avantajavam aos “rudes patricios retardatários” (p. 176): se os conselheiristas possuíam seus rosários e medalhas e prosseguiam, em sua resignação estóica, em busca das delícias do Paraíso; os republicanos “tinham todos, sem excetuar um único, colgada ao peito esquerdo, em medalhas de bronze, a efigie do marechal Floriano Peixoto” (p. 224) e lutavam até à morte, saudando a memória de seu herói e líder, “com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática, com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro” (p. 224-5).

Desse modo, o homem de ciências se afasta da *verdade científica* e se aproxima da *veracidade artística*, contradizendo-se, de certo modo, com o posicionamento assumido em sua carta a Veríssimo (Santana, 2001: 111), na qual se diz “convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta” (Cunha, 1902/1997: 144). Só assim tornou-se possível o resgate definitivo da história: destruída pelo fogo em 1897 e, posteriormente, inundada pelas águas do Cocorobó, Canudos ganhou, com *Os sertões*, o direito de emergir das cinzas e dar testemunho de sua existência.

Nesse processo de reconstrução, o narrador articula “um número imenso de vozes estranhas umas às outras, [e], emitindo uma discussão de idéias muitas vezes contraditórias”

(Galvão, 1994: 630), torna a síntese impossível, fazendo das contradições “a verdade do livro” (p. 631). Por meio delas, “as idéias vão e voltam, o argumento que se expõe num dado passo é seguido de seu contrário, logo depois ou centenas de páginas adiante” (p. 631). É assim que, em determinado momento do livro, Euclides admite a supremacia da raça branca sobre as demais e aponta os prejuízos do cruzamento entre os povos, enfatizando que “a mestiçagem extremada é um retrocesso” e que “o mestiço – traço de união entre as raças (...) – é, quase sempre, um desequilibrado” (Cunha, 1996: 61). E logo em seguida, apoiando-se no poder transformador da civilização, faz algumas ressalvas, dizendo que o sertanejo

é um retrógrado; não é um degenerado. Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo (p. 63).

Utilizando-se da *tese do insulamento* como uma justificativa científica, Euclides retira o sertanejo da condição de degenerado, a que estaria estigmatizado pelo fato de ser um mestiço, e *eleva-o* à categoria de retrógrado, pronto a ser incorporado à civilização. Segundo o autor, longe da influência do litoral, o sertanejo teria sofrido a influência de poucas misturas e, portanto, não poderia ter “o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (p. 64). Sendo assim, não se teria degenerado pela “cultura de empréstimo” (p. 63), nem teria sofrido as agruras de uma “adaptação penosíssima a um estádio social superior”, que, inevitavelmente, o teria levado a descambar “para as aberrações e vícios dos meios adiantados” (p. 63). Visto a partir desse prisma, é que o sertanejo poderia deixar de ser entendido como um ser “desgracioso, desengonçado, torto”, para ser considerado, “antes de tudo, um forte” (p. 64).

Em outro momento do texto, o narrador afirma que “não temos unidade de raça” (p. 42) e, páginas adiante, assegura que o sertanejo é “o cerne de uma nacionalidade”, “a rocha viva da nossa raça” (p. 285). Quando contestado por tal “contradição” por Moreira Guimarães, seu ex-colega na Escola Militar, Euclides se defende da crítica, construindo uma elaborada metáfora envolvendo o granito (Santana, 2001: 124):

(...) a nossa formação como a do granito surge de três elementos principais. Entretanto quem ascende por um cerro granítico encontra os mais diversos elementos: aqui a argila pura, do feldspato decomposto, variamente colorida; além a mica fracionada, rebrilhando escassamente sobre o chão; adiante a arena friável, do quartzo triturado; mais longe o bloco *moutonné*, de aparência errática; e por toda a banda a mistura desses mesmos elementos com a adição de outros,

adventícios, formando o incaracterístico solo arável, altamente complexo. Ao fundo, porém, removida a camada superficial, está o núcleo compacto e rijo da pedra (...) (...) Ora o nosso caso é idêntico – desde que sigamos das cidades do litoral para os vilarejos do sertão.

A princípio uma dispersão estonteadora de atributos, que vão de todas as nuances da cor a todos os aspectos do caráter: Não há distinguir-se o brasileiro no intricado misto de brancos, negros e mulatos de todos os sangues e de todos os matizes (...). Mas entranhando-nos na terra vemos os primeiros grupos fixos – o *caipira*, no Sul, e o *tabaréu*, ao Norte – onde já se tornam raros o branco, o negro e o índio puros. A mestiçagem generalizada produz, entretanto, ainda todas as variedades das dosagens díspares do cruzamento. Mas à medida que prosseguimos estas últimas se atenuam.

Vai-se notando maior uniformidade de caracteres físicos e morais. Por fim, a rocha viva – o sertanejo (Cunha, 2001: 506-7).

Todas essas antíteses, paradoxos e oscilações que permeiam o texto representam, “no seu movimento de vaivém, a impossibilidade da inteligência brasileira de entender o fenômeno e de tomar um e um só partido” (Galvão, 1994: 631). O “pensamento oximorótico”, que “não sóorna como expressa a dificuldade real de alcançar uma síntese entre doutrinas contraditórias” (p. 630) é a solução encontrada por Euclides para enquadrar num só texto a complexidade do universo sertanejo. As vozes com as quais dialoga estão a serviço de sua alma de escritor, sempre pronta para fazer revisões constantes, tanto científicas, quanto históricas, em meio às inúmeras contradições do seu discurso.

Apesar de ser um intelectual “envolvido com membros da comunidade científica” e de sempre se ter identificado “como integrante dessa comunidade” (Santana, 2001: 97), Euclides jamais fez *reproduções* de conceitos científicos. Logo no primeiro parágrafo de *Os sertões*, buscando a melhor forma de introdução/expressão do fato a ser narrado, faz uma construção inusitada, afirmando que

o planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior (Cunha, 1996: 9).

José Carlos Barreto de Santana, analisando esse “erro geográfico”, enfatiza que como “o escritor estava a par dos trabalhos que traziam à baila as questões relacionadas com a classificação do planalto brasileiro” (Santana, 2001: 106), não poderia ter cometido tal erro e se, por algum descuido, o tivesse cometido, provavelmente o teria corrigido posteriormente, já que “a preocupação com a correção das edições de *Os sertões* é um dos traços sempre lembrado” de sua personalidade (p. 108). Segundo o estudioso, “Euclides da Cunha, conhecendo (...) trabalhos (...) [que] tratam de questões do planalto brasileiro, e utilizando-os como fonte, (...) e, ainda assim, [nominando] de ‘planalto central’ a unidade que descreve” (p. 108), o faz porque era sua intenção “fundar uma geografia e uma paisagem, baseadas inicialmente no diálogo com os textos preexistentes, que ganham caráter de testemunho do que era conhecido” (p. 109). Essa geografia e paisagem reinventadas, que guardam em si “estreita correspondência com o que será encontrado ao longo do livro, ainda que seja necessário, para isso, criar um conceito que revela ‘sentidos insuspeitados’ (p. 109)”, são os dois pilares nos quais Euclides se apóia para iniciar seu texto “com a descrição de uma região que é conhecida e estudada pela ciência, com as suas terras propícias à vida” (p. 109), e, em seguida, deter-se sobre “um hiato, excepcional e selvagem” (p. 109), “em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras” (Cunha, 1996: 13) e, diante do qual, qualquer observador “estaca surpreendido” (p. 13).

Centrando-se nessa terra ignota “cujas agruras” “nenhum pioneiro da ciência” as suportou em tempo suficiente para a definir, nesse sertão cujas veredas foram trilhadas por cientistas que o percorreram “ferretoados da canícula”, fazendo dele um trecho “sempre evitado” e “desconhecido” (p. 22), Euclides funda uma metáfora que funde três belas imagens - “a do ambiente (a linha se fecha numa cercadura de montanhas); a do grafismo (um parêntese, um hiato); a do recuo ao tempo edênico” (Holanda, 1992: 68): “Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese; era um hiato; era um vácuo. Não existia. Transporte aquele cordão de serras, ninguém mais pecava” (Cunha: 1996, 273). Estendendo essa metáfora ao homem, entendido como um ser amalgamado à terra e, portanto, também participante da natureza do vácuo, do não lugar, da não existência, Euclides se reveste do caráter de um *desbravador* da terra e do homem sertanejos e transforma *Os sertões* num verdadeiro tratado de revelação do Brasil, através do qual é apresentada aos brasileiros a existência de um país dividido, formado por dois brasis antagônicos – um centrado na hegemonia dos proprietários rurais de São Paulo e de Minas Gerais; e outro, marginalizado, sem condições de competir em capitais e mão-de-obra com as regiões detentoras do poder político e econômico.

Visando a enfatizar esses conflitos que se desencadeiam no interior do país é que, desde as linhas iniciais do livro, Euclides faz desconstruções científicas. José Carlos Barreto de Santana, desconsiderando a hipótese de um erro de classificação cometido por Euclides, entende que o escritor prefere denominar o espaço que descreve de planalto central para enfatizar a inter-relação entre a terra e o homem, tonando notório que

a natureza prefigura então o embate entre o poder central e os sertanejos. E, assim como não caberia falar que o Brasil lutava contra Canudos, não poderia ser outro que não o central, o planalto que descamba sobre a *terra ignota*, por mais que isto viesse a soar como um “erro geográfico” (Santana, 2001: 109).

Com todos esses desvios conceituais, o “rigor incoercível da verdade” (Cunha, 2001: 510) pretendido por Euclides, de certo modo, é posto em segundo plano, e a mímese representativa, fundada em princípios poiéticos, assume o domínio textual de forma tão plena “que passa a adquirir importância (...) não (...) propriamente o que se narra mas como se narra” (Bernucci, 1995: 107). Talhando o texto como um poema, reinventando imagens, aprimorando e limando frases e, por fim, numa espécie de remissão simbólica ao “verso de ouro parnasiano”, encerrando-o com a frase síntese de sua revisão de valores: “É que ainda não existe um Maudsley⁶ para as loucuras e os crimes das nacionalidades” (Cunha, 1996: 293), Euclides fecha o círculo das dúvidas e indagações do homem positivista, confessando sua *incapacidade* para expressar-se “com a só fragilidade da palavra humana” (p. 292). A ciência, convidada a dizer a última palavra, torna-se frágil e emudece: apesar de importantes para a análise e a interpretação do *mundo novo* representado por Canudos, todos os saberes que se interpenetram no livro são postos em xeque e o leitor é conduzido às metáforas, símbolos, silêncios e sugestões de leituras não feitas e de palavras não ditas.

Referências bibliográficas

⁶ Henry Maudsley (1835-1918) é um médico alienista inglês, professor de Medicina Legal em Londres e autor de várias obras, entre elas O crime e a loucura - bastante conhecida.

- ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de "Os sertões"*. São Paulo: Edart, 1966. 383p.
- BERNUCCI, Leopoldo. Os avatares do Naturalismo. In: Id. *A imitação dos sentidos*; prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo: EDUSP, 1995. 99-109.
- COUTINHO, Afrânio. "Os sertões", obra de ficção. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Afrânio Coutinho (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. vol. 2, p. 61-6.
- CUNHA, Euclides da. Correspondência (1890-1909). In: GALVÃO, Walnice Nogueira, GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EdUSP, 1997. 456p.
- CUNHA, Euclides da. Dia a Dia. Crônica. In: Id. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. vol. 1, p. 671-3.
- CUNHA, Euclides da. Notas à segunda edição. *Os sertões*. 2. ed., São Paulo: Ática, 2001. p. 501-10. (Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão).
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 19.ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 297p.
- FACIOLI, Valentim. Euclides da Cunha: consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio). In: BRAIT, Beth (org.). *O sertão e os sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998, p. 35-59.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides da Cunha. In: PIZARRO, Ana. (org.). *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994, v. 2, p. 615-33.
- HOLANDA, Lourival. O labirinto de entre as letras. In: Id. *Canudos – fato e fábula (uma leitura d'Os sertões de Euclides da Cunha)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, 1992. p. 60-76. (Tese de Doutorado).
- LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota; a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 304 p.
- PRADO, Antônio Arnoni. Ficção e verdade n'Os sertões. In: *Remate de males*. Campinas: Departamento de teoria literária – IEL / UNICAMP, n. 13, p. 25-9, 1993.
- SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo/Feira de Santana: HUCITEC/Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001. 214p.
- VERÍSSIMO, José. Uma história dos sertões e da Campanha de Canudos. In: *Juízos Críticos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. p. 22-32.

OS SERTÕES, O OLHAR ESTRANGEIRO E A “MIRADA ESTRÁBICA”

Angela Gutiérrez

Prof^a Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez;
Professora do Departamento de Literatura da UFC;

RESUMO

Considerando notório o fascínio que a obra *Os sertões* exerce sobre leitores estrangeiros, a autora tece breves reflexões sobre as possíveis motivações do fenômeno, além das qualidades literárias e históricas do texto. Encontra uma principal motivação na identificação desse leitor com o olhar ‘de fora’ do narrador euclidiano, representado pelo recurso à literatura de viajante, especialmente na primeira parte, pelo uso de figuras de palavra que partam do conhecido – cultura ocidental – para o desconhecido – cultura sertaneja, pelas citações de autores estrangeiros e pela incorporação de suas teorias a seu modelo de exame da terra, do homem e da luta do sertão. Salienta a especial identificação do leitor latino-americano pela antinomia civilização x barbárie presente na velha mas ainda não resolvida questão da nacionalidade.

Abstract

Considering remarkable the enchantment that the work “Os Sertões” holds on foreign readers, the author builds brief thoughts about the possible motivations of the phenomenon, besides the literary texts and historical qualities. The author finds a main motivation in the identification of this reader with the Euclidian’s” narrator’s look from the ‘outside’, represented by the use of the traveler’s literature, specially in the first part, by using figurative words that come from already known culture of “Os Sertões”, represented by quotations of foreigner authors and by the incorporation of his theories to his examination style of the land, the man and the “Sertão’s” fight. The author puts into evidence the special identification of the Latin-merican reader contrasting the barbarian and versus non civilization present in the old, but not yet solved subject of nationality.

No alvorecer do século XXI, surge a versão brasileira de um livro de ficção, *Veredicto em Canudos*¹, do húngaro Sándor Márai. Escrito no final dos anos 60 pelo escritor exilado, publicado originalmente em 70, no Canadá, o romance chega às mãos do leitor brasileiro no ano em que o livro-cânone sobre Canudos completa cem anos: *Os sertões*.

O aparecimento do romance suscita uma importante questão, exaustivamente formulada nos anos 80, quando foi publicado outro romance sobre Canudos, *A guerra do fim do mundo*², do peruano Mario Vargas Llosa: por que a leitura de *Os sertões* incita estrangeiros a escrever sobre Canudos?

É notório o fascínio que a obra maior de Euclides da Cunha exerce sobre estrangeiros, sejam romancistas ou poetas, sejam historiadores ou sociólogos, sejam tradutores ou ensaístas literários, o que se patenteia na volumosa bibliografia sobre o tema publicada fora do país e nas numerosas traduções de *Os sertões*. À atração exercida pelas qualidades intrínsecas da obra como monumento literário, especialmente em sua estrutura narrativa, ou como documento do modo de pensar a história em um dado momento da formação intelectual brasileira ou, ainda, pelo emocionante tema histórico que examina, acredito que se soma, para a explicação desse fascínio, a empatia, ou a cumplicidade, provocada pelo olhar estrangeiro que o narrador de *Os sertões* lança sobre seu próprio objeto de estudo.

Nos romances de Vargas Llosa e Sándor Márai, embora a visão histórica dos acontecimentos se diferencie dos parâmetros de Euclides, a herança de *Os sertões* continua perceptível, seja através do modelo temático e narrativo do texto euclidiano ou de referências implícitas ou explícitas ao livro. Como acontece com o escritor Vargas Llosa, a leitura de *Os sertões* instiga Sándor Márai à escrita. “Como se existisse alguma coisa que tivesse de ser dita”, explica o escritor húngaro em nota a seu romance. Os dois escritores, no entanto, seguem rumos diferentes em suas narrativas que recontam Canudos.

O romancista peruano, depois do deslumbramento com a leitura do clássico euclidiano, flaubertianamente pesquisa sobre o episódio, lendo tudo ou quase tudo que se escrevera sobre o tema, sob orientação de Mestre Calasans, e vem ao Brasil para conhecer de perto o sertão e os sertanejos, tendo como guia o historiador Renato Ferraz. Escritor que não esconde sua paixão pelo realismo, Vargas Llosa segue, na criação de seu romance canudiano, o credo

¹ MÁRAI, Sándor. *Veredicto em Canudos*. Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

² VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981. (versão brasileira: *A guerra do fim do mundo*. Trad. Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.)

da escola novecentista: documenta-se sobre o assunto e observa a realidade antes de criar o amplo painel totalizante d' *A guerra do fim do mundo*.

O romancista húngaro, já falecido em 89, sentindo-se inquieto com a leitura do clássico euclidiano (que confessa ter lido com dificuldade, em inglês, na tradução de Samuel Putman), decide “escrever sobre o que acreditava ter ficado ‘de fora’ do livro de Euclides”. Não conhecendo o Brasil nem a extensa bibliografia canadiana e euclidiana, sabiamente opta por ficcionalizar apenas um recorte episódico que Euclides não contara: os acontecimentos do final da tarde e início da noite de 5 de outubro de 1897 – a data que marca o fim da guerra de Canudos.

O velho militar Oliver O'Connell, personagem-narrador, conta os fatos porque se sente próximo da morte e sabe que é a única testemunha da cena que muitos viram mas que somente ele, por conhecer o idioma inglês, pôde entender: o improvável diálogo entre o ministro da guerra Marechal Bittencourt e uma prisioneira sobrevivente do arraial. Assim, além de narrar o que viu (especialmente a fantástica cena da cabeça degolada), O'Connell narra o que ouviu: não só o longo diálogo que constitui o cerne do livro, como o insólito banho da prisioneira que antecede o diálogo e os gritos que saúdam o destino final dos prisioneiros. Ao construir a narrativa a partir da voz de O'Connell, filho de irlandês com brasileira de sangue índio, Sándor Márai torna mais verossímil seu olhar estrangeiro.

No romance de Vargas Llosa, o olhar estrangeiro é representado na única escrita em primeira pessoa, a do escocês Galileu Gall, visionário quixotesco que escreve para leitores estranhos à realidade narrada, que não consegue alcançar sua Canudos utópica. Um longo diálogo também perpassa a narrativa vargasllosiana: a conversa entre o Jornalista Míope, caricatura de Euclides, e o Barão de Canabrava, *doublé* ficcional do Barão de Jeremoabo. Os dois diálogos – o do *Veredito* e o da *Guerra* – acontecem entre pessoas da elite intelectual e dão margem aos autores para reflexões filosóficas ou metafísicas sobre a guerra de Canudos ou, simplesmente, sobre a guerra. Nos dois diálogos, defrontam-se personagens cidadãos: de um lado, um cidadão que não entende Canudos, do outro, um cidadão simpatizante do arraial por ter vivido com seu povo. De todo modo, cidadão, o que equivale dizer, alguém que não pertence a Belo Monte. Assim, no eixo dos dois romances, a visão de estrangeiro, embora estrangeiro “tocado” por Canudos, permanece de diversos modos.

Não podemos deixar de relacionar esta visão de estrangeiro àquela do próprio narrador d' *Os sertões*, desde a sub-divisão “A Terra” ao apresentar-se como um viandante que, após longa travessia, depara-se com a paisagem impressionadora dos sertões. Esta atitude

que revela quem vem 'de fora' é mantida em todo o livro, apesar da simpatia que o autor manifesta pelos conselheiristas e da denúncia dos "crimes das nacionalidades".

Saliente, assim, o estatuto da obra como vertente da literatura de viajante, gênero tão a gosto dos leitores estrangeiros, especialmente alemães e franceses, no século XIX. Neste gênero, 'aquele que vem de fora' descreve e narra, com estranhamento, a realidade diferente que vê e sente, daí alcançando uma identificação com o virtual leitor 'de fora' que vê e sente através do olhar do narrador. A essa sensação de identificação do leitor, em busca do conhecimento do novo, mas com a segurança de obtê-lo através do olhar de alguém semelhante, ou seja, de alguém com seus mesmos padrões culturais, acrescento a impressão de verossimilhança própria do relato de quem conta o que viu.

Se a literatura de viajantes no Brasil surge desde os primeiros séculos da colonização - como se dá, também, na América Hispânica -, este gênero assume um novo caráter no decorrer do século XIX. Ao visitar o país neste período, ao invés de encontrar apenas o nativo, bárbaro a seus olhos, e a natureza exuberante como acontecia nos séculos XVI, XVII e, até, XVIII, o viajante descobre uma cultura em processo de ocidentalização, ou seja, um povo (ou uma elite) ensaiando sua entrada na 'civilização'. Lembremos que, após a vinda e o estabelecimento da família real portuguesa no Brasil-Colônia, a Corte foi tomando ares de metrópole com a criação de órgãos administrativos, militares, educacionais e culturais compatíveis com a ascensão do país a Reino Unido a Portugal e, posteriormente, a nação independente, com a o grito do Ipiranga, resultado de complexos fatores, entre os quais sobressai a expectativa dos brasileiros de alcançarem sua autonomia política. Durante o Império, mais acentuadamente durante o longo reinado de Pedro II, a intenção, emanada do próprio monarca ilustrado, de transformar o país em uma nação moderna, multiplica as visitas de cientistas e artistas estrangeiros que aqui vêm, a convite ou com apoio da Coroa brasileira, para missões exploratórias e civilizadoras.

Alguns dos relatos desses viajantes fazem parte da biblioteca de consulta de Euclides e são citados n' *Os sertões: A Journey in Brazil*, 1867, do suíço Agassiz, que viaja pelo Brasil nos anos de 1865-1866, chefiando a Expedição Thayer, da Universidade de Havard, de que participa também o canadense Hartt, que escreve numerosos artigos sobre o Brasil; *The Naturalist on the River Amazonic*, de 1863, do americano Orville Derby; *O clima do Brasil*, 1896, do alemão naturalizado brasileiro, Draenert; *Travels in the interiors of Brazil*, do inglês George Gardner; *Noções Geográficas e Administrativas da Província de Minas Gerais*, de 1863, do alemão naturalizado brasileiro Gerber; *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*, do naturalista francês Emmanuel Liais, de 1872; *Reise in*

Brasilien in der Jahren 1817-1820 e Flora Brasiliensis (1840-1868) dos naturalistas alemães Martius e Spix, entre outros.

Muitas das obras acima mencionadas apresentam-se como documentos científicos de levantamento e análise de determinados aspectos geográficos, climáticos, geológicos, zoológicos e botânicos específicos do país e serviram a Euclides como suporte às suas descrições da região de sertão da *terra brasilis*, de sua fauna e flora; outras, como a de Agassiz, revelam o olhar do outro sobre nossa cultura. A intensa presença dessas obras, que mostram um Brasil visto por estrangeiros, na construção de *Os sertões*, sem contar a contribuição de obras de estrangeiros no delineamento teórico da obra (cito, de passagem, Taine, Lombroso, Maudsley, Buckle, Fouillé, Foville, Gumplowics, Hegel, Hobbes, Huxley, representantes de diferentes campos do conhecimento), demonstram o peso do olhar ‘de fora’ na edificação do modelo euclidiano para enxergar o Brasil profundo.

Esse olhar ‘de fora’ se evidencia desde o início do livro, no segundo parágrafo da primeira parte, “A terra”, quando Euclides insinua a presença de alguém que viaja: “De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa...”³. Depois da grandiosa panorâmica que o narrador estabelece para a visualização da natureza brasileira em direção ao sertão, em que, algumas vezes utiliza o verbo na primeira pessoa do plural, integrando o leitor à viagem, retoma o observador ‘de fora’: “E o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido...”⁴ Ainda no desenrolar da primeira parte do livro, ao descrever a *terra ignota*, o narrador, repetidas vezes, alude ao viandante, ao viajante, sob impacto da natureza do sertão – “E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto”⁵

As citações veladas ou desveladas de autores estrangeiros que, para a intelectualidade da época, concedem autoridade científica ao texto euclidiano, por outro lado, tornam-no mais próximo da herança cultural do leitor ocidental ou ocidentalizado. De maneira ainda mais sensível, dá-se essa aproximação quando, em sua escrita, Euclides utiliza metáforas, símiles, comparações, paradoxos, oxímoros em que o elemento sertanejo vem explicado através de imagem (em espelho fiel ou deformante) da cultura ocidental, desde a antiguidade greco-latina. Assim, por exemplo, constrói a imagem de um desconhecido (para o leitor estrangeiro e para o brasileiro litorâneo) – o sertanejo

³ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*, Campanha de Canudos. 28ª ed. Introd. Walnice Nogueira Galvão e nota explicativa de Teresinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves; Brasília: INL, 1979, P.5.

⁴ Id. lb.p.9.

⁵ Id. lb.,p.35.

vaqueiro - através do conhecido para o leitor ‘de fora’: Hércules-Quasímodo, união paradoxal do semi-deus grego e do personagem de Victor Hugo. Como esta, outras imagens são construídas, como a de “Tróia de taipa” para significar Canudos, “Nêmesis da família”, para a aguerrida Helena Maciel, além das alusões a Themison e Montano (o frígio), como rebeldes semelhantes ao Conselheiro, da referência à *wigwan*, habitação dos peles-vermelhas, para descrever os casebres dos habitantes de Canudos, entre muitas pois, os exemplos são, como poderia dizer Euclides, numerosos.

Evidentemente, muito mais numerosos são os exemplos de brasilidade da obra, considerada por brasileiros e por estrangeiros como a bíblia brasileira, o livro que identifica nosso país. Se seria, talvez, enfadonho citar os estudiosos brasileiros que assim consideram *Os sertões*, uma vez que esta opinião é praticamente consensual, trago aqui à lembrança as palavras iniciais de um estrangeiro que muito divulgou o livro de Euclides, Samuel Putnam, na introdução à sua famosa tradução do livro de Euclides, *Rebellion in the backlands*: “There can be no doubt that Euclides da Cunha’s *Os sertões* is a work that is unique not only in Brazilian but in world literature as well. In no other instance, probably, has there been such unanimity on the part of critics of all shades of opinion in acclaiming a book as the greatest and most distinctive which a people has produced, the most deeply expressive of that people’s spirit”.⁶

Na atualidade, outro tradutor de *Os sertões* e grande conhecedor da obra de Euclides, o alemão Berthold Zilly, considera-a como “a grande epopéia do interior do Brasil e da Guerra de Canudos, mas também a crítica contundente a aspectos destrutivos do processo de modernização e incorporação de ‘países novos’ (...) ao mercado mundial”⁷, mantendo linha assente de reconhecimento do caráter de brasilidade do livro.

Na verdade, ao elaborar uma explicação para Canudos e ao tentar equacionar os problemas nacionais, Euclides, como outros intelectuais latino-americanos de sua época, guia-se por esquemas mentais estrangeiros que nem sempre o aparelham bem para a compreensão dos fenômenos do continente. Assim, ele que fora, ainda que nos últimos dias do conflito, testemunha ocular do episódio, tenta conciliar o impossível: seu modelo científico, pautado em teorias da ciência novecentista, e sua observação da realidade que o conduz a conclusões discordantes. Deste modo, do embate entre modelo teórico e *corpus* em observação surgem as tantas vezes assinaladas contradições do texto euclidiano. É preciso,

⁶ PUTNAM, Samuel. “Brazil’s Greatest Book”: a translator’s introduction. In: CUNHA, Euclides da. *Rebellion in the backlands*. Chicago: University of Chicago Press, 1944, p.iii.

⁷ Zilly, Berthold. A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Da crônica à ficção.. In: CHIAPPINI, Ligia, AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.) *Literatura e História na América Latina*.. São Paulo: EDUSP, 1993, p.37.

porém, ressaltar que Euclides, através de procedimento que seria aprofundado e explicitado durante o modernismo brasileiro, tenta acomodar as lentes estrangeiras à paisagem brasileira na busca de melhor enxergá-la. Ressalto, também, que as fontes nacionais de ciência e história estão largamente disseminadas em *Os sertões*, como acontece com as sempre mencionadas contribuições de Teodoro Sampaio e as teses sobre a seca do cearense Senador Pompeu e as informações sobre os clãs Maciéis e Araújo do cearense por adoção João Brígido. Realço, também, que Euclides constrói uma obra tão sedutora mesmo em suas contradições que não só perpetua o episódio na memória e no imaginário do povo brasileiro como consegue atrair o leitor estrangeiro.

Em recente publicação, realçando um aspecto da leitura moderna de *Os sertões*, o crítico brasileiro Alfredo Bosi, lembra o que é, também, uma contribuição de Euclides à reflexão sobre o Brasil: a “condição sertaneja ganhou (...) uma consistência nova em nossas letras: *o estatuto de contradição*. Hoje podemos dialetizar o que no livro está em forma de opostos irreconciliáveis”⁸.

Outros motivos, porém, continuam a atrair o leitor ‘de fora’ para a obra de Euclides, como se dá com o romancista peruano Mario Vargas Llosa. Quando este intelectual do nosso tempo, confessa-se seduzido pela figura do intelectual *datado* do século XIX, Euclides da Cunha, encontra nele, apesar das diferenças impostas pelo largo tempo que os separa, alguns fortes pontos de identificação. Como Euclides, Vargas Llosa projeta seus conflitos de ser dilacerado por polarizações nos fanáticos que povoam sua obra e na própria luta entre civilização versus barbárie, eixo central também de seu livro totalizante sobre Canudos, o romance *La guerra del fin del mundo*, de 1981. Como Euclides, o escritor peruano sente-se um peregrino, o judeu errante, tentando construir sua nação através do livro total, o manual, a bíblia. Como Euclides, que adverte, na “Nota Preliminar” de *Os sertões*, a intenção de denunciar um crime e, mais adiante, chama sua obra de “livro vingador”, Vargas Llosa é o homem que fala (escreve) para agir sobre seu tempo.

Exercem os dois um papel político conhecido desde a antiguidade grega, cultura eminentemente voltada para a educação do homem da *polis* — a *paideia*⁹ —, quando homens usavam a palavra para orientar os outros homens: eram os mestres, encarnados, sobretudo, por poetas, oradores, políticos e filósofos. Essa função, que sofreu transformações radicais ao longo do tempo, foi preenchida na modernidade pelo intelectual, definido, a seguir, pela voz provocadora de Bernard-Henri Lévy:

⁸ BOSI, Alfredo. Canudos não se rendeu. In: _____ *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 220.

⁹ Ver JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

O intelectual, como todos sabem, é um animal moderno. Sempre houve escritores. Mas não houve sempre — é toda a diferença — artistas e escritores saindo de sua disciplina para, sem a sombra de um mandato, e fortalecidos por uma autoridade adquirida em outra parte, achar, ao mesmo tempo natural e útil, misturar sua voz aos grandes debates da cidade.¹⁰

Na América Latina, uma das mais instigantes reflexões sobre as origens e a formação do intelectual do continente é a de Ángel Rama, em seu livro *La ciudad letrada*. Do *descobrimento* ao fim da *belle époque*, o crítico uruguaio acompanha o intelectual em sua interação com a cidade. À cidade idealizada pela metrópole e realizada pelo conquistador-colonizador, corresponde a valorização da palavra escrita — as ordens do rei, as atas, os editos, as escrituras, as leis, enquanto ao campo corresponde a palavra oral. Mantenedora da ordem, a cidade representava a civilização, em meio ao vasto território da barbárie. A essência urbana do intelectual tem suas raízes em sua função de mediação entre o poder, da metrópole e de seus representantes coloniais, e o público. A partir do romantismo e das lutas pela emancipação, as ligações do intelectual com a metrópole européia esgarçaram-se, sobretudo, quando a literatura assume o discurso sobre a formação e a definição da nação.

No caso de Euclides, já herdeiro da geração de 70 e do naturalismo-realismo brasileiro, a relação cidade x campo transmuda-se em litoral x sertão significando civilização x barbárie. Assim, Euclides, como intelectual da civilização litorânea do final do século XIX, permeável aos influxos estrangeiros que vêm regularmente pelo mar, propõe claramente, em sua obra maior, estes dois pares de oposição como responsáveis pelo atraso e esquecimento a que estava relegada a população interiorana, fincando-os na base do grande conflito bélico da guerra de Canudos.

Hoje, quando pereceram muitas teorias científicas que serviram de base ao modelo teórico de *Os sertões*, outras questões de nossa nacionalidade, sugeridas pelo texto de Euclides, permanecem, como a difícil relação entre herança estrangeira e conceito de nacionalidade. A explicação de Vargas Llosa para a relação de atração/repulsa do intelectual latino-americano no que se refere ao europeu está na concepção da cultura do continente como uma cultura hermafrodita, o que pressupõe a acumulação da tradição européia *traduzida* e da experiência americana, entrecruzando-se com o conceito de *mirada estrábica*, de Ricardo Piglia: — “Hay que tener un ojo puesto en la inteligencia europea y el otro puesto en las entrañas de la

¹⁰ LÉVY, Bernard-Henri. *Elogio dos intelectuais*. Trad. Celina Luz. Rio de Janeiro: Rocco, 1968, p.26.

patria”¹¹ —, que interpreta a cultura argentina, conservando a mesma duplicidade antagônica do conceito vargasllosiano.

Essa união de contrários a indicar uma conformação anômala, lembra também a imagem do habitante do desconhecido novo mundo, como ser monstruoso. No imaginário europeu do século XV e XVI — como o comprovam os relatos fantásticos de imaginativos viajantes, até mesmo anteriores à *descoberta*, e os próprios documentos da chegada do europeu às terras que se chamariam América, como os diários e as cartas de Colombo —, as novas terras estavam povoadas por gente com rabo, seres sem cabelos, homens com um olho só ou com focinho de cachorro, além dos” selvagens bestiais”¹².

A partir dessa imagem recorrente de seres excêntricos, Shakespeare criou, em sua peça *A tempestade*, representada pela primeira vez em 1611, o personagem Caliban — “ser monstruoso, horrível, torrão de barro”¹³ —, hoje um dos símbolos de nossa latino-americanidade. Caliban é anagrama de canibal que, por sua vez, é corruptela de caraíba, tribo que deu nome à região do Caribe. À época da publicação do drama de Shakespeare, seu personagem Caliban não foi identificado com o ser do novo mundo, mas como o degrau mais baixo na esfera humana. A leitura de Caliban como metáfora do ser latino-americano, posta em prática no início do século XX, fundamenta-se em dados e sugestões da própria peça de Shakespeare. Sabe-se, por exemplo, que o conhecido ensaio de Montaigne sobre os canibais, nele apresentados sob ótica filosoficamente favorável, foi uma das fontes de leitura de Shakespeare para a criação de Caliban. O modelo Próspero-Caliban presta-se, ainda, à metáfora das relações entre o europeu e o americano pela situação análoga de conquistador e conquistado e pela transmissão do verbo do vencedor ao vencido, apresentadas no texto shakespeareano¹⁴.

Por outro lado, ao aceitarmos o olhar europeu sobre nós, reconhecendo como legitimamente nosso o nome com que o dramaturgo inglês batizou seu personagem monstruoso, nesse ato mesmo, confirmamos nossa vocação de Caliban-canibal. A dilatada discussão sobre a propriedade e os limites da metáfora de Próspero-Caliban para as relações entre o velho e o novo continente deu-se na época, em que também se discutiam as relações entre civilização e barbárie, colocadas em voga na América Latina, a partir do *Facundo* de

¹¹ PIGLIA, . Memoria y tradición, Anais do 2º Congresso Brasileiro ABRALIC – Literatura e Memória. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991, p.61.

¹² CARRILLO. Del inicio de la iniquidad en la literatura hispanoamericana: las cartas de Cristóbal Colón y Hernando Pizarro. *Revista de crítica literaria latinoamericana*, Lima, n.3, 1er semestre, p.19-20.

¹³ SHAKESPEARE, William. A tempestade. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, v.II, p.923.
¹⁴ Ver FERNÁNDEZ RETAMAR. *Caliban e outros ensaios*. Trad. Maria Helena Matte Hiriart e Emir Sater. São Paulo: Busca Vida, 1988 e ZEMSKOV, Valeri. Sobre las relaciones histórico-culturales de América Latina y el Occidente. El conflicto de Caliban y Próspero. *Latinoamérica*; anuario de estudios latinoamericanos-Universidad Autónoma de México, México, n.13, p. 115-178, 1980.

INSTRUÇÕES

REVISTA CANUDOS – FORMULÁRIO DE AQUISIÇÃO

Nome da Pessoa Física (+ profissão e lugar de trabalho) ou da Instituição

Endereço:.....

.....
CEP: Tel.: Fax:

e-mail:.....

MODALIDADE DA AQUISIÇÃO

1. NÚMEROS AVULSOS: Compra de números avulsos: R\$ 10,00 vide lista na página seguinte). Número(s) da revista (e/ou tems) e quantidade de exemplares solicitados (por número)
2. PERMUTA: Troca por publicação congênere – especificar em carta anexa.

OBSERVAÇÕES Para compra, enviar o formulário preenchido, acompanhado de CHEQUE NOMINAL ou de um comprovante de depósito bancário (para o Banco), em nome da: (citando no verso a finalidade do

pagamento), para o seguinte endereço:
Centro de Estudos Euclides da Cunha
Largo do Carmo, nº4 – Centro Histórico
CEP: 40.030-040 – Salvador/BA

REVISTA CANUDOS – NÚMEROS E TEMAS

Desde o fim de 1996, quando foi lançado o primeiro número, já foram publicados os seguintes números:

Revista Canudos nº 1 – Revista Canudos

Revista Canudos nº 2 – Outubro, 1897 - 100 anos de Canudos

Revista Canudos nº 3 – A seca

Revista Canudos nº 4 – Portais do sertão

Revista Canudos nº 5 – Calasans 1915-2001

INSTRUÇÕES AOS COLABORADORES

A **REVISTA CANUDOS** considera para publicação trabalhos originais que sejam classificados em uma das seguintes modalidades: resultados de pesquisa sob forma de artigos, ensaios e resumos de teses ou monografias; entrevistas, depoimentos e resenhas sobre publicações recentes.

Os trabalhos devem ser apresentados em disquete (Winword), ou via Internet para: unebceec@bol.com.br ou ceec@uneb.br, segundo as normas definidas a seguir:

1. Na primeira página deve constar: a) título do artigo; b) nome(s) do(s) autor(es), endereço, telefone, e-mail para contato; c) instituição a que pertence(m) e cargo que ocupa(m).

2. Resumo e Palavras-chave (português); Abstract e Key words (língua estrangeira): apenas 1 parágrafo por resumo/abstract.

3. As figuras, gráficos, tabelas ou fotografias, quando apresentados em folhas separadas, precisam indicar os locais onde devem ser incluídos, devem ser titulados e apresentar indicações sobre a sua autoria.

4. As notas numeradas devem vir numa lista ao final do artigo, antes da lista das referências bibliográficas: também os agradecimentos, apêndices e informes complementares.

5. Havendo necessidade de citação bibliográfica inserida no próprio texto, a mesma deve vir entre aspas, remetendo o leitor à referência bibliográfica, entre parênteses. Exemplo. (FREIRE, 1982:35), o que corresponde ao último sobrenome do autor, ano da publicação e número da página citada. Igual procedimento deve ser adotado para qualquer referência a um autor. Deste modo, no fim do texto devem constar apenas as notas explicativas estritamente necessárias.

6. Sob o título Referências devem vir no fim do artigo, após as notas, em ordem alfabética, conforme as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

7. Os artigos devem ter, no máximo, 30 páginas, e as resenhas até 4 páginas. Os resumos de teses/dissertação devem ter apenas 1 lauda, incluindo título, autor, orientador, instituição, e data da defesa pública.

Atenção: os textos só serão aceitos na seguintes dimensões no Winword 97 ou 2000: letra: Times New Roman 12; tamanho da folha: A4; margens: 2,5 cm; espaçamento entre as linhas: 1,5 linha; parágrafo justificado.

8. as colaborações encaminhadas à revista são submetidas à análise do Conselho Editorial, atendendo critérios de seleção de conteúdo e normas formais de editoração, sem identificação da autoria para preservar isenção e neutralidade de avaliação. A aceitação da matéria para publicação implica a transferência de direitos autorais para a revista.

A Comissão de Editoração

Produção Gráfica - PORTFOLIUM
Impressão - Print Folha
Salvador - Bahia - Brasil
dezembro de 2002